

ENTRE
O
TRADICIONAL
E O
CONTEMPORÂNEO:
A EVOLUÇÃO
DO HABITAT
MICAELENSE

RIBEIRA GRANDE

INTERVENÇÃO
NO
CABEÇO
DE
SANTA QUITÉRIA,
UNIDADE
DE APOIO
A ALOJAMENTO

ALENQUER

ENTRE
O
TRADICIONAL
E O
CONTEMPORÂNEO:
A EVOLUÇÃO
DO HABITAT
MICAELENSE

RIBEIRA GRANDE

INTERVENÇÃO
NO
CABEÇO
DE
SANTA QUITÉRIA,
UNIDADE
DE APOIO
A ALOJAMENTO

ALENQUER

ISCTE  **IUL**
Instituto Universitário de Lisboa

ESCOLA DE TECNOLOGIAS E ARQUITETURA
DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA E URBANISMO
MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITECTURA

NUNO JORGE CORREIA MATOS MELO SIMAS

TRABALHO DE PROJETO SUBMETIDO COMO REQUISITO PARCIAL PARA OBTENÇÃO DO
GRAU DE MESTRE EM ARQUITETURA

VERTENTE TEÓRICA
ENTRE O TRADICIONAL E O CONTEMPORÂNEO:
A EVOLUÇÃO DO HABITAT MICAELENSE. RIBEIRA GRANDE

ORIENTADORA:
PROFESSORA DOUTORA, SANDRA MARQUES PEREIRA, PROFESSORA AUXILIAR CONVIDADA
ISCTE – IUL

OUTUBRO 2018

“Nós queremos que quase todas as construções não apenas exerçam uma função específica, mas também tenham uma certa aparência, que contribuam para um determinado estado de espírito: de religiosidade ou erudição, rusticidade ou modernidade, comércio ou domesticidade. Podemos desejar que gerem uma sensação de segurança ou excitação, de harmonia ou contenção.

Podemos esperar que nos liguem ao passado ou sejam como num símbolo do futuro, e vamos reclamar (...). Numa sugestão mais abrangente, John Ruskin propôs que busquemos nos nossos edifícios duas coisas. Queremos que eles nos abriguem. E queremos que eles falem connosco – que falem connosco sobre aquilo que achamos importante e precisamos ser lembrados.”

Alain De Botton, *A Arquitetura da Felicidade*

1.1 RESUMO

Arquitetura; Tradicional; Popular; Contemporâneo; Proximidade; Distanciamento;
Ribeira Grande; Açoriano

A arquitetura açoriana é, na sua génese, tal como todos os territórios colonizados, um resultado da importação de modelos e tipologias arquitetónicas introduzidas pelos “povos” que colonizaram o arquipélago, fruto da expansão e conquista ultramarina. Estas “arquiteturas” adjacentes aos modos de vida foram, ao longo dos tempos, apreendidas ao espaço físico e aos seus condicionalismos, recriando novas formas de habitar um espaço até então desconhecido pelos portugueses.

O basalto, pedra de origem vulcânica, confere às construções, independentemente da sua tipologia, uma autenticidade, tanto a nível técnico-estrutural como a nível ornamental. A técnica foi sendo apurada e aperfeiçoada, atingindo um rigor e primazia nos elementos decorativos de fachada nunca antes alcançado.

Durante o período de consolidação dos espaços urbanos nas ilhas dos Açores, São Miguel foi a ilha que apresentou um maior e rápido crescimento demográfico, económico e urbano, sendo que mesmo antes de Ponta Delgada ser elevada cidade, em 1554, já existiam vários focos urbanos de importante relevo na ilha, como Vila Franca do Campo, Povoação, Ribeira Grande e Água de Pau.

O propósito da Vertente Teórica *Entre o Tradicional e o Contemporâneo: A Evolução do Habitat Micaelense, Ribeira Grande* está em compreender qual a distância arquitetónica que separa e/ou aproxima os modelos habitacionais de carácter tradicional/vernacular das habitações que compreendem uma linguagem mais contemporânea que, por vezes, contrasta com a envolvente construída, tendo como caso de estudo a cidade da Ribeira Grande.

A cidade da Ribeira Grande, considerada vila até 1983, foi um dos centros urbanos da ilha de São Miguel que sofreu um crescimento urbano e possui, a par de Ponta Delgada, um centro histórico que *contém* uma arquitetura quase exclusiva e com uma linguagem rica.

É o caso do *Estilo Micaelense*, designação utilizada pela primeira vez por Luís Bernardo Leite de Ataíde, que se resume a um tipo da decoração de fachadas baseada em superstições e nos medos causados pelas catástrofes naturais que abalaram o lugar da Ribeira Grande.

Os cinco Casos de Estudo, resultado de uma seleção de habitações na área urbana daquilo que é considerada a cidade e núcleo do Concelho de Ribeira Grande, que compreende as freguesias de Matriz, Conceição, Ribeira Seca, Santa Bárbara e Ribeirinha. Os Casos de Estudo estiveram sujeitos a várias análises de forma a encontrar e definir os pontos próximos e distantes com a Arquitectura Tradicional.

1.2 A B S T R A C T

Architecture; Traditional; Popular; Contemporary; Proximity; Distancing
Ribeira Grande; Azorean

The Azorean architecture is, in its origin, as all colonized territories are, a result of modelling and architectonic typology importation introduced by the people who colonized the archipelago due to the ultramarine expansion and conquer. These architectures are adjacent to the lifestyle that, through time, adapted to the site and its limitations, re-creating new ways to inhabit a space unknown until then to the Portuguese people.

Basalt, a volcanic origin rock, grants constructions, independently of its typology, authenticity, both at ornamental and technical-structural level. Its handling technique became refined and perfected reaching rigour and primacy on the decorative façade elements never reached before.

During the consolidation of urban spaces on the Azores Archipelago, São Miguel was the island which presented the fastest demographic, economic and urban growth, even before being recognized as a city, in 1554, there were already several urban foci on the island, such as Vila Franca do Campo, Povoação, Ribeira Grande and Água de Pau.

The purpose of the theoretical side of *Between the Tradicional and the Contemporary: The Evolution of the Micaelense Habitat, Ribeira Grande* is to reach the architectural distancing that separates and/or brings closer the habitational models of traditional/vernacular houses that include a contemporary language that is sometimes against the pre-existing buildings, having as a case study the city of Ribeira Grande.

Ribeira Grande city considered a town until 1983, was one of the São Miguel island urban centers that sustained urban growth and has, alongside with Ponta Delgada, a historic center that contains an almost exclusive architecture with a rich language.

It is the case of Micaelense Style, a designation used for the first time by Luís Bernardo Leitão de Ataíde. This style is abridged to a type of façade decorations based on superstitions and people's fears caused by natural catastrophes that shook Ribeira Grande.

The 5 Study Cases, result from a selection of houses inside the urban area from what is considered city and center of Ribeira Grande municipality, composed by the following parishes: Matriz, Conceição, Ribeira Seca, Santa Bárbara and Ribeirinha. The Study Cases were subject of numerous analysis in order to find and define nearest and furthest points with Traditional Architecture

INDICE ILUSTRAÇÕES

INTRODUÇÃO

Imagem **01** O Challet do Dr. Ernesto do Canto, Furnas, *Álbum Açoriano*

Imagem **02** Um domingo de verão em Casa da minha Avó Teresa, anos 90, *Nuno Simas*

Imagem **03** Reabilitação de uma moradia de tipologia tradicional, centro da Ribeira Grande,

CONTEXTUALIZAÇÃO

Imagem **04** Archipelago dos Açores, *Mês do Sonho*

Imagem **05** Vista Aérea, zona noroeste de São Miguel, GoogleEarth 2018

Imagem **06** Vista Aérea, Ribeira Grande, GoogleEarth 2018

Imagem **07** Costa Ilha do Corvo, *Arquitetura Popular dos Açores*

Imagem **08** Projeto de Casa de caráter regional, *Revista Michaelense, n3*

Imagem **09** Casas Portuguesas, *Raul Lino, <https://www.wook.pt/livro/casas-portuguesas-raul-lino/95530>*

Imagem **10** Hipsometria parcial do Concelho da Ribeira Grande, *CMRG*

Imagem **11** Vista do Jardim Municipal Ribeira Grande, *Arquitetura Popular dos Açores*

Imagem **12** Vista Costa Norte de São Miguel, *A Tipologia da Bretanha na Tradição de Casa Popular Micaelense. A Importância do Lugar na Construção da Identidade*

Imagem **13** Vista Aérea, Centro Ribeira Grande, *Arquitetura Popular dos Açores*

Imagem **14** Câmara Municipal Ribeira Grande, <http://historiadosacores.tumblr.com/tagged/Cidade-da-Ribeira-Grande>

Imagem **15** Igreja Matriz Ribeira Grande, <http://historiadosacores.tumblr.com/tagged/Cidade-da-Ribeira-Grande>

Imagem **16** Igreja Nosso Senhor dos Passos, *Arquitetura Popular dos Açores*

Imagem **17** Pormenor lintel, desenho, *Cidades e Casas da Macaronésia*

Imagem **18** Exemplo Janela Estilo Micaelense, *Arquitetura Popular dos Açores*

- Imagem 19 Exemplo Janela Estilo Micaelense, *Cidades e Casas da Macaronésia*
- Imagem 20 Pormenor fachada Estilo Micaelense, GoogleEarth 2018
- Imagem 21 Pormenor fachada Estilo Micaelense, GoogleEarth 2018
- Imagem 22 Exemplo habitação Estilo Micaelense, Santa Maria, *Cidades e Casas da Macaronésia*
- Imagem 23 Levada da Condessa, *Arquitetura Popular dos Açores*
- Imagem 24 Moinho de Água, Avenida Luís de Camões, Ribeira Grande, *GoogleEarth 2018*
- Imagem 25 Moinho de Água, Rua do Berquó, Ribeira Grande, *GoogleEarth 2018*
- Imagem 26 Corte/alçado de tipologia moinho, *Arquitetura Popular dos Açores*
- Imagem 27 Planta de tipologia moinho, *Arquitetura Popular dos Açores*
- Imagem 28 *Etnografia, Arte e Vida Antiga dos Açores*, Luís Bernardo de Ataíde
- Imagem 29 *Mês de Sonho*, J. Leite de Vasconcelos
- Imagem 30 *Arquitetura Popular dos Açores*, Ordem dos Arquitetos
- Imagem 31 Ilha de São Miguel, www.mapas-portugal.com/Mapa_Ilha_Sao_Miguel_Portugal.htm
- Imagem 32 Rua Freguesia das Sete Cidades, São Miguel, *GoogleEarth 2018*
- Imagem 33 Rua Freguesia de Santa Barbara, São Miguel, *GoogleEarth 2018*
- Imagem 34 Rua Concelho da Povoação, São Miguel, *GoogleEarth 2018*
- Imagem 35 Vista Aérea, Furnas, São Miguel, *GoogleEarth 2018*
- Imagem 36 *As Conversadeiras*, Ribeira Seca, São Miguel, *A Tipologia da Bretanha na Tradição de Casa Popular Micaelense*
- Imagem 37 Rua perto da costa, São Miguel, *Arquitetura Popular dos Açores*
- Imagem 38 Casa em Ribeirinha, São Miguel, *A Tipologia da Bretanha na Tradição de Casa Popular Micaelense*
- Imagem 39 Fachada pigmentada, *Arquitetura Popular dos Açores*
- Imagem 40 Relação Rua-Tardoz, *Arquitetura Popular dos Açores*
- Imagem 41 Habitação de planta dobrada, *Arquitetura Popular dos Açores*
- Imagem 42 Recriação cozinha micaelense no Museu Carlos Machado, *Cidades e Casas da Macaronésia*
- Imagem 43 Casa com cozinha dissociada, *Cidades e Casas da Macaronésia*
- Imagem 44 Casa linear, *Cidades e Casas da Macaronésia*
- Imagem 45 Casa com cozinha integrada, *Cidades e Casas da Macaronésia*
- Imagem 46 Casa térrea rural, *Álbum Açoriano*

Imagem 47 A falsa, *Arquitetura Popular dos Açores*

Imagem 48 Estrutura de cobertura em madeira, *Vila Conceição Proposta De Reabilitação Para Turismo Em Espaço Rural*

Imagem 49 Estrutura de cobertura em madeira, *Vila Conceição Proposta De Reabilitação Para Turismo Em Espaço Rural*

Imagem 50 Solar dos Botelhos, Ribeira Grande, *Cidades e Casas da Macaronésia*

Imagem 51 Capela Solar do Vencimento, Ribeira Grande, *Ribeira Grande: A Cidade e o Seu Concelho*

Imagem 52 Capela Solar S. Vicente Ferrer, Ribeira Grande, *Ribeira Grande: A Cidade e o Seu Concelho*

Imagem 53 Casa Influência Colonial, Ribeira Grande, *GoogleEarth 2018*

Imagem 54 Ponte dos 8 Arcos, Ribeira Grande, *Álbum Açoriano*

Imagem 55 Desenho Casa Almeida e Lima, João Correia Rebelo, *Projeto de Licenciamento*

Imagem 56 Casa Almeida e Lima, João Correia Rebelo, *Projeto de Licenciamento*, planta R/c

Imagem 57 Casa Almeida e Lima, João Correia Rebelo, *Projeto de Licenciamento*, planta 01

Imagem 58 Casa Almeida e Lima, João Correia Rebelo, *Projeto de Licenciamento*, planta 02

Imagem 59 Casa Almeida e Lima, João Correia Rebelo, *GoogleEarth 2018*

Imagem 60 Casa Rua Ponte Nova, José Casanova, *Projeto de Licenciamento*, planta 01

Imagem 61 Casa Rua Ponte Nova, José Casanova, *GoogleEarth 2018*

METODOLOGIA

Imagem 62 Localização dos Casos de Estudo, *GoogleEarth 2018*

Imagem 63 Habitações pré-selecionadas e Casos de Estudo, *Nuno Simas*

CASOS DE ESTUDO

Imagem 64 Localização Caso Estudo 1, *GoogleEarth 2018*

Imagem 65 Estrutura de Apoio Agrícola, Rua da Cidade, Fenais da Luz, *GoogleEarth 2018*

Imagem 66 Fachada da Rua, *Nuno Simas*

Imagem 67 Terreno a tardoz, *Nuno Simas*

Imagem 68 Espaço exterior a tardoz, *Nuno Simas*

Imagem 69 Espaço exterior a tardoz, *Nuno Simas*

- Imagem **70** Casa com mirante, vista da Rua de São Vicente, Ribeira Grande, *GoogleEarth 2018*
- Imagem **71** Volumetria superior, *Nuno Simas*
- Imagem **72** Planta piso 00, *Projeto de Licenciamento*
- Imagem **73** Planta piso 01, *Projeto de Licenciamento*
- Imagem **74** Planta cobertura, *Projeto de Licenciamento*
- Imagem **75** Alçado Frente Rua, *Projeto de Licenciamento*
- Imagem **76** Alçado – corte Longitudinal, *Projeto de Licenciamento*
- Imagem **77** Alçado a tardoz, *Projeto de Licenciamento*
- Imagem **78** Localização Caso Estudo 2, *GoogleEarth 2018*
- Imagem **79** Restaurante Alabote, Ribeira Grande, *GoogleEarth 2018*
- Imagem **80** Fachada nascente, rua, *Nuno Simas*
- Imagem **81** Fachada Sul, muro de basalto, *Nuno Simas*
- Imagem **82** Exterior, presença de elementos em basalto, *Nuno Simas*
- Imagem **83** Interior, lareira em basalto, *Nuno Simas*
- Imagem **84** O forno, *Nuno Simas*
- Imagem **85** O espaço de apoio e que antes era a habitação do lavrador, *Nuno Simas*
- Imagem **86** Diferentes materiais aplicados no exterior, *Nuno Simas*
- Imagem **87** Diferentes materiais aplicados no exterior, *Nuno Simas*
- Imagem **88** Planta piso 00, *Projeto de Licenciamento*
- Imagem **89** Planta piso 01, *Projeto de Licenciamento*
- Imagem **90** Planta cobertura, *Projeto de Licenciamento*
- Imagem **91** Alçado Sul, *Projeto de Licenciamento*
- Imagem **92** Alçado Nascente, *Projeto de Licenciamento*
- Imagem **93** Localização Caso Estudo 3, *GoogleEarth 2018*
- Imagem **94** Casa de familiar do proprietário, Rua Frei Agostinho Mont'Alverne, Ribeira Grande, *GoogleEarth 2018*
- Imagem **95** Fachada de Rua e os dois acessos ao lote, *Nuno Simas*
- Imagem **96** Corredor de acesso aos quartos, piso 1, *Nuno Simas*
- Imagem **97** Espaços Exteriores, *Nuno Simas*

- Imagem **98** Espaços de cultivo agrícola, *Nuno Simas*
- Imagem **99** Revestimento de paredes exteriores, *Nuno Simas*
- Imagem **100** Revestimento de pavimentos interiores, quartos, *Nuno Simas*
- Imagem **101** Planta piso 00, *Projeto de Licenciamento*
- Imagem **102** Planta piso 01, *Projeto de Licenciamento*
- Imagem **103** Planta cobertura, *Projeto de Licenciamento*
- Imagem **104** Alçado Frente Rua, *Projeto de Licenciamento*
- Imagem **105** Alçado Sul, *Projeto de Licenciamento*
- Imagem **106** Localização Caso Estudo 4, *GoogleEarth 2018*
- Imagem **107** Vãos exteriores como molduras para a envolvente, *Nuno Simas*
- Imagem **108** Relação entre o Caso de Estudo e o projeto posterior, *Nuno Simas*
- Imagem **109** Relação entre o Caso de Estudo e o projeto posterior, *Nuno Simas*
- Imagem **110** Relação de ícone, *Nuno Simas*
- Imagem **111** Relação com a envolvente construída, *Nuno Simas*
- Imagem **112** Planta piso 00, *Projeto de Licenciamento*
- Imagem **113** Planta piso 01, *Projeto de Licenciamento*
- Imagem **114** Planta cobertura, *Projeto de Licenciamento*
- Imagem **115** Alçado Norte, *Projeto de Licenciamento*
- Imagem **116** Alçado Nascente, *Projeto de Licenciamento*
- Imagem **117** Alçado Poente, *Projeto de Licenciamento*
- Imagem **118** Localização Caso Estudo 5, *GoogleEarth 2018*
- Imagem **119** Habitação projetada por Nemésio Branco-Pereira, Lagoa, São Miguel, *GoogleEarth 2018*
- Imagem **120** Relação entre a habitação, rua e muro do Solar do Vencimento, *Nuno Simas*
- Imagem **121** Fachada de Rua, vista a poente e nascente, *Nuno Simas*
- Imagem **122** Fachada de Rua, vista a poente e nascente, *Nuno Simas*
- Imagem **123** Marcação entre o privado e a rua, *Nuno Simas*
- Imagem **124** Planta piso -01, *Projeto de Licenciamento*
- Imagem **125** Planta piso 00, *Projeto de Licenciamento*
- Imagem **126** Planta cobertura, *Projeto de Licenciamento*

Imagem **127** Fachada de Rua, vista a poente e nascente, *Nuno Simas*

Imagem **128** Alçado Poente, *Projeto de Licenciamento*

Imagem **129** Alçado Poente, *Projeto de Licenciamento*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Imagem **130** Habitações projetadas por Eduardo Souto Moura, Sete Cidades, São Miguel, *João Morgado*

Imagem **131** Casa Voo dos Pássaros, Bernardo Rodrigues, *Fernando Guerra*

À MINHA MAE, AVÓ E RESTANTE FAMILIA.

A TODOS OS MEUS AMIGOS

À PROFESSORA SANDRA POR TODA A DISPONIBILIDADE E APOIO PRESTADO E AO
PROFESSOR PEDRO MENDES PELAS CRÍTICAS E INCENTIVO AO LONGO DO PROCESSO.

AOS QUE TORNARAM TUDO ISTO POSSIVEL:

OBRIGADO

1. RESUMO / ABSTRACT **02**
2. INDICE DE ILUSTRAÇÕES **06**
3. AGRADECIMENTOS **12**
4. INTRODUÇÃO **16**
5. CONTEXTUALIZAÇÃO
 - 5.1 Açores e São Miguel
 - 5.1.1 Notas Sobre Povoamento, Geografia, Clima e Paisagem **26**
 - 5.2 Ribeira Grande: Urbanismo e Arquitetura
 - 5.2.1 Evolução do Espaço Urbano **37**
 - 5.2.2 Arquitetura de Referência **43**
 - 5.2.3 O Estilo Micaelense **50**
 - 5.2.4 A Arquitetura Doméstica como Produção: os Moinhos de Água **56**
 - 5.3 A Habitação Tradicional Micaelense: a Casa Rural e a Casa Urbana
 - 5.3.1 Arquitetura e Regionalismo **64**
 - 5.3.2 A Casa Micaelense: as suas diferenças **68**
 - 5.3.3 A Casa Tradicional na Ribeira Grande **74**
 - 5.3.4 A Casa de Influência Erudita na Ribeira Grande **91**

5.4 O Moderno na Ribeira Grande

- 5.4.1 Precedentes da Habitação Moderna **08**
- 5.4.2 Dois Exemplos: A Casa Almeida e Lima **102**
- 5.4.3 Dois Exemplos: A Casa da Rua da Ponte Nova **108**

6. METODOLOGIA **112**

7. CASOS DE ESTUDO

- 7.1 Caso de Estudo 1 **117**
- 7.2 Caso de Estudo 2 **133**
- 7.3 Caso de Estudo 3 **150**
- 7.4 Caso de Estudo 4 **166**
- 7.5 Caso de Estudo 5 **180**

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS **193**

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS **199**

10. ANEXOS **203**

- 10.1 Anexo A
- 10.2 Anexo B
- 10.3 Anexo C
- 10.4 Anexo D

4 .

INTRODUÇÃO

O Território; A Casa; O Espaço de Estudo; Os Casos de Estudo

Todo o território serve como cenário de propagação para a partilha de técnicas e linguagens arquitetónicas entre núcleos sociais que na sua génese são caracterizados por valores vernaculares, primários e de particularidades arcaicas, que ao longo do tempo, e em consequência de uma maior abertura ao exterior e “à modernização”, divergiu para tipos influenciados por diversas abordagens, ora de afirmação da identidade regional ora de afastamento¹.

¹ “A progressão limitada de saber pode dever-se a motivos socioculturais, mas também a fronteiras geográficas ou administrativas impostas à comunidade. A sua intransponibilidade define o uso de recursos locais: matérias-primas e processos construtivos por estas permitidas. Estes são definidos pela simplicidade, de modo a serem do domínio da comunidade que os desenvolve, o que consequentemente leva a resultados similares em termos de forma e de adequação ao uso.” JORGE, Pedro Fonseca, *A Arquitectura Popular como Transição Entre o Vernáculo e Erudito, Uma tentativa de definição dos diferentes contextos arquitetónicos de raiz não-erudita*, ESG, Escola Superior Gallaecia



1

O Challet do Dr. Ernesto do Canto, Furnas
In *Álbum Açoriano*

O território a abordar – **Ribeira Grande, Ilha de São Miguel** - possui características que o aproximam à ruralidade, pela sua escala territorial e pela dimensão dos núcleos urbanos. Este sentido de ruralidade esteve sempre presente na arquitetura, que por sua vez foi transportada para a habitação como reflexo dos modos de vida que ainda hoje persistem em certas partes da ilha, e do arquipélago. E submetidos ao poder da paisagem - pela presença do mar e da terra - repleta de enquadramentos pitorescos que servem de pano de fundo às vivências coletivas, muitas vezes influenciadas pelo grande fervor religioso (Fernandes, 1992).

Esta dimensão rural, perturbada por manifestações exteriores (1), sobrevive quase como um modo *ancestral*, cristalizado no tempo, no espaço e na forma de viver o *habitat*. Manifestações que também foram manipulando o processo de ocupação do território², e que de certo modo, fizeram parte do processo evolutivo das comunidades, e do espaço habitável a que chamamos de *casa*, originando novas peças e desenhos que partilham entre si, os valores da família.³

A vivência em vários e diferentes modelos domésticos (2) sempre acompanhou de forma paralela, o meu crescimento pessoal, provocando um conjunto de interrogações com a intenção de compreender o *porquê* dessa diferença e da *idealização* de um espaço destinado à família e que respondesse a diferentes equilíbrios: entre o dispensável e o indispensável. Esta investigação vem desvendar o mito da diferença, da oposição, da multiplicidade, do contraste e do choque de uma imagem mental que nasceu da cristalização de um pensamento e da memória. Uma imagem cujo o resultado foi baseado em experiências vividas em vários espaços domésticos.

² "(...) porque todas as civilizações parecem ter nascido de uma fertilização cruzada, sendo que a paisagem local deve sem dúvida resultar da cisão do regional com a cultura universal." JORGE, Pedro Fonseca, *A Arquitectura Popular como Transição Entre o Vernáculo e Erudito, Uma tentativa de definição dos diferentes contextos arquitetónicos de raiz não-erudita*, ESG, Escola Superior Gallaecia

³ MAGALHÃES, Joully Mayrink, *A Influência da Moradia nas Relações Familiares: Uma Análise das Famílias em Risco Social*, 4º Simpósio Mineiro de Assistentes Sociais 2016, CRESS-MG



2

Um domingo de verão em Casa da minha Avó Teresa, anos 90

Independentemente das diferentes linguagens consideradas pelas várias tendências arquitetônicas, tanto no contexto tradicional como no contemporâneo, o invólucro da habitação compreende um conjunto de histórias e acontecimentos próprios.

A casa é um espaço que encerra em si um conjunto de rotinas diárias, regras próprias, influenciadas pelo modo de vida incutido nos *habitantes* e que estes assumem como um espaço seu e onde afirmam a sua identidade. Um espaço de valor, de memória e de partilha.

Assim, mais do que um objeto arquitetónico construído, a habitação possui uma conotação simbólica onde a sua implantação na cidade influencia o grau de cumplicidade ou de isolamento com o meio envolvente.⁴ “*A casa deixara de ser meramente um abrigo perante os elementos da Natureza, uma proteção contra o invasor – apesar destas terem continuado sendo funções importantes – e torna-se o ambiente para uma unidade social nova e compacta: a família.*” (Rybczynski, 2002:87)

No fundo, a habitação evoluiu de modo a considerar as necessidades e o nível de conforto dos *habitantes*. É o refúgio, o lugar onde se desenvolve as relações familiares e interpessoais, com aqueles mais próximos e onde se fortalece o desejo de permanência e de pertença.⁵

Este trabalho também se baseia na comparação entre o modelo de habitação tradicional e os vários tipos construídos nos dias de hoje. Esta mesma comparação levará à compreensão do grau de *cumplicidade* entre diferentes modelos/tipologias. E em resposta a este propósito, foi realizado um estudo de várias habitações contemporâneas vezes desconhecidas, desvalorizadas e colocadas à margem de várias investigações de foro académico e/ou institucional que gozam de um foco dentro do campo tradicional e popular, de modo a valorizar e conservar uma linguagem típica, regional e etnográfica. (FERNANDES, 2009). É um contributo à divulgação de peças de arquitectura habitacional, de posição contemporânea, que num contexto rural, são muitas vezes *marginalizadas* pelos olhares conversadores dos leigos à arquitetura.

⁴ MAGALHÃES, Joully Mayrink, *A Influência da Moradia nas Relações Familiares: Uma Análise das Famílias em Risco Social*, 4º Simpósio Mineiro de Assistentes Sociais 2016, CRESS-MG

⁵ MAGALHÃES, Joully Mayrink, *A Influência da Moradia nas Relações Familiares: Uma Análise das Famílias em Risco Social*, 4º Simpósio Mineiro de Assistentes Sociais 2016, CRESS-MG

Assim, a investigação está estruturada em três partes, em que a primeira é relativa ao enquadramento geral do território em que estão expostos temas relativos à evolução da ocupação do território, à história social e económica, à caracterização da paisagem e do clima de São Miguel, e também dos Açores.

Também na primeira parte são abordados os mesmos conteúdos relativos à cidade da Ribeira Grande, o território de análise: um ponto urbano que se desenvolveu ao longo de um planalto costeiro, a norte da Ilha de São Miguel⁶.

A abordagem alusiva à Ribeira Grande será complementada com particularidades que afirmam este centro urbano, como o *Estilo Micaelense*, designação utilizada pela primeira vez por Luís Bernardo Leite de Ataíde⁷. Ou os moinhos de água, que aliavam a arquitetura doméstica à arquitetura de produção e que contribuíram para o crescimento e enriquecimento da ainda designada vila, utilizando a força da água para a moagem do trigo, e mais tarde do milho.

Na temática da habitação, e já relativa à segunda parte da investigação, é apontada uma abordagem sobre os principais modelos habitacionais (casa térrea e casa de influência erudita), de carácter tradicional, existentes na ilha na Ribeira Grande, seguindo: **leitura altimétrica** (tipologia e composição de fachada), **leitura planimétrica** (organização e composição espacial interior e implantação) e **materialidade** (revestimentos, elementos estruturais, sistemas construtivos, materiais aplicados).

⁶ PONTE, António Crispim A. Borges, *Monografia Histórico-Geográfica do Concelho da Ribeira Grande* (2ª edição). Ribeira Grande, Câmara Municipal da Ribeira Grande, 1992

⁷ ATAÍDE, Luís Bernard Leite de, *Etnografia. Arte e Vida Antiga dos Açores*, [s.l.], Ed. Presidência do Governo/Direção Regional da Cultura.



3

Reabilitação de uma moradia
de tipologia tradicional,
no centro da Ribeira Grande, ES

A casa térrea e a casa de influência erudita partilham grandes similaridades entre si no que toca ao desenho e à linguagem arquitetónica, mas a sua relação com o contexto urbano dita, conseqüentemente, o programa habitacional.

A terceira parte deste trabalho compreende os Casos de Estudos. Para tal, foram selecionadas dez habitações segundo dois critérios - **a linguagem altimétrica e o ano de construção**. A linguagem altimétrica corresponde à composição e ao desenho de fachada que não “respeita” a tipologia da habitação tradicional (janela – porta – janela), e à métrica clássica destes mesmos. E o segundo critério de seleção define o ano de construção da habitação. Todos os casos selecionados estão integrados entre duas margens temporais: entre os anos de 2000 e 2017. A opção de definir estas duas balizas no tempo resulta do impulso que se verificou a partir do ano de 2000 na construção de *habitações de autor* que não estavam inseridos no modelo de habitação tradicional local e da *casa portuguesa*.

Apesar do aumento de construção de habitações que não seguem a tendência arquitetónica do contexto e que marca este período, mantem-se a construção de outras habitações que seguem a tipologia da habitação tradicional e da casa portuguesa⁸.

Após a seleção das habitações, uma análise a elementos escritos e desenhados foram fundamentais para a compreensão de pontos e de características que estas possivelmente possuem em comum.

A todo este processo de investigação foram incluídos depoimentos de arquitetos e proprietários de cinco habitações⁹ que de certa forma, são contributos para uma melhor compreensão e definição de um discurso crítico.

⁸ “A cidade tem igualmente crescido em termos de expansão urbana nos últimos anos, nomeadamente com a construção de moradias unifamiliares e de pequenos blocos residenciais, nem sempre no melhor gosto arquitetónico (muitas vezes com recuso ao equivocado e muito revisitado estilo da “Casa Portuguesa Regional”). Mesmo assim, alguns exemplos de habitações com desenho contemporâneo podem assinalar-se (...).” FERNANDES, José Manuel, *Arquitectura Contemporânea dos Açores*, Açores, Edição Presidência do Governo Regional dos Açores/ Direção Regional da Cultura, 2009

⁹ A redução de do número de Casos de Estudo esteve relacionada com a disponibilidade dos arquitetos e dos proprietários para contribuir para este trabalho.

A abordagem final terá a intenção de, após este entendimento e análise dos aspectos arquitetônicos das habitações selecionadas, criar um discurso, que reflita o entendimento de quais os pontos em comum e quais os de oposição entre os modelos tradicionais e contemporâneos (3).

5.1.1

AÇORES E SÃO MIGUEL

Notas Sobre Povoamento, Geografia, Clima e Paisagem

O Arquipélago dos Açores (4) situa-se em pleno Oceano Atlântico fazendo parte integrante da Macaronésia¹. É composto por nove ilhas distribuídas em três grupos - Grupo Oriental (Ilhas de São Miguel e Santa Maria), Grupo Central (Ilhas de Terceira, Graciosa, Pico, Faial e São Jorge) e Grupo Ocidental (Ilhas de Flores e Corvo),² sendo a Ilha de São Miguel a mais *cobiçada*, devido à sua porção territorial e às possibilidades na ocupação e colonização.

A Ilha de São Miguel foi povoada, essencialmente, por famílias norte-alentejanas, estremenhas e madeirenses, influenciando a forma de ocupação e de construção do espaço urbano.³

¹ma.ca.ro.né.si.a. Do grego *makaron nesoí*, “ilhas abençoadas”
Região biogeográfica que compreende quatro arquipélagos de origem vulcânica e de afinidades biológicas, geológicas e humanas.

A fauna e flora da região são bastante diversificadas, abundando as espécies endémicas.

² Aceita-se o ano de 1432, mas várias teses colocam em causa o ano exato da descoberta dos Açores e de outros arquipélagos.

³“(…) onde a disposição faz lembrar a Estremadura, onde há outros traços do centro, onde certos aspetos da casa rural reproduzem as do Alentejo.” (MEDEIROS, 1969:106)



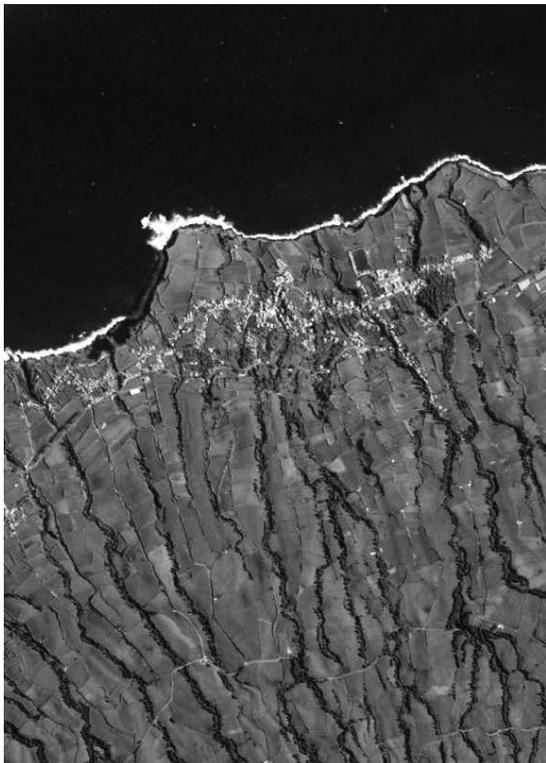
O processo de colonização trouxe consigo um conjunto de hábitos e costumes associados a quem o iniciou num território totalmente desconhecido na sua geografia e na sua morfologia. Modelaram-se ao território e à paisagem a partir das suas rotinas e originaram um conjunto de formas de viver como reflexo da necessidade de subsistência e de sobrevivência.⁴ A ocupação foi sendo estabelecida ao longo da costa, estendendo-se para o interior. Uma forma de povoamento linear - aglomerado, como uma linha que interliga todos os povoados e que ainda hoje é visível, ao longo do perímetro territorial.

Estas ilhas caracterizam-se pela forte insularidade e distância face ao Continente Português, o que contribuiu para a preservação e para a lenta modificação de hábitos, ao mesmo tempo para uma posição de rigidez e resistência face ao desconhecido e à novidade. Na arquitetura doméstica, nos dias de hoje, por exemplo, são reproduzidos modelos que seguem o desenho planimétrico e altimétrico da habitação tradicional e da *Casa Portuguesa*. Todos estes fatores intensificaram a ideia de identidade, de afirmação de valores e de hábitos e, ainda, a personalidade do povo açoriano.

A paisagem é análoga a todas as ilhas do arquipélago: um cone vulcânico coroa a ilha e pousa sobre uma plataforma que se estende até ao mar. A ocupação do território também se dá da mesma forma em todas elas – a sudeste e num ponto abrigado dos ventos, de fácil acesso ao mar (5, 6 e 7).

Toda a paisagem açoriana é caracterizada pelas suas altas falésias que dificultam o acesso ao mar. A linha sinuosa da costa abre-se em baías de areia negra que por vezes são pontuadas por arribas. A vegetação, constante e variada, penetra até o ínfimo pedaço de terra, e tal como as linhas de água, estendem-se até ao litoral.

⁴ Viriato Campos em *Sobre o Descobrimento e Povoamento dos Açores*, afirma que tendo em base cartografia existente, em 1507 o território apresentava uma ocupação territorial consolidada, sendo que no século XVI toda as ilhas eram ocupadas à exceção das Ilhas de Corvo e Flores.



5

Vista Aérea, zona noroeste de São Miguel



6

Vista Aérea, Ribeira Grande

Basta uma breve descrição presente no *Livro sobre as Paisagens dos Açores*⁵ para entender a força e intensidade que esta pode exercer na *condição humana*.

As condições meteorológicas, em simultâneo com as características do solo, foram condicionantes para a produção agrícola e “*como o relevo da maior parte das ilhas é muito enérgico, as massas de ar subindo as encostas conduzem a humidade que contêm. A partir dos 300 – 400 metros as ilhas estão envoltas de nevoeiro, mesmo no período mais seco do ano. Daí a existência de duas zonas de ocupação do solo, a mais baixa em que predominam as culturas e onde se encontram os lugares habitados, e além dela os pastos, que à exceção do Pico, sobem quase aos cimos mais elevados.*”⁶

O trigo foi a primeira grande manifestação. Desde o início da sua cultura que esta matéria prima era exportada para Portugal Continental, Madeira, Norte de Africa, França, Inglaterra, Flandres e Andaluzia. (MEDEIROS, 1969)

O seu cultivo em massa originou a saturação do solo e este foi rapidamente substituído pelo milho. Outras plantações foram introduzidas caindo em decadência como o caso do pastel - uma planta tintureira, o ananás ou a laranja. Todos eles com potencial de exportação para vários pontos da Europa e da América do Norte

⁵ “*Na linha de costa, onde o mar encontra a terra, observam-se com frequência combinações admiráveis de azuis com um verde leitoso, depois transformados no branco da rebentação, que se espalha ou embate violentamente sobre a lava negra contrastante. Ao contemplar a partir de pontos elevados esta extensíssima massa de água, tem-se a sensação que o oceano se comporta como um gigante tranquilizador que pacifica os sons e os ritmos das atividades humanas na paisagem. Pelo contrário, quando o estado do tempo se agrava o mar acinzentado e limita os horizontes das ilhas, separando-as e envolvendo-as numa densa bruma húmida, que reforça a sensação de isolamento no meio do Atlântico.*” D’ABREU, A.C., et al, *Livro das Paisagens dos Açores – Contributos para a Identificação e Caracterização das Paisagens dos Açores*, Ed. Secretaria Regional do Ambiente e do Mar, 2005, p.22

⁶ De BRITO, Raquel Soeiro, *São Miguel a Ilha Verde, Estudo Geográfico (1950-2000)*, Ponta Delgada, 2004, p.63



7
Costa Ilha do Corvo

No contexto económico, o arquipélago sempre possuiu a sua base na agricultura, porém a produção industrial afirmou-se ao longo dos anos, mas sempre um carácter de agrícola.

É com a exportação da laranja de São Miguel para Inglaterra que se dá a primeira grande abertura do território insular, na Idade Moderna, ao exterior. O negócio fez com que um conjunto de famílias viessem para São Miguel, onde construíram casas de veraneio dentro dos modelos residenciais do Norte da Europa.

Assim, neste período de abertura, a Arquitetura esteve sujeita à tendência de reproduzir modelos opostos aos pré-existentes com a construção de outros importados, num período (8 e 9) em que já se buscava afirmar uma linguagem nacionalista e regionalista na Arquitetura (ALBERGARIA, 2004).



Projecto da casa de carácter regional

8
Projeto de Casa de caráter regional

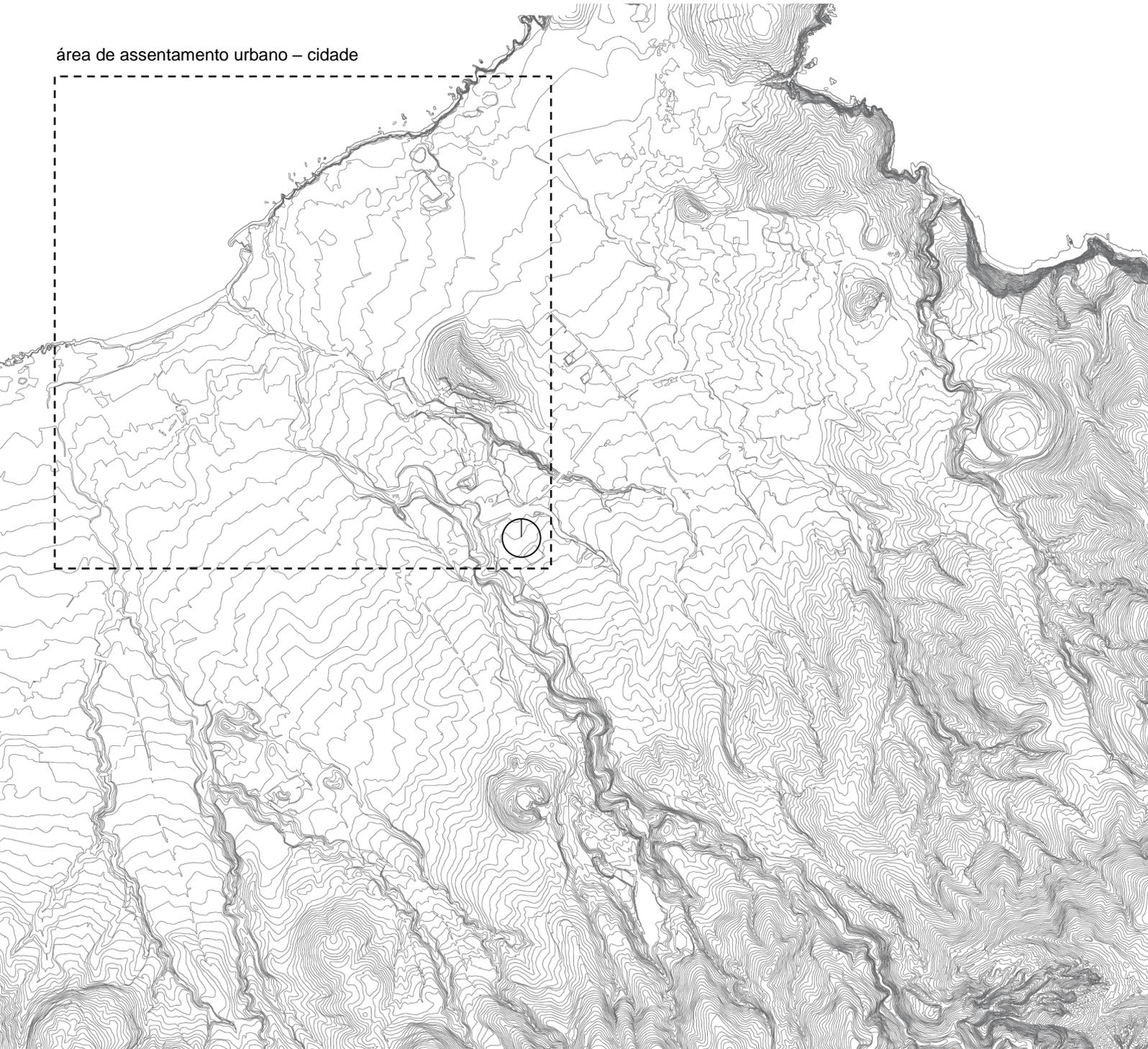


9
Casas Portuguesas, Raul Lino

“A Ribeira Grande é a mais importante vila dos Açores.”

Lúis Bernardo Leite de Ataíde, *Etnografia, Arte e Vida dos Açores*, Vol IV

área de assentamento urbano – cidade



5.2.1

RIBEIRA GRANDE: URBANISMO E ARQUITETURA

Evolução do Espaço Urbano

O Concelho da Ribeira Grande estende-se ao longo de uma área de 179.5 km², pela costa norte da Ilha de São Miguel, sendo que o centro urbano está implantado sobre uma planície (10) interrompida a Sul pela Serra de Água de Pau, e é constituído por cinco freguesias: Conceição, Matriz, Ribeira Seca, Ribeirinha e Santa Bárbara⁷.

Era um povoado essencialmente agrícola (12) que se desenvolveu de “*costas viradas para o mar*” cujo desenvolvimento urbano foi sendo articulado segundo uma linha de água proveniente da serra e que dá o nome a esta localidade – Ribeira Grande.

A organização do centro deste povoado é orientada segundo dois eixos, a linha de água já referida e a Rua Direita, que se cruzam naquele que é considerado o principal espaço público, o Jardim Municipal. Este mesmo espaço (11) é polarizado por edifícios públicos, religiosos e culturais como a Câmara Municipal, a Igreja Matriz, a Igreja Nosso Senhor dos Paços ou Teatro Ribeiragrandense. Foi um povoado de grande interesse histórico, artístico e etnográfico (ATAIDE, 1976).

⁷ “(...) quase em planura, até à montanha que, ao longe se ergue imponente (...)” ATAIDE, Luís Bernardo Leite de *Etnografia, Arte e Vida Antiga dos Açores*, Vol IV, p.51

Os primeiros povoadores implantaram-se na área a nascente⁸ originando um embrião urbano que se desenvolveu a partir de um sistema bipolar de sentido Norte-Sul, paralelo à ribeira (13). Com os anos, a abertura de novos arruamentos originou novas estruturas “racionalizadas”, em reticula, que contribuiu para o desenvolvimento na direção Este-Oeste - ao longo da costa. (DRC, 2007)

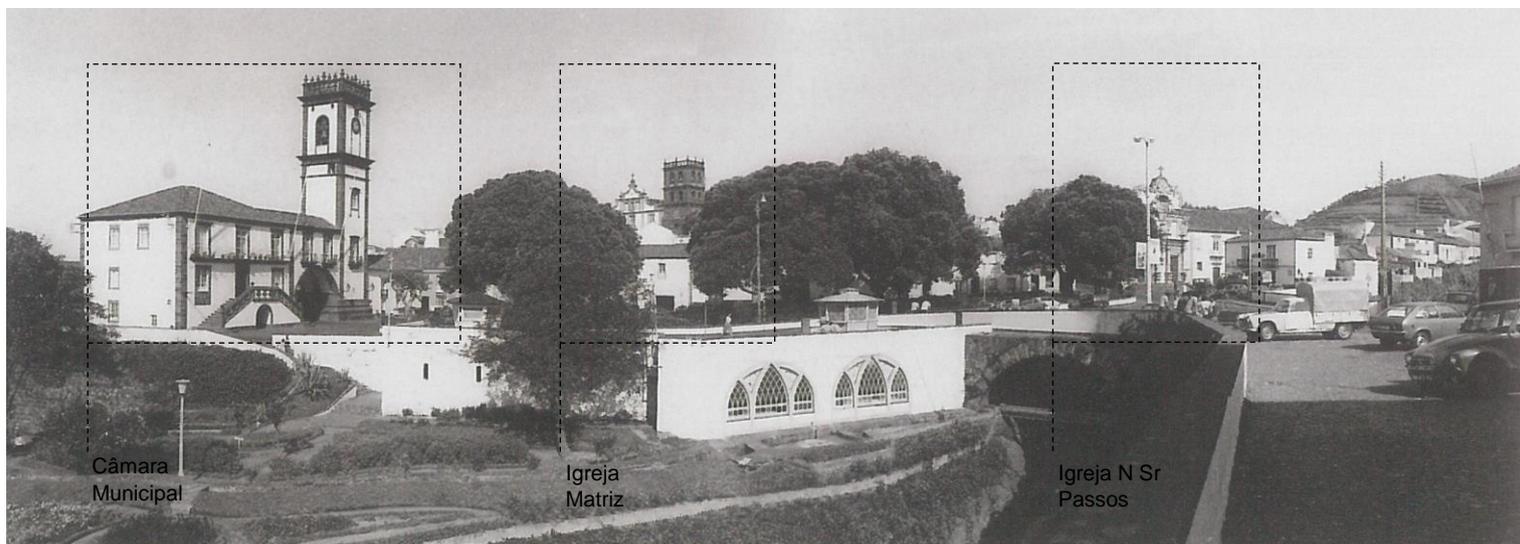
Em 1474, devido à vinda de Rui Gonçalves da Câmara⁹ (?-1535), houve um grande impulso no crescimento urbano que contribuiu para a construção de uma ponte e de um espaço de culto dedicado a Nossa Senhora do Loreto, hoje atual Igreja Matriz (FERNANDES, 2010).

Ribeira Grande foi elevada vila no dia 4 de agosto de 1507, mas em 1523 não passava de um pequeno aglomerado de construções de um grupo de indivíduos de estatuto social mais alto que possuam gado e terreno (DRC, 2007). Em 1520 deu-se a construção de uma nova ponte sobre as margens. Em 1576 assume igual importância a par de Vila Franca do Campo e Ponta Delgada, devido à sua proximidade. A duas léguas de distância da capital de São Miguel, a Ribeira Grande tornou-se no principal exportador de farinha para Ponta Delgada (LARANJEIRA, 2013).

O crescimento demográfico, urbano e económico da Ribeira Grande foi interrompido por um conjunto de catástrofes naturais entre 1563 e 1864, contribuindo para um período de decadência na arquitetura e favorecendo à conservação de modelos e linguagens arquitetónicas (ATAIDE:1976).

⁸ Rua Dos Fundadores da Vila: a toponímia encontra aqui a sua relação com a história urbana. Rua situada a nascente da ribeira e que integra a malha urbana mais antiga. Possui relação com o Largo de Santo André.

⁹ Rui Gonçalves da Câmara, quinto capitão de São Miguel. Herdou de seu pai, João Rodrigues, a capitania da Ilha de São Miguel em 1502 tendo governado a partir de 1504.



Câmara
Municipal

Igreja
Matriz

Igreja N Sr
Passos

Em relação à primeira vaga de catástrofes naturais é desenhado um eixo alternativo ao pré-existente, a atual Rua Direita ¹⁰. Uma nova estrutura que foi ocupada por várias habitações, solares e moinhos de água e que se afasta da ribeira.

Anos depois iniciou-se a segunda vaga de crescimento económico e demográfico de certa importância e dimensão para a região comprometendo a construção de inúmeros edifícios cívicos e religiosos como várias ermidas e capelas, conventos, igrejas, solares, pontes e novos eixos urbanos.

O Jardim Municipal, o espaço central da urbe, articula-se com a Praça Gaspar Frutuoso e o Largo Hintze Ribeiro, o Largo do Teatro e o Jardim do Paraíso sendo estes pontuados pelas Igrejas Matriz e N. Sr. dos Passos e edifícios da Câmara Municipal e do Teatro.

A singularidade do espaço público surge pela articulação de edifícios de carácter público e religioso de grande imponência e monumentalidade, onde cada um é portador de uma riqueza escultórica e arquitetónica (FERNANDES, 2010).

¹⁰ A Rua Direita é pontuada a poente pela Igreja dos Franciscanos e a nascente pelo Largo Hintze Ribeiro e pela Igreja do N. Sr. dos Passos. Uma rua, suavemente curvada, pontuada perpendicularmente por ruas secundárias e travessas.





Largo de Santo André
E Rua dos Fundadores

Rua Direita e
prolongamentos

Ribeira Grande
linha de água

13
Vista aérea, centro Ribeira Grande

5 . 2 . 2

RIBEIRA GRANDE: URBANISMO E ARQUITETURA Arquitectura de Referência

José Manuel Fernandes, no seu livro *Ribeira Grande e o seu Concelho. Aspetos da Arquitectura e Urbanismo*, (2009), destaca o conjunto central urbano composto pelo edifício da Câmara Municipal, a Igreja Matriz e a Igreja Nosso Senhor dos Paços.

O edifício da Câmara Municipal (14) que data o século XVIII e integra outro edifício, mais antigo, que possui a janela de linguagem manuelina. Segue a tipologia de casas de câmaras e cadeias, de planta retangular, que podemos encontrar em tantas outras localidades dos Açores e Brasil. Possui três pisos, sendo que o piso térreo era destinado à prisão (LARANJEIRA, 2013).

O alçado principal, de frente para o Jardim Municipal, possui uma escadaria esculpida em basalto que afirma o acesso bipartido ao primeiro piso. Nos anos de setecentos o edifício recebeu ampliações com a construção da torre de três pisos e uma ligação entre os dois edifícios, suportada por um arco de embasamento e de forte expressão barroca (FERNANDES, 2010).



14
Câmara Municipal Ribeira Grande

A construção da Igreja de Nossa Senhora da Estrela (15) teve o seu início no século XV, mas sofreu alterações e reconstruções sucessivas até ao século XVIII. A capela inicial, dedicada a Nossa Senhora do Loreto, foi substituída em 1507 por uma igreja, dedicada a Nossa Senhora da Estrela.

Sendo de influência barroca, o atual edifício possui uma fachada constituída por três portais encimados por três janelões, e por, três tramos que refletem a espacialidade interior. A fachada é coroada por um frontão curvo, delimitado por volutas.

Interiormente, a igreja é organizada a partir de três naves suportadas por arcadas. A decoração interior é submetida à linguagem barroca, que por vezes é ressaltada por pormenores em basalto.

A torre sineira, monumental, robusta e de expressão quase arcaica, possui elementos relativos ao Estio Micaelense, como os rombos ou as pontas de diamante. O pódio/escadaria que recebe o edifício revela a grande diferença altimétrica onde é possível tirar partido de vários pontos da costa Norte, e perceber da relação visual entre as torres sineiras da Câmara Municipal, da Igreja de Nossa Senhora da Conceição e da Igreja dos Franciscanos.

A Igreja de Nosso Senhor dos Paços (16) está associada à construção de um complexo hospitalar em 1592 e implanta-se numa “esquina” e sobre o Largo Hintze Ribeiro.

O seu interior é composto apenas por duas naves, sendo que esta organização também é refletida na fachada frontal bipartida, onde a decoração exuberante está disposta sobre um plano convexo. Os portais são encimados por dois janelões.

Os elementos clássicos, expostos ao seu extremo, proporcionam uma ilusão ótica de curvas e contracurvas com o uso da ordem compósita e de duas pilastras colossais que suportam uma cornija de densa intensidade que contribui para um “espetáculo barroco” (FERNANDES, 2010).



15
Igreja Matriz Ribeira Grande

Existem outros edifícios religiosos que também merecem ser mencionados com a Igreja Nossa Senhora de Conceição, a Igreja dos Franciscanos ou a Igreja de São Pedro. Estes edifícios de culto seguem a mesma tipologia de arquitetura religiosa, influenciados pela corrente do *barroco açórico*, que se define por uma apropriação de elementos clássico-barrocos “adequados” a um contexto com determinadas especificidades.

Yves Bottineau¹¹ (1925-2008) afirma que “(...) *é o emprego de materiais escuros de origem vulcânica, que confere à arquitetura religiosa do arquipélago, o seu traço mais original. Quando marcam os “ângulos” e os limites dos volumes, quando enquadram e ornamentam as aberturas constituem já um primeiro elemento notável. Mas além disso, foram esculpidos com tenacidade e sentido poético e, ainda nos nossos dias, constituem rendilhados escuros nas fachadas claras (...)*”¹².

¹¹ Historiador de arte francês “especializado” em arte portuguesa e espanhola. Publicou várias obras sobre arte ibérica e em 1957 publica *Le Portugal*, um diário de viagem.

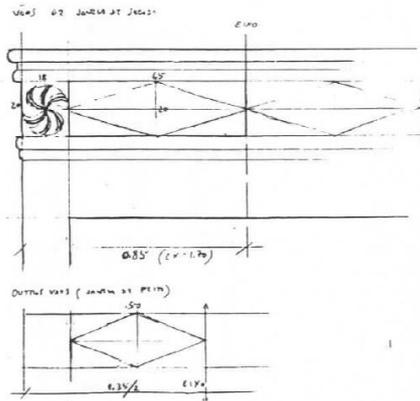
¹² Cit. por FERNANDES, José Manuel – *Ribeira Grande: A Cidade e o seu Concelho. Aspetos de Arquitectura e de Urbanismo*, p. 61



16
Igreja Nossa Senhora dos Paços

5.2.3

RIBEIRA GRANDE: URBANISMO E ARQUITECTURA O Estilo Micaelense



17
Pormenor lintel

O *Estilo Micaelense*¹³ é uma linguagem ornamental submetida aos elementos arquitetónicos (17) de um grupo de edifícios dispersos pelo centro da Ribeira Grande e em outras áreas urbanas de São Miguel. Surgiu entre o Seiscentos e o Setecentos, maioritariamente, na arquitetura doméstica, mas que se transpôs em alguns casos para a arquitetura religiosa (FERNANDES:2010).

¹³ “modalidade arquitetónica a que julgo poder chamar-se *Estilo Micaelense*, possuidores de personalidade própria e inconfundível, vem, pois mais ou menos de 1600 a 1750, abrangendo, portanto, totalmente o século de Seiscentos, e talvez parte do anterior.” ATAIDE, Luís Bernardo Leite de, *Etnografia, Arte e Vida Antiga dos Açores*, Vol IV, p. 59

Independentemente da sua especificidade arquitetónica, o *Estilo Micaelense* afirma-se a partir de um conjunto de características, claramente classizantes, como os emolduramentos em pedra de basalto, os relevos nos lintéis em forma de rombos, pontas de diamante, losangos ou suásticas, os óculos, os embasamentos, as pilastras salientes e os aventais (18, 19, 21 e 21). Estes últimos acentuam a ideia de ligação vertical, desde o embasamento até à cornija, elemento saliente e que adota um simbolismo quase barroco. E embora sejam todos “recortados” em pedra de basalto, todos estes elementos decorativos e estruturais, eram cobertos a cal ou pigmentados a uma determinada cor (BRUNO, 2007).

A todos estes elementos foi adotado um sentido místico relacionado com a magia, superstição e o medo às catástrofes naturais que abalaram a Ribeira Grande a partir de 1500. Também sob necessidade de criar edifícios mais estáveis e resistentes às perturbações sísmicas, o embasamento que sustenta as grossas pilastras é um claro exemplo desta necessidade. (CALDAS, 2000)

Na Arquitetura Doméstica, este estilo acompanha o modelo de habitação mais corrente, o da casa térrea (22), tanto no contexto rural como no contexto urbano. Está também submetido ao modelo habitacional urbano de dois pisos e também às casas solarengas urbanas.¹⁴

É segundo a qualidade do trabalho do corte da pedra de basalto e na atenção aos pormenores decorativos, como os óculos de escadas, que nas construções de comerciante ou lavrador abastado mais se aproximam das de temática erudita e de carácter aristocrático (CALDAS, 2000). As habitações dos lavradores ricos possuíam “(...) *fachadas dispendiosas, que utilizavam os mesmos elementos compositivos das casas nobres pode dizer alguma coisa de*

¹⁴ “Podem dividir-se grosseiramente em três grupos: as casas solarengas, sempre com dois pisos e fachadas alongadas, algumas das quais acrescentadas de capela; as casinhas de um piso e fachada com uma porta entre duas janelas (as mais rudimentares, raras, tem só uma janela e uma porta); as casas correntes de dois pisos, muito variáveis no que respeita à forma e à dimensão e que num estudo, aprofundado, poderiam, por sua vez, ser sujeita a subdivisões tipológicas.” CALDAS, João Vieira, *Inventário Imóvel do Património dos Açores*, Ribeira Grande, São Miguel, 2007, p 30

hábitos construtivos legais, mas revela sobretudo, uma vontade de ascensão e afirmação social dos proprietários.” (BRUNO, 2007:31)

Luís Bernardo de Leite de Ataíde (1883-1955) nomeou esta corrente estilística na sua obra *Etnografia, Arte e Vida nos Açores*, no capítulo intitulado *Ribeira Grande e Sua Arquitectura Antiga*. Ataíde registou a existência de habitações e edifícios religiosos que seguiam este sentido de estética na Ilha de São Miguel.

Foi no período seiscentista, logo após à primeira vaga de catástrofes, que o estilo atinge a sua maior produção arquitetónica consequência de um maior crescimento económico e urbano a que a vila esteve submetida.



18
Janela Estilo Micaelense



19
Janela Estilo Micaelense



20
Pormenor de fachada



21
Pormenor de fachada



22

A Casa do Padre, habitação Estilo Micaelense em Santa Maria

5.2.4

RIBEIRA GRANDE: URBANISMO E ARQUITETURA

A Arquitectura Doméstica como Produção: os Moinhos de Água

Os moinhos de água, são construções que refletem a necessidade de combinar a arquitectura de produção com a arquitectura de habitação. Hoje, considerados património, são transformados em novas habitações que tentam responder às mutações da estrutura familiar e social.

Estas estruturas destinadas à moagem do trigo, começaram a ser construídas no século XVI e foram um contributo para o desenvolvimento económico da Vila. Nos primeiros anos após o povoamento, existiam grandes terrenos de cultivo de trigo, em quantidade suficiente para responder às necessidades do seu consumo nos Açores, Portugal Continental e no Norte de África, como referido.

Estes moinhos seguiam o principal curso de água, mas após a primeira vaga de catástrofes naturais, foi criada uma vala artificial (23), chamada de Levada da Condessa¹⁵, que alimentou catorze moinhos. Atualmente a maior parte destes encontram-se em ruínas (24 e 25), contudo classificados como Património Industrial da Região dos Açores¹⁶.

¹⁵ A Vala da Condessa separa, no contexto administrativo, o centro urbano de Ribeira Grande, constituído pelas freguesias de Conceição e Matriz.

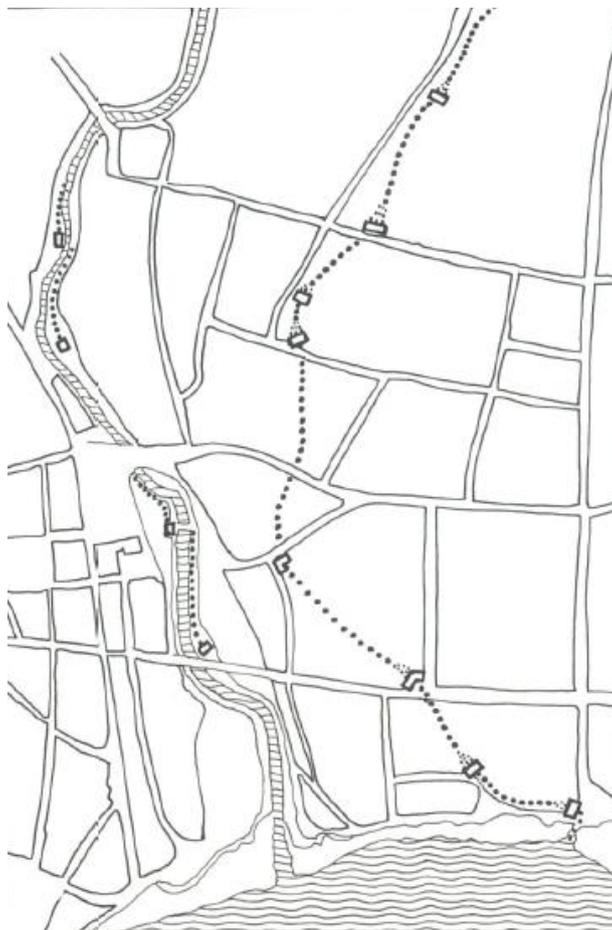
¹⁶ MOURA, Mário, (2012, 8 de abril), *Razões dos moinhos de São Miguel: “O pão osso de cada dia...”*. Açoriano Oriental, p. 20

A espacialidade interior destas máquinas de produção, e de habitar (26 e 27), seguiam a planta retangular confinada por paredes construídas em alvenaria em pedra de basalto. Divide em dois andares, sendo que o primeiro é destinado à habitação do próprio moleiro.

O exterior é rebocado e caiado em diferentes tons cromáticos, reproduzindo, tal como na habitação, elementos construtivos como pilastras ou a cantaria dos vãos. As coberturas são revestidas em telha de canudo, suportadas interiormente pela estrutura de madeira.

Os moinhos de água são estruturas exemplares que revelam a simbiose entre a arquitetura de produção e a forma de habitar o espaço doméstico respondendo simultaneamente a duas necessidades inerentes à sobrevivência do Homem: a subsistência e alojamento.

Estes deveriam, como os exemplos do Estilo Micaelense, ser considerados património a conservar incluídos num plano de salvaguarda urbano, de iniciativa municipal, e inseridos num espólio museológico dedicado à arquitetura industrial e doméstica regional.



23

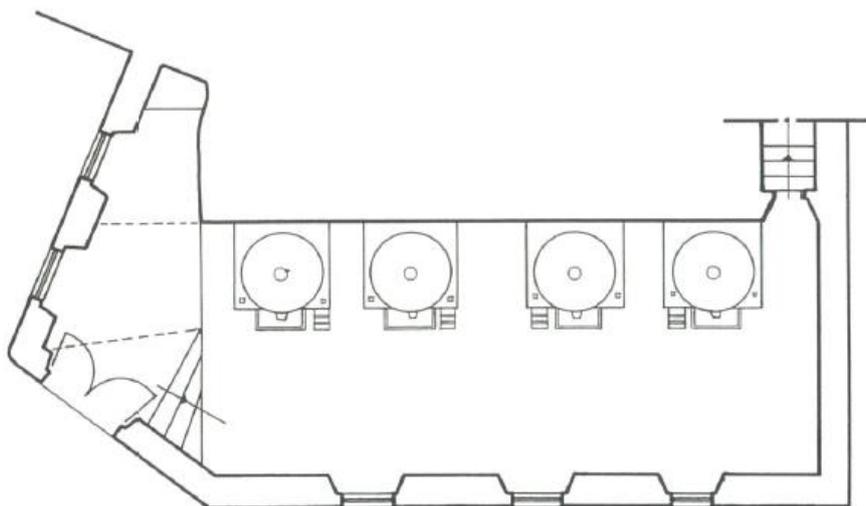
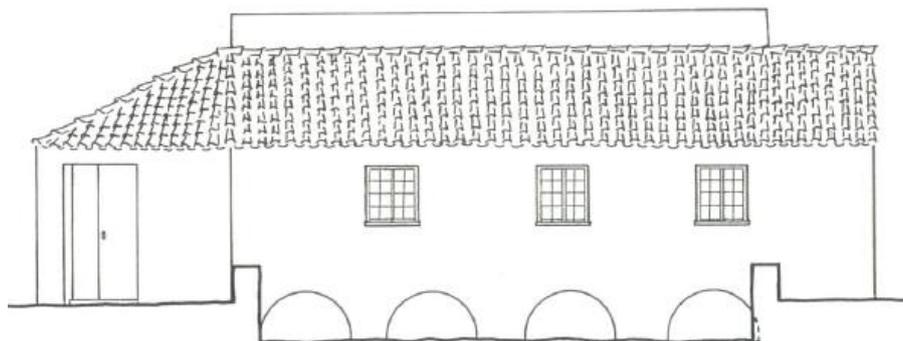
Levada da Condessa



24
Moinho de Água, Avenida Luís de Camões, Ribeira Grande



26 e 27
Moinho de Água, Rua do Berquó, Ribeira Grande



26 e 27
Corte/alçado e planta de tipologia moinho

*“A casa cómoda para nós açorianos é sem dúvida a de um só andar.
A escada é sempre, por mais suave que seja, uma espécie de tortura (...)*

Luís Bernardo Leite de Ataíde, *Etnografia, Arte e Vida Antiga dos Açores*, Vol. IV,

5.3.1

A HABITAÇÃO TRADICIONAL MICAELENSE: A CASA RURAL E A CASA URBANA Arquitectura e Regionalismo

A “casa açoriana” é fruto da simbiose de linguagens arquitetónicas, que desde o início do processo de colonização, foram assimiladas a um contexto com particularidades, até então, desconhecidas pelos portugueses.¹⁷

Não só devido a este processo, mas também a outros fatores que mais tarde ajustaram a história do arquipélago¹⁸, os Açores tornaram-se ainda mais permeáveis, embora com alguma resistência, à implantação de novas correntes arquitetónicas.

Este sistema semifechado de interações culturais gerou submodelos arquitetónicos, aperfeiçoados à necessidade e às condicionantes locais. (FERNANDES, 1996)

Começou a surgir então, a intenção de procurar elementos únicos e não comuns, conhecendo a dificuldade que seria numa região sustentada por cruzamentos culturais. As primeiras *tentativas* de caracterização (28 e 29) de um modelo habitacional surgiram no século XIX com os levantamentos e estudos de Luís Bernardo de Ataíde¹⁹ (1853-1955) e de Leite de Vasconcelos²⁰ (1858-1941).

¹⁷ “É Santa Maria, com a sua feição Algarvia, as complicadas chaminés das casas rurais, as povoações dispersas, tao diferentes da disposição linear das outras ilhas; é São Miguel onde esta disposição faz lembrar a Estremadura, onde há outros traços do centro, onde certos aspetos da casa rural reproduzem as do Alentejo.” MEDEIROS, Carlos Alberto, *Acerca da Ocupação Humana nas Ilhas Portuguesas do Atlântico*, 1969, p.103

¹⁸ Como a Emigração ou a lenta abertura comercial ao exterior.

¹⁹ ATAÍDE, Luís Bernardo Leite de, *Etnografia, Arte e Vida Antiga dos Açores*, 1973

²⁰ VASCONCELOS, José Leite de, *Mês do Sonho*, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 2ª Edição, 1992

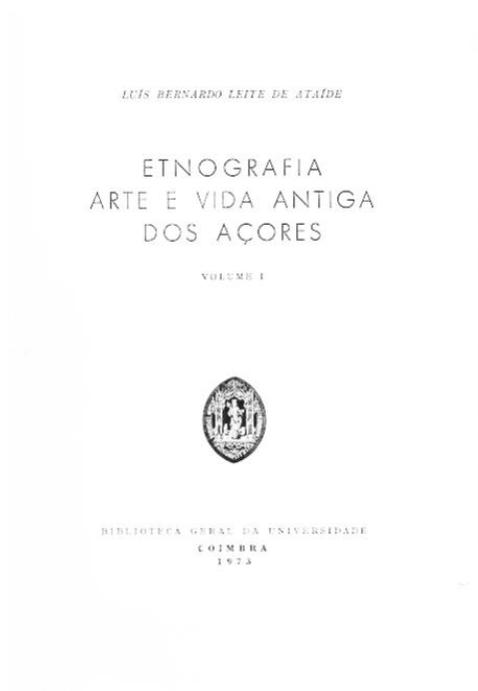
Surge, assim a tentativa de afirmar e dar continuidade a uma arquitetura de forte carácter regionalista, a par do que se fazia em Portugal Continental com a temática da *Casa Portuguesa* fundamentada pelo arquiteto Raul Lino (1879-1974), (ALBERGARIA, 2004).

No século XX, nos anos de 1980-1990, e em seguimento do que foi feito no território continental, a *Associação de Arquitetos Portugueses* (30) teve a iniciativa de “*uma investigação de carácter rigoroso e científico*”²¹. Esta iniciativa consistiu num levantamento da Arquitetura e da “*casa açoriana*” em todas as ilhas do arquipélago, evidenciando as suas influências, semelhanças e diferenças, que no seu todo originaram uma “*diversidade e riqueza de múltiplas variantes da casa das ilhas, consoante a sua localização e respetivo contexto sub-regional*”²².

Apesar da sua dimensão tipológica, a arquitetura açoriana assume em si a forte presença da materialidade, da clareza formal e do desenho geométrico. Na Arquitetura Doméstica, a habitação de carácter rural, surgiu a partir de uma ordem não planeada e que seguia o intuito e a necessidade dos próprios habitantes.

²¹ FERNANDES, José Manuel, *Arquitetura Contemporânea dos Açores*, Ponta Delgada, 2009, p.25

²² FERNANDES, José Manuel, *Arquitetura Contemporânea dos Açores*, Ponta Delgada, 2009, p.25

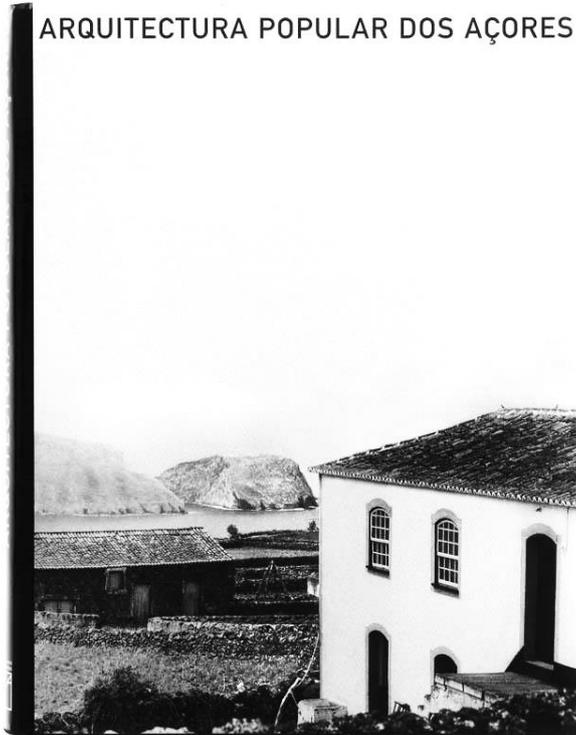


28
Etnografia, Arte e Vida Antiga dos Açores,
Luís Bernardo de Ataíde



29
Mês de Sonho,
J. Leite de Vasconcelos

ARQUITECTURA POPULAR DOS AÇORES



30

Arquitetura Popular dos Açores, Ordem dos Arquitectos

5.3.2

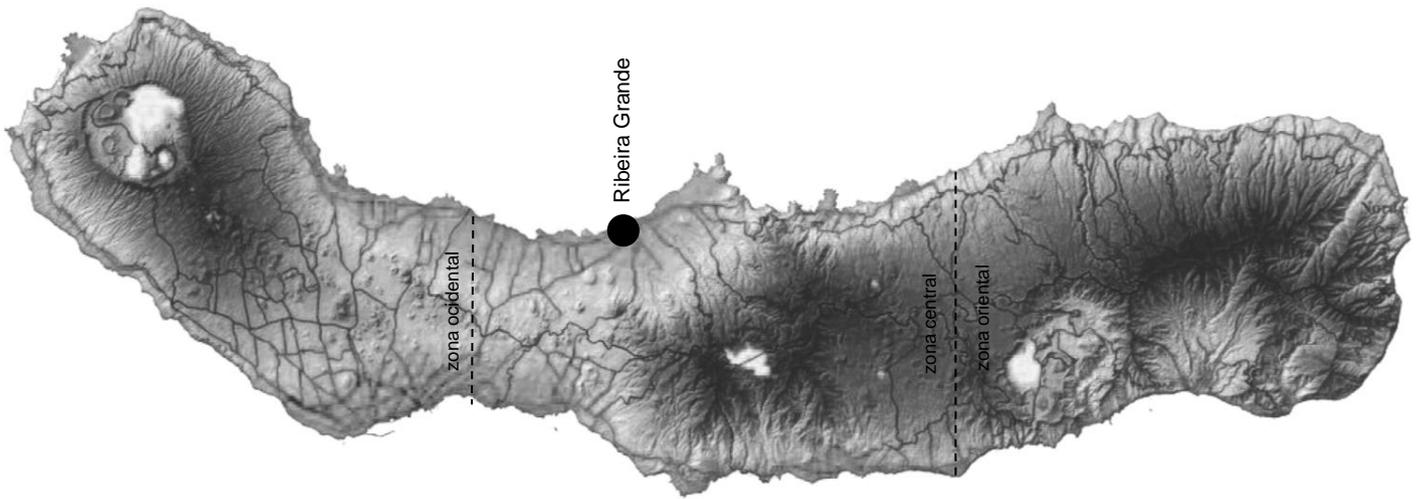
A HABITAÇÃO TRADICIONAL MICAELENSE: A CASA RURAL E A CASA URBANA

A Casa Micaelense: as suas diferenças

A Ilha de São Miguel apresenta, ao longo do seu território, estruturas urbanas que seguem as linhas terrestres e, simultaneamente, as divisões agrárias.

No levantamento da *Arquitetura Popular dos Açores* (2000), a estrutura urbana é exposta como elemento que se relaciona com as tipologias habitacionais que a compõem. Na Ilha de São Miguel distingue-se três zonas: a ocidental, a central e a oriental (31).

Na área ocidental, que abrange praticamente todo o Concelho de Ponta Delgada (32), a ocupação é caracterizada pela forte proximidade entre lotes. Habitações compactas, estreitas e compridas, com a tendência de construção da cozinha isolada do corpo principal da habitação (SAMPAIO, 2016).





32
Parte Ocidental - Rua Freguesia das Sete Cidades, São Miguel



33
Parte Central – Rua Ribeira Grande



34
Parte Oriental - Rua Concelho da Povoação

A área central da Ilha, que integra o território de análise dos Casos de Estudo, a Ribeira Grande, é a porção territorial com maior densidade populacional, devido às suas características orográficas. É a zona da ilha que apresenta a área mais plana e propícia a um maior desenvolvimento urbano, sendo esta polarizada pelos três núcleos urbanos com maior importância económica e urbana: as cidades de Ponta Delgada, Lagoa e Ribeira Grande.

Na zona central e oriental da Ilha (33), as habitações possuem tendencialmente em planta um desenho retangular fechado sobre quatro paredes que sustentam uma cobertura de duas águas. Nas áreas mais urbanas as habitações ocupam toda a largura do lote, possuindo uma forte relação com a via de circulação. Apresentam uma implantação perpendicular à rua, que contribui para a sinuosidade e linearidade da estrutura urbana.

No espaço a tardoz, está o quintal onde também estão presentes espaços de armazenamento e de estruturas de apoio à agricultura e pecuária.

Na zona oriental (34) existe a tendência para a heterogeneidade na escala, na dimensão, na composição e no desenho de fachada. O lote integra não só o corpo da habitação como abrigos para animais e estruturas de apoio à produção agrícola (CALDAS, 2000).

5.3.3 / 5.3.4

A HABITAÇÃO TRADICIONAL MICAELENSE: A CASA RURAL E A CASA URBANA A Casa Tradicional e a Casa de Influência Erudita na Ribeira Grande **A Casa Tradicional**

1. A Implantação

O modelo habitacional mais frequente na Ribeira Grande possui um forte sentido de perpendicularidade e de proximidade com a rua (35), sendo a diferença entre o limite do espaço privado (habitação) e do espaço público (rua) por vezes nula, não existindo uma diferença de material ou de cota. Assim, a porta, elemento *quase* central da fachada é por vezes marcada por uma cancela de madeira que bloqueia a passagem entre o interior e o exterior. Noutros casos (36 e 37) a presença de um patamar (*conversadeiras* ou *namoradeiras*) indica o acesso ao interior da habitação (SAMPAIO, 2016).

Ainda noutras situações a marcação da porta era feita a partir de um resguardo, como um espaço de transição entre o interior e o exterior. Devido a esta nítida relação de proximidade, a rua era um espaço vivido em permanência.

O espaço tardoz é afirmado pela presença de espaços de apoio à habitação e de estruturas de apoio à produção agrícola e à pecuária, como cafuas, galinheiros e currais. E devido à sua permeabilidade, o quintal convertia-se num espaço para trocas de impressões e para o convívio.



35
Vista Aérea, Furnas, São Miguel



36
As *Conversadeiras*, Ribeira Seca, São Miguel



37
Rua perto da Costa, São Miguel

1. A Fachada

O desenho de fachada é claramente influenciado pela largura do lote que dita a composição e a presença de elementos de cariz geométrico, a *porta* e a *janela* (38). Projeta-se quase sempre para a rua define-se pela sua composição clássica.

Relativamente à fachada, a habitação tradicional urbana recebe um acabamento que a afasta da habitação tradicional rural. No contexto urbano, uma argamassa reveste e protege os panos de pedra solta em basalto e que por sua vez, este mesmo revestimento, recebe pigmentos policromáticos (39) de forma a reproduzir pilastras, lintéis ou o embasamento. Em contrapartida, a habitação térrea rural possui os planos de pedra totalmente “à vista”.

Em muitos casos, como nas habitações de famílias mais abastadas, de influência erudita, as cantarias em basalto eram revestidas por cal diferenciando-os do restante plano da fachada. Há que referir que todas as tipologias habitacionais eram construídas em alvenaria solta.

O beirado é um elemento que se afirma pela sua dimensão e plasticidade. Segue a linguagem do beirado português, mas com duas ou três filadas de telhas a rematar e a recriar a cornija. No remate entre as águas, as *pombilhas*, marcam a sua presença e protegem a habitação de ações malélicas (FERNANDES, 1996).



38
Casa em Ribeirinha, São Miguel



39

Fachada pigmentada

1. O Espaço Interior

Na zona norte da Ilha de São Miguel, a organização interior das habitações e, conseqüentemente, a sua hierarquia, é controlada a partir de um eixo, muitas vezes perpendicular à rua - um corredor que “une” a rua ao quintal e que corta a planta e origina as áreas públicas e privadas (40).

Esta relação espacial é projetada na fachada a partir de um número de elementos dispostos, os vãos. O esquema janela – porta – janela remete-nos para uma planta bipartida e organizada por um eixo central (porta = corredor) que se liga à cozinha e que articula uma sala (janela) e um quarto (janela), sendo estes últimos espaços de caráter público (41). São espaços com uma função *simbólica* onde a decoração e a mobília mais rica da família estão dispostas²³

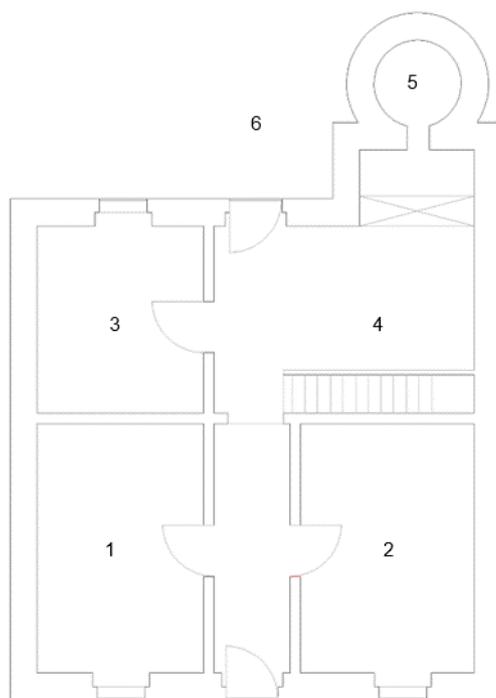
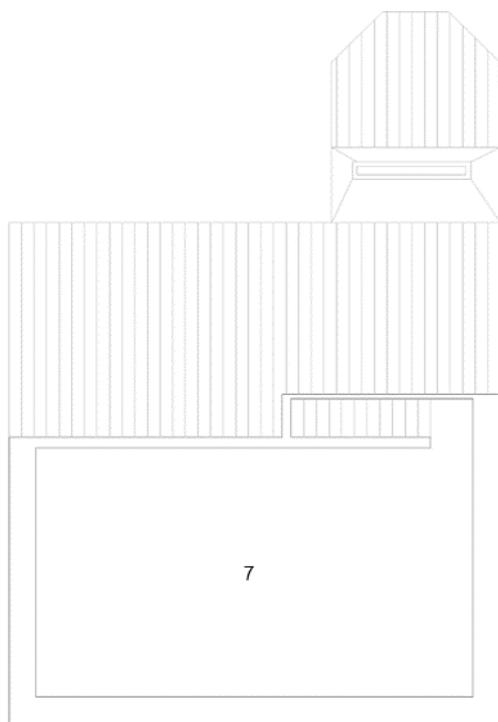
A cozinha (42) é o espaço mais importante da casa. É o espaço de comunhão permanente e onde toda a família se reúne sendo ele complementado pela presença do forno/lareira. Era aqui que a mulher passava a maior parte do seu tempo, cozendo o pão, o sustento diário e que acompanhava todas as refeições.

Neste espaço também ocorriam atividades relacionadas com a agricultura devido à proximidade com o quintal. O modelo de cozinha que mais existe na Ribeira Grande é a de cozinha integrada.

²³ “Portugal, of saints, and other similar subjects, in coarse mahogany frames: the remaining furniture is antique and massy. In one or more of the bedrooms are seen crucifixes of wood, ivory, or silver, on each side of which are vases filled with the most beautiful flowers of the season. A glass vessel containing holy water is hung up at the bed side, and a rosary on the bed post.” WEBSTER, John, *Description of the Island Of St. Michael*, Boston, 1821



40
Relação Rua-Tardoz



1. Quarto de Cama Casal; 2. Sala; 3. Quarto de Cama; 4. Cozinha; 5. Chaminé/Foro; 6. Quintal; 7 Falsa

41
Habitação de planta dobrada

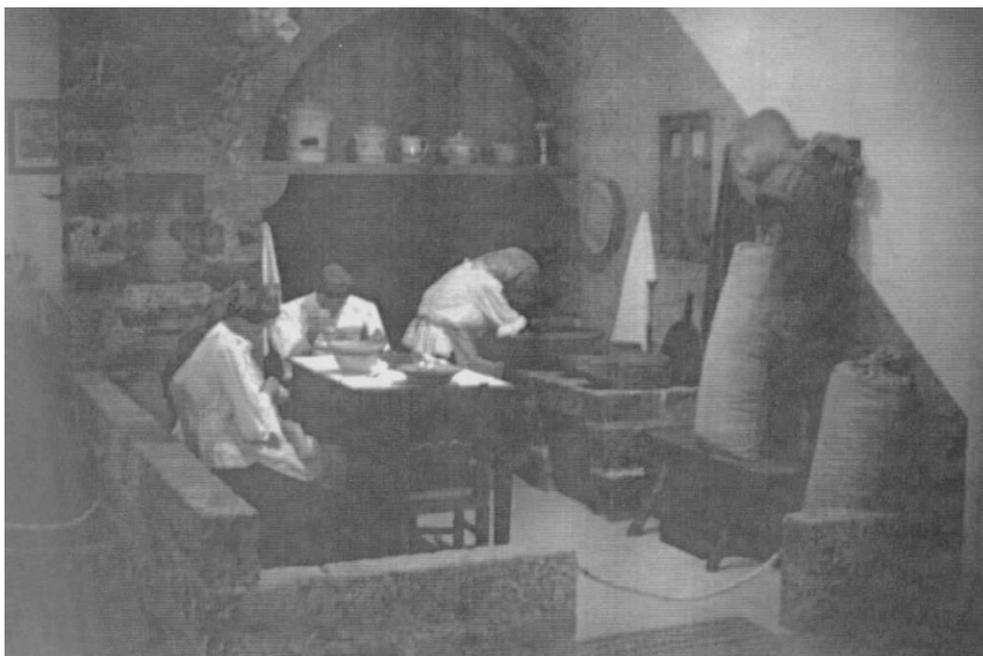
José Manuel Fernandes descreve que a “casa tradicional açoriana” pode ser classificada em três grupos devido à relação entre a cozinha e os restantes espaços da casa: 1. Casa com Cozinha Dissociada (43), em que o espaço da cozinha é secundário ao volume principal da habitação; 2. Casa Linear (44), de frente única, na qual os compartimentos se organizam perpendicularmente à rua, sendo a cozinha o espaço que possui relação com o quintal; 3. Casa com Cozinha Integrada (45), um volume único que abrange todos os compartimento interiores e que segue o esquema de fachada janela-porta-janela (FERNANDES, 1996).

Em alguns casos, e nas casas mais abastadas, o forno alto era marcado por um espaço de passagem, rematado por um arco em pedra. E “*ao lado do forno muitas vezes está o **pial** do lume, alto, também chamado lareira; ao outro o pial da louça.*” (VASCONCELOS, 1992:52).

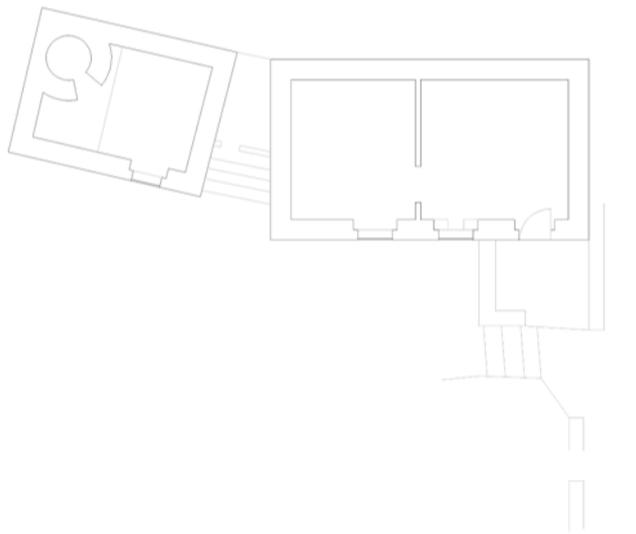
A divisão interna era conseguida a partir de paredes divisórias, que raramente ultrapassavam os dois metros de altura, mais finas e de outra materialidade, o tabique²⁴.

Estas habitações eram fortemente caracterizadas pela presença da *falsa*, um espaço elementar, de madeira que ocupa parte da área da habitação e que o seu acesso é feito a partir de uma linha de escadas, em muitas ocasiões situadas na cozinha. Era um “*quarto de dormir, povoado por camas, e geralmente destinado aos filhos mais pequenos, traduzindo na minúscula dimensão das janelas, que lhe dão luz e ar, o universo infantil e a escala de quem o habita*”.

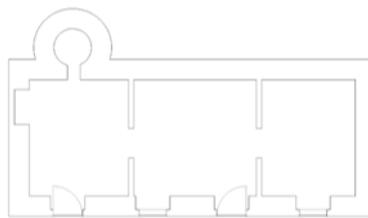
²⁴ “O tabique diferencia-se do adobe e da taipa dado que recorre a uma estrutura de madeira, maciça ou reticulada, e esta, por sua vez, é então preenchida e revestida por um material terroso (i.e. terra simples ou uma argamassa bastarda de terra e cal).” PINTO, Jorge, e outros, *Caracterização de paredes tradicionais de tabique*, 2011, p. 25



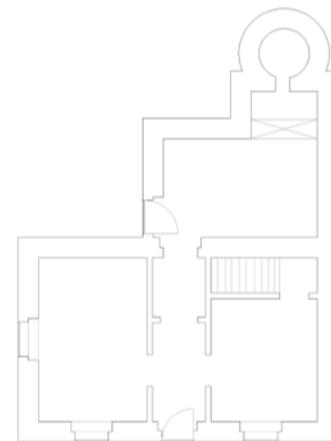
42
Recriação cozinha micaelense no Museu Carlos Machado



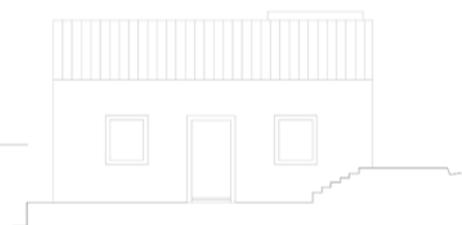
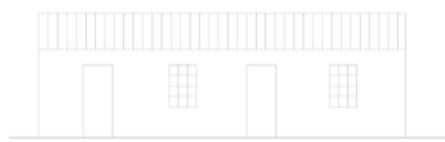
43
Casa com cozinha dissociada



44
Casa linear



45
Casa com cozinha integrada



A Materialidade

Todas as habitações possuem uma linguagem simples e depurada, cingindo-se ao essencial e à necessidade. A habitação tradicional, possui, na temática da materialidade, uma maior importância a nível estrutural do que ornamental. As casas mais abastadas são aquelas que possuem elementos ornamentais, contudo sempre de forte relação à sua finalidade estrutural e é aqui que, independentemente do seu contexto geográfico e social, a arquitetura partilha características comuns.

Assim, toda a construção estava submetida ao uso da pedra de basalto (46). Um material que está presente em todos os espaços interiores e os detalhes construtivos.

A madeira é o segundo material empregado nas habitações. No exterior Vasconcelos verificou portas de postigo que também eram utilizadas no Continente (VASCONCELOS, 1992). No interior barrotes de madeira eram utilizados na estrutura de suporte do telhado revestido em colmo, nas habitações rurais primitivas, ou em telha de canudo produzida na região. A dimensão desta estrutura variava consoante a complexidade interior sendo que na generalidade suportavam telhados de duas águas (47, 48 e 49).

O pavimento interior quando não era deixado em terra batida à vista era revestido por tábuas de madeira ou um manto vegetal (FERNANDES 1996).

Exteriormente, as paredes da fachada de rua eram revestidas por uma argamassa à base de terra e cal.

Um conjunto de fatores, já referidos anteriormente, favoreceu a conservação e a preservação de modelos e tipologias arquitetónica, da mesma forma que auxiliou a depuração e o aperfeiçoamento da técnica do corte do basalto e dos sistemas construtivos, sendo mesmo possível confirmar *in loco* exemplos que refletem esta mesma transformação.



46
Casa térrea rural

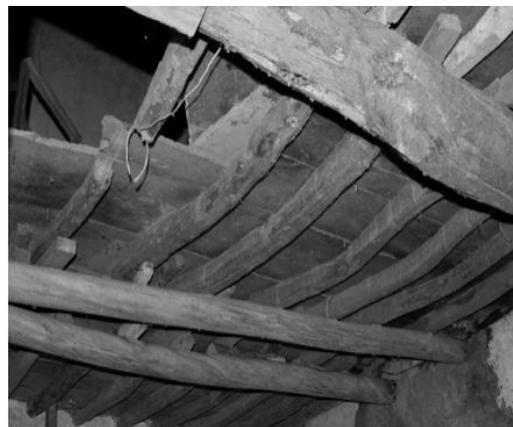


47
A falsa



48

Estrutura de cobertura em madeira



49

Estrutura de cobertura em madeira

A Casa de Influência Erudita

A Casa de Influência Erudita, partilha certas características com a casa popular, como o sistema construtivo, o sistema de cobertura ou a presença de forno/lareira na cozinha. Contudo os elementos que as distingue são muito relevantes, nomeadamente: a complexidade espacial interna, na presença de elementos decorativos, a implantação e a relação com o espaço público. Na Ribeira Grande a variante mais comum é o solar urbano, muitas vezes complementado (51) com um espaço dedicado ao culto religioso (CALDAS, 2000).

O corpo habitacional implantava-se paralelamente à rua (50) destacando-se sobre a envolvente e afirmando-se no espaço público num volume prismático disposto da horizontal, de dois pisos. A sua robustez formal está relacionada com a necessidade de resistir aos fortes movimentos sísmicos, a que o território está suscetível. Uma “*estética classizante que incorpora uma racionalidade construtiva.*” (CALDAS, 2000:163).

O interior é mais complexo e as coberturas multiplicam-se, sendo que há preferência pelas quatro águas. Os espaços interiores tentem responder a necessidades distintas de uma estrutura familiar abastada que se dedicava à agricultura²⁵ e que por vezes possuíam espaços de armazenamentos, como cisterna.

Há que referir ainda que esta tipologia, na sua generalidade, organizava-se segundo dois andares, sendo que o do nível da rua possuía uma função de armazenamento e os espaços da habitação em concreto organizam no andar superior. O acesso entre a rua e o primeiro andar era feito a partir de uma linha de escadas de acesso aos espaços comuns.

A fachada é subjugada à composição clássica relacionando-se com a *Arquitetura Chã*, do Continente (CALDAS, 2000). Os elementos presentes - embasamento, portas, lintéis,

²⁵ Lei dos Morgadios: Lei abolida em 1863 que permitia o domínio de bens imóveis por parte de famílias nobres em que a sua posse era, somente, transmitida ao descendente primogénito.

cornijas, apresentam um grande rigor na disposição e no corte. E é nos vãos onde a complexidade decorativa se manifesta.

O remate entre o plano de fachada e a cobertura era conseguido com a cornija esculpida em basalto, muitas vezes de densidade excessiva complementada pelo beirado.

Esta tipologia embora a nível construtivo possuía semelhanças com os sistemas construtivos utilizados na habitação popular, devido também aos materiais utilizados, elementos estruturais eram destacados de forma a dar um sentido “estético” nas fachadas, como por exemplo o embasamento robusto e de dimensões exageradas ou as pilastras que revelavam a espessura das paredes portantes. A par destes elementos, a fachada era influenciada, na sua integridade, pela repetição e ordem dos vãos e varandas que “desconstruíam” o volume.

A partir do século XVIII adotou-se uma gramática decorativa próxima do barroco, mas na segunda metade do mesmo século houve uma minimização e simplificação.

Esta simplificação continuou até ao século XIX em que a adotou-se uma gramática próxima dos valores neoclássicos, com a uma ausência total de decoração e afirmando a primazia da técnica (CALDAS, 2000).

Na segunda metade do século XIX, devido a uma maior abertura comercial da região, as classes mais abastadas preferem a arquitetura de veraneio mais eclética e romântica como os *challets*, de coberturas inclinadas rematadas por rendilhados (FERNANDES, 1996).

Neste período surge o *culto* do jardim, em que as famílias nobres tratavam o espaço em redor da habitação com grande cuidado.

Com o regresso de emigrantes do Brasil, há também uma grande reprodução de habitações (53) que seguem a influência colonial, onde por exemplo, o exterior é revestido a azulejos e onde a cornija desaparece em substituição da platibanda que suportava estatuetas cerâmicas de pequeno porte.



50
Solar dos Botelhos, Ribeira Grande

O arquipélago é por si só uma região rica na diversidade tipológica de habitações. A submissão à utilização do basalto originou novas condições estéticas e estruturais alinhadas às condicionantes do contexto e os modelos importados ganharam novas características de ligação a um novo território: a presença da pedra de basalto, a elementaridade formal, a geometria do espaço e o desenho de fachada ditaram *novas arquiteturas*, de forte sentido de integração na paisagem, com ligações funcionais com a agricultura, pecuária e comércio.



51
Capela Solar do Vencimento
Ribeira Grande



52
Capela Solar S. Vicente Ferrer
Ribeira Grande



53
Casa Influência Colonial, Ribeira Grande

5 . 4 . 1

O MODERNO NA RIBEIRA GRANDE

Precedentes da Habitação Moderna

A partir do século XIX, a Arquitetura Doméstica foi fortemente influenciada por correntes revivalistas tradicionais e de caráter historicista, que se *misturavam* com as correntes estilísticas impostas pelo Estado Novo.²⁶ A par destas, começaram a surgir, na paisagem insular, construções que possuíam uma gramática depurada e limpa e que se destacavam dos modelos canónicos habituais. Estes novos modelos eram claramente influenciados pelo Modernismo que pouco a pouco se dominava tanto no território continental como na região.

Na Ribeira Grande, e entrada no novo século foi marcada com a construção de edifícios dentro do programa de Obras Públicas como a Ponte dos 8 Arcos (54) e o Mercado Municipal, o Teatro Ribeiragrandense, de influência eclética, renovado em 2000 ou a Fábrica de Chicória, construída na década de 1920. (FERNANDES:2009)

Paralelamente a estas construções, o centro urbano expande-se para poente com a construção de espaços públicos, melhoramento das vias públicas e na definição de espaços públicos.

²⁶ Exemplos destas influências além-fronteiras são as habitações de influência colonial, na Rua da Conceição, do ano de 1874 ou o conjunto habitacional tipo *challet* de 1930, na Rua do Botelho.



54
Ponte dos 8 Arcos, Ribeira Grande

A afirmação da arquitetura modernista no campo da arquitectura doméstica foi muito tímida face àquilo que acontecia na restante ilha, mais concretamente com a cidade de Ponta Delgada que via o seu espaço urbano a sofrer grandes reformas com novas avenidas (Avenida Marginal), blocos de habitação e edifícios públicos.

A catalogação da casa tradicional foi o reflexo de uma necessidade em preservar e dar continuidade a uma linguagem arquitetónica, que se queria como quase um movimento num período em que a região se sentiu sujeita às correntes exteriores europeias e americanas, mas que de certa forma seguia o esquema criado por Raul Lino, na definição da *Casa Portuguesa*.

N' *Arquitectura Contemporânea dos Açores*, o autor reconhece a importância na preservação e conservação das tipologias tradicionais, mas declara que toda a “casa”, independentemente do seu estilo e que engloba o período mais recente da Arquitectura, poderiam ser incluídos num inventário que reconhecesse a sua importância e qualidade (FERNANDES, 2009).

Assim, na Ribeira Grande, a ideia de modernidade na habitação foi revelada com a construção de duas habitações: a Casa Almeida e Lima do arquiteto João Correia Rebelo²⁷, em plena Rua Direita e a Casa na Rua da Ponte Nova, do Engenheiro António Ribeiro Casanova. (FERNANDES, 2009)

Recentemente, o centro urbano de Ribeira Grande foi alvo de um programa de reabilitação e de requalificação de forma a conservar e valorizar o património arquitetónico ainda existente, como as habitações referentes ao Estilo Micaelense²⁸.

²⁷ “Apesar do curto período da sua vida adulta em que esteve estabelecido em Ponta Delgada (1959-1961), foi para as ilhas que canalizou o essencial da sua identidade desde que concluiu a parte escolar do Curso de Arquitectura, em 1950, até à partida para o Canadá em 1969”. Caldas, *João Vieira, João Correia Rebelo, Um Arquiteto Moderno nos Açores*, 2002, p.9

²⁸ O arquiteto Eduardo Souto de Mouro foi responsável pela requalificação da principal via da cidade, a Rua Direita, e também pela recuperação do Jardim Municipal.

Porém hoje a cidade tem “ (...) *crescido em termos de expansão urbana nos últimos anos, nomeadamente com a construção de moradias unifamiliares e de pequenos blocos residenciais, nem sempre no melhor gosto arquitetónico e muitas vezes com o recurso equivocado e muito revisitado estilo da “casa portuguesa”*. (FERNANDES 2009:89)

5 . 4 . 2

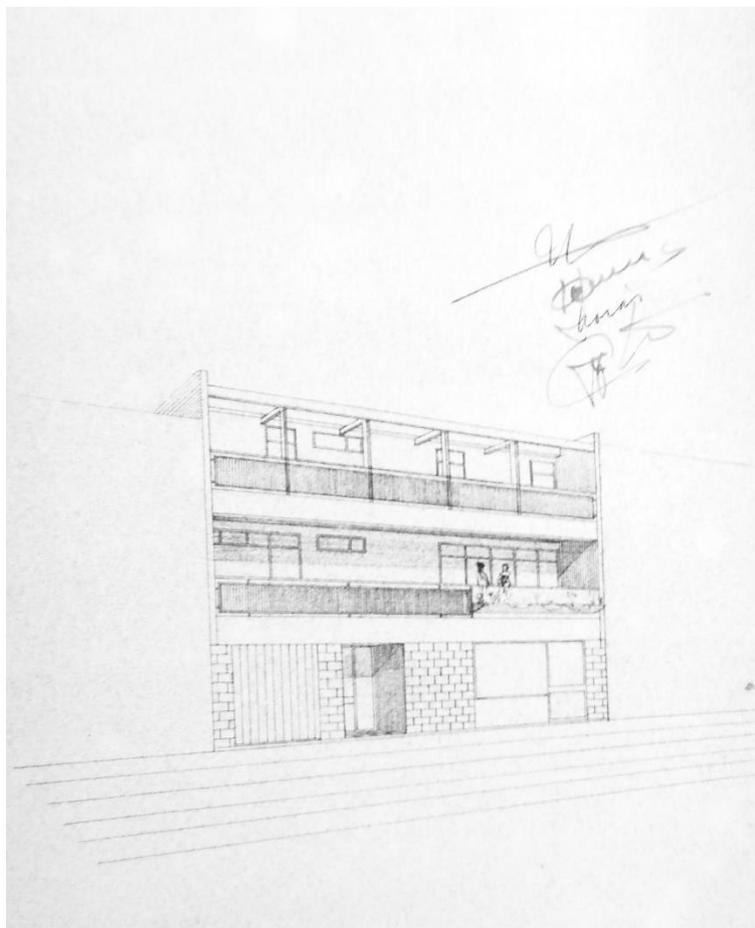
O MODERNO NA RIBEIRA GRANDE

Dois Exemplos:
A Casa Almeida e Lima

A habitação para o Dr. Almeida e Lima (55), projetada por João Correia Rebelo (1923-2006) em 1960, localizada na Rua Direita, é uma habitação claramente influenciada pelos planos modernos e que promove uma “maneira de viver” que, no período em questão, contrastou com o meio de vida ruralizado que ainda se fazia sentir na Ribeira Grande, e em São Miguel.

É um edifício de três andares que rompe com o tradicional esquema de fachada e que também insere novas funcionalidades espaciais, como o espaço comercial ou a entrada para automóvel, ambos ao nível da rua. O programa habitacional desenvolve-se no primeiro e segundo piso.

A relação com a rua é conseguida de uma forma muito direta, quer pela sua implantação (frente rua) quer pela sua proximidade visual que os vãos permitem, sendo estes “prolongados” para o exterior a partir de uma galeria que desconstrói o volume na sua parte superior.



55
Desenho Casa Almeida e Lima, João Correia Rebelo

Os espaços interiores são organizados segundo a distinção de duas áreas: área pública *versus* área privada. No primeiro piso estão localizados os espaços comuns como a cozinha, a sala de estar, o escritório e a ligação para o quintal. Enquanto que no segundo piso, de organização “rígida”, estão os espaços de repouso. Possui quatro quartos e duas instalações sanitárias (56, 57 e 58).

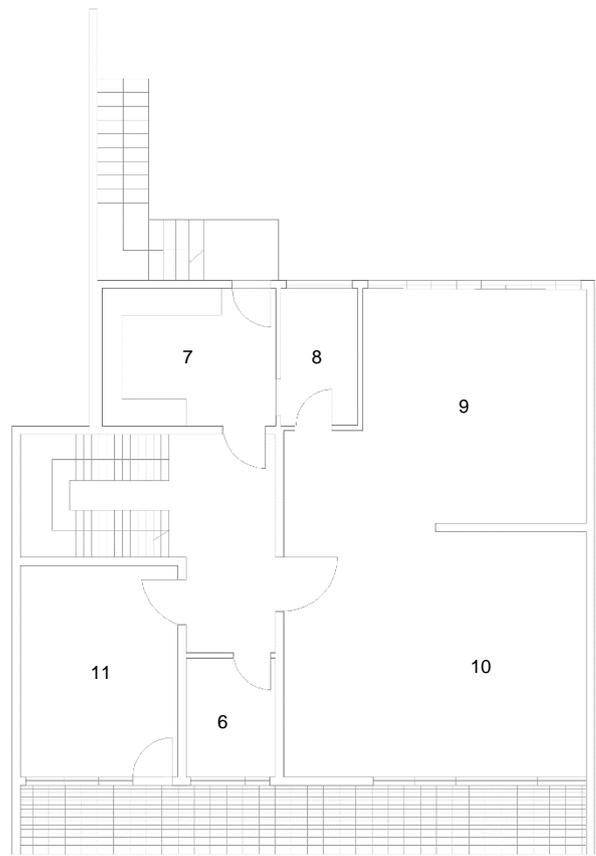
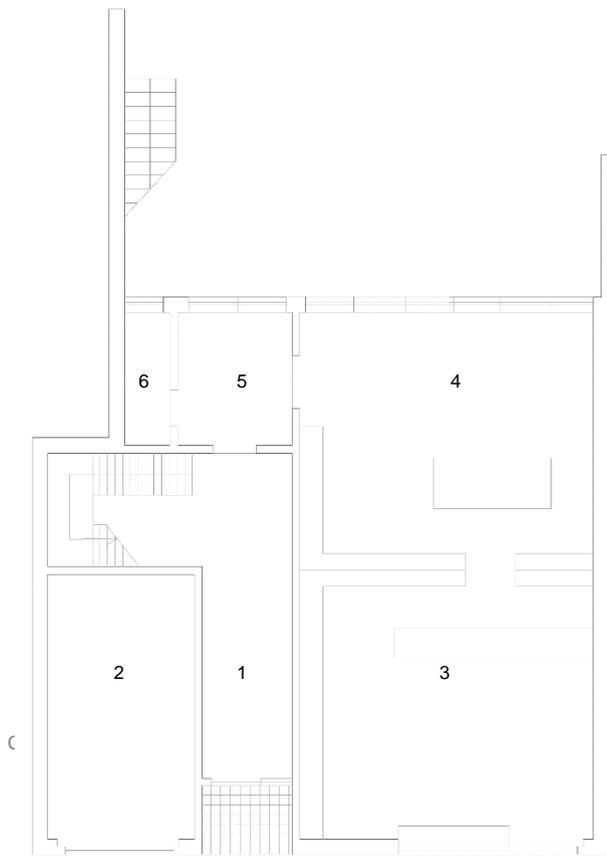
É uma habitação que se insere no contexto da arquitetura do Movimento Moderno quer pela sua qualidade espacial, pelas suas características materiais e construtivas. Contudo, segundo o arquiteto, a aplicação de pedra de basalto na fachada (no embasamento) tenta aproximar o edifício ao contexto, de forma a gerar um sentido de continuidade: “*Sendo a arquitetura tradicional da Ribeira Grande caracterizada por um abundante emprego da sua pedra, por vezes em robustos embasamentos ocorridos ao longo de toda a fachada (...)*”²⁹

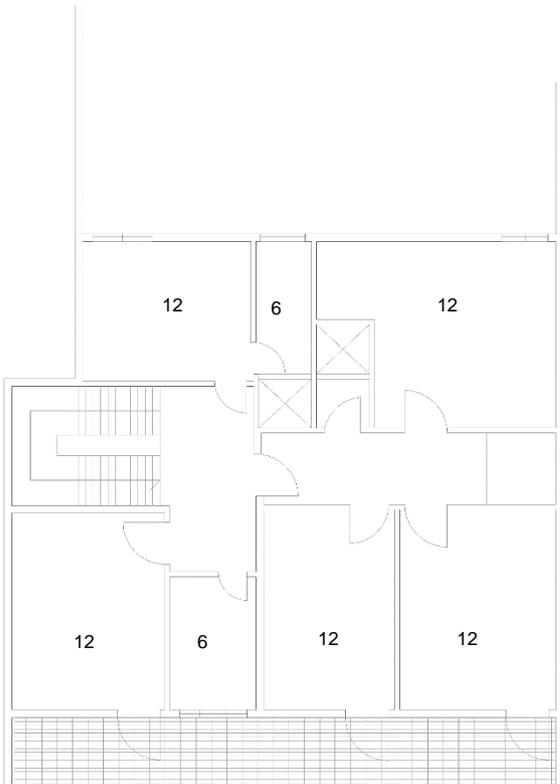
Podemos considerar este *apontamento* material na fachada de rua como forma de aproximação das habitações contemporâneas às tradicionais (59). O basalto perde toda a sua importância construtiva e é substituída pelo método do betão armado e assume um papel, não menos importante, de revestir as fachadas de forma, e como o arquiteto Rebelo escreveu, de “*forma a dar um certo sabor local*”³⁰.

Uma das características da *casa moderna* era a integração de novos espaços como reflexo das mudanças sociais. E assim os arquitetos começam a considerar os espaços de trabalho como elemento integrante da rotina de quem nela habita.

²⁹ Memória Descritiva do Projeto de Arquitectura

³⁰ Memória Descritiva do Projeto de Arquitectura





- 1 Hall de Entrada
- 2 Garagem
- 3 Farmácia
- 4 Laboratório
- 5 Armazém Cozinha
- 6 Instalação Sanitária
- 7 Cozinha
- 8 Despensa
- 9 Sala de Jantar
- 10 Sala de Jantar
- 11 Escritório
- 12 Quarto de Dormir

58
Casa Almeida e Lima, João Correia Rebelo, Projeto de
Licenciamento, planta 02





59
Casa Almeida e Lima,
João Correia Rebelo

5 . 4 . 3

O MODERNO NA RIBEIRA GRANDE

Dois Exemplos:

A Casa da Rua da Ponte Nova

A habitação “criada” em 1966 pelo engenheiro civil António Ribeiro Casanova distancia-se da habitação anteriormente referida por dois aspetos: pela sua localização e pela gramática arquitetónica.

É uma habitação que se localiza numa rua de grande proximidade com a linha de água que atravessa a Ribeira Grande, sendo que a vivência é completamente interior, ignorando as relações com o exterior. Organiza-se interiormente ao longo de um único piso e possui um programa habitacional muito claro: três quartos, um quarto de costura, um quarto para a criada, duas instalações sanitárias, sala de jantar, sala de estar, escritório e cozinha. Estes espaços interligam-se entre si a partir de um corredor, longitudinal e paralelo ao curso de água, que ao mesmo tempo define a hierarquia espacial.

Assim, os espaços de carácter público estão virados para a rua, enquanto que os de carácter privado se fecham para tardoz. O acesso é feito exteriormente a partir de escadas que ligam o piso da habitação, à cota da rua.

O desenho de planta (60), dobrada, em que um eixo de circulação define e separa os espaços relacionados numa ordem rígida, os vãos dimensionados e semelhantes, as coberturas inclinadas fazem, certamente, uma ligação com as habitações tradicionais.

Tal como a casa Almeida e Lima, esta habitação segue o sistema construtivo em betão armado e o uso de alguns materiais locais como a cobertura revestida em telha de canudo ou a pedra de basalto em calçada.³¹

Conceptualmente e curiosamente, esta habitação (61) também parece assumir uma relação de proximidade com as casas projetadas por Frank L. Wright para as pradarias americanas, e que, provavelmente, tiveram percussões em território português. Habitações estas que se afirmam pela forte horizontalidade pela métrica repetida dos vãos exteriores e pelo telhado, ligeiramente inclinado, de quatro águas.

A partir deste período, e com a *liberalização* do Movimento Modernista e dos seus valores, os “elementos dissonantes arquitetónicos” irão surgir na paisagem urbana e natural rompendo com o formalismo tradicional, encontrando outras premissas que irão adequá-la ao contexto, quer por via da paisagem, quer por via do material, ou por via dos valores arquitetónicos tradicionais.

Esta “liberdade” irá permitir uma inovação tanto na Ribeira Grande como em outras partes dos Açores, afirmando habitações de enorme qualidade. Esta inovação também está relacionada com o surgimento de uma clientela mais informada e de um grupo de arquitetos que contribuiram, e ainda contribuem, para a afirmação da qualidade arquitetónica na região

³¹ Memória Descritiva do Projeto de Arquitectura



- 1 Sala de Estar
- 2 Sala de Jantar
- 3 Escritório
- 4 Quarto de Dormir
- 5 Cozinha
- 6 Instalação Sanitária
- 7 Quarto de Dormir "Criada"
- 8 Quarto de Dormir Casal





60
Casa Rua Ponte Nova, José Casanova

6.

METODOLOGIA

Introdução as Casos de Estudo

Parte deste trabalho está relacionado com uma necessidade pessoal em compreender o que separa e interliga habitações tradicionais e habitações que possuem uma linguagem “contemporânea” e que seguem um conjunto de premissas distintas que por vezes originam, formalmente, um contraste com a envolvente rural. Esta compreensão apoia-se na análise e na comparação entre cinco Casos de Estudo que se inserem na área urbana da Cidade da Ribeira Grande, em São Miguel.

A Ribeira Grande foi um dos centros urbanos da Ilha de São Miguel, que após a elevação a cidade, no ano de 1983, esteve sujeita a um crescimento populacional, que fomentou um crescimento urbano para além dos limites já estabelecidos¹. E embora o seu espaço limítrofe tenha crescido, houve uma paralela preocupação de conservação do centro histórico, como os exemplares domésticos dentro do Estilo Micaelense.²

A contextualização da temática da habitação popular seguiu para entender a forma, a relação com o território e as formas de habitar destes modelos habitacionais, que ao estarem expostas num determinado território assimilaram características e originaram novas variantes, como por exemplo, os moinhos de água que possuem a dupla função de produzir e de servir de abrigo.

¹ Censos 2011

² Plano de Pormenor de Salvaguarda da Zona Histórica da Ribeira Grande

Esta referida contextualização seguiu um *combinado* de *dimensões*, que no fundo são os pontos constituintes que permitem avaliar e compreender a relação que pode existir entre os modelos populares e os contemporâneos, sendo estes: a **leitura planimétrica** (implantação e organização espacial interior); **leitura altimétrica** (composição de fachada e relação com a rua) e **materialidade** (materiais e sistemas construtivos). A leitura planimétrica e altimétrica está relacionada com a importância que estes elementos desenhados possuem na análise de qualquer obra de arquitectura, e a materialidade, tal como a forma, remete para a relação que existe com o contexto e com o uso de matérias-primas locais aptas para a construção.

Os cinco Casos de Estudo integraram uma lista primária de 9 habitações que foram seleccionadas segundo dois critérios já referidos: **composição de fachada e dimensão formal** e o **ano de construção**. O primeiro critério corresponde à volumetria, composição e desenho de fachada que não segue o desenho da habitação popular (esquema janela-porta-janela). O segundo critério define que todas as habitações estejam inseridas na baliza temporal compreendida entre 2000 e 2017. Este último critério está relacionado com o crescimento urbano constante, porém é na cidade que se dá a construção de um conjunto de *habitações de autor* que fugiam à linguagem do *estilo* popular e da *Casa Portuguesa*.

Após a seleção das 9 habitações foi realizado um levantamento fotográfico, juntamente com um conjunto de registos para entender que características estas possuíam. Este primeiro levantamento contribuiu para uma análise “exterior” mais focada na implantação, relação com a rua e composição de fachada.

A par desta primeira análise foi dado o início de contacto com a Câmara Municipal da Ribeira Grande e os proprietários das habitações, com a intenção de agendar e possibilitar o acesso a documentos escritos, peças desenhadas e também a marcação de entrevistas e visitas às habitações em questão.



Posto isto, foi realizada a consulta e o estudo de elementos escritos e desenhados como plantas, cortes e alçados pertencentes ao Projeto de Licenciamento, e também memórias descritivas, alterações de projeto e outros elementos anexos que de certa forma condicionaram e influenciaram o projeto. O acesso a estes conteúdos foi permitido graças à disponibilidade de uma equipa do departamento de urbanismo da Câmara Municipal.

A redução dos Casos de Estudos esteve relacionada com a disponibilidade de todos os intervenientes em colaborar na investigação. Os depoimentos de cinco proprietários e de dois arquitetos foram baseados numa conversa informal que teve como objetivo entender vários pontos relacionados com as questões que foram os motores desta investigação. “*Quais os principais motivos que levaram á construção da habitação*”, “*quais as intenções dos arquitetos*”, “*como se desenvolveu a relação arquiteto-cliente*” ou “*qual o nível de satisfação*” foram das algumas questões colocadas.

A participação neste processo dos arquitetos e dos proprietários foi crucial. Isto permitiu o acesso, as abordagens e as diferentes perceções que contribuíram para o enriquecimento do trabalho e compreensão de um conjunto de fatores que complementam e ajudam a definir a *obra arquitetónica*. Por outras palavras, permite, um entendimento mais amplo e global



6,5t

Excepto
Transportes Colectivos
de Passageiros

Excèpto
Moradores

Caso de Estudo

1

Tipo

Moradia Unifamiliar

Arquiteto

Igor Tavares de Melo de França

Atividade Título Individual, Ponta Delgada

Proprietário

José Pereira Botelho, fotógrafo

Agregado Familiar

Casal

Localização Habitação

Rua de Santa Bárbara, Ribeira Grande

Ano Projeto

2000



A habitação projetada pelo arquiteto Igor França está inserida no meio rural que se caracteriza pela presença de vastos terrenos de pastagens e para cultivo agrícola, pela proximidade a dois eixos viários e a habitações isoladas (64).

Esta habitação possui também uma forte contiguidade com a rua corredor marcada por habitações que ocupam o lote empena-a-empena.

O espaço em que a habitação está inserida é quase como uma área de transição e de mutação urbana, onde o limite do espaço urbano confronta o espaço rural. Nesta parte da freguesia, existe um conjunto de habitações que estão implantadas isoladamente e que possuem uma grande proximidade a um eixo viário de certa importância, e que de certa forma descaracteriza e perturba parte deste espaço rural. E desde o ano de construção, os habitantes afirmam que a habitação, que foi projetada de forma a encontrar relação com a paisagem envolvente, tem entrado em “conflito” com iniciativas públicas e com a construção de espaços de apoio agrícola, “*incomodando as vistas*”.¹

A presença de um muro afirma o limite (65 e 66) e separa o espaço privado do espaço público. Embora exista a relação de proximidade física com a rua, a entrada principal à habitação está localizada a sul, na lateral do lote. Isto porque o arquiteto desde início propôs relacionar com o terreno agrícola tardia e “*imprimir um sentido de mistério para quem passa na rua*”².

¹ Os proprietários da casa em questão mostraram o seu claro desagrado a iniciativas privadas e públicas de estruturas e infraestruturas de apoio à agricultura e à circulação rodoviária, sendo desde modo um conjunto de iniciativas que descaracterizam a área rural envolvente.

² Entrevista Arquiteto Igor França, 01-06-2018



65

Estrutura de Apoio Agrícola, Rua da Cidade
Fenais da Luz



66

Fachada de Rua e Entrada Principal



67

Terreno a tardoz a casa

O restante volume habitacional abre-se para poente e encontra relação visual com um imenso terreno agrícola, que antes fazia parte do lote a que a casa integra (67).

Por estes motivos, podemos considerar a fachada de rua como cega, possuindo 2 vãos que comunicam com os 2 quartos e uma pequena abertura para ventilação a uma instalação sanitária. É de salientar que o acesso a partir da rua é conseguido através de duas entradas: uma relativa à garagem e à habitação e outra que permite a entrada de máquinas para o terreno agrícola tardoz, tal como os proprietários desejavam (68 e 69).

A vivência interior é determinada por uma desconstrução planimétrica, que segue um programa habitacional que corresponde às necessidades do casal, ainda hoje sem filhos. No início, as únicas exigências foram a dimensão da garagem e a dimensão da sala de estar, tendo também em consideração um conjunto de outros espaços pedidos. Um corredor separa e afirma a hierarquia espacial. Este eixo, que atravessa a planta transversalmente, separa o público do privado, o fechado do aberto e que se abre a poente de forma a encontrar relação com o principal espaço da casa, a sala de estar (72, 73 e 74). O programa desenvolve-se apenas num piso, à cota da rua, existindo um volume sobre elevado ao restante conjunto: *“um espaço que domina a paisagem e que é, de certa forma, uma homenagem as torres de avistar a paisagem, que são muito características da nossa arquitectura tradicional”* afirma o arquiteto Igor França (70 e 71).

Tal como outros programas habitacionais, o programa além de responder às necessidades básicas, tenta também responder a questões laborais dos habitantes da casa, sendo que ambos possuem espaços próprios, *“isto porque o casal dedica-se ao ensino e à fotografia”*³.

No campo da materialidade, o sistema construtivo está submetido ao uso do betão armado. Exteriormente as paredes são revestidas a reboco e acabadas em branco. Uma faixa em tons de ocre recria o tradicional embasamento e que integra o volume *“num espaço em tons*

³ Entrevista Arquiteto Igor França, 01-06-2018

de terra” e relacionando com a presença de possíveis maquinarias agrícolas que poderiam prejudicar a condição das paredes exteriores com poeira. Os telhados, de uma água, também possuem um material característico da região, a telha de canudo.

Na aplicação de materiais no interior, os habitantes assumiram o papel de moderadores, embora tenham dado liberdade ao arquiteto na escolha dos materiais. Os pavimentos interiores são revestidos a azulejo ocre, que contribuem para uma atmosfera interior distinta.

A escolha do arquiteto foi, segundo os habitantes, devido à *“habilidade que o arquiteto possui em integrar os valores da arquitectura tradicional numa linguagem contemporânea”*. Afirmam também que a arquitectura nunca poderá *“fugir do sítio e do tempo em que é construída”*⁴. O resultado final é claramente visível ao confrontar o discurso do arquiteto com as intenções dos habitantes. De um lado a satisfação total de habitar e viver a casa, de outro lado um conjunto de volumes que à primeira vista, e pela sua clareza formal e linear, remete-nos para uma entidade moderna que comporta um conjunto de valores e características que o aproxima da arquitectura popular micaelense.

O arquiteto afirma que existe um certo preconceito sobre a *“estética tradicional”* na arquitectura: *“os arquitetos têm a obrigação de desmistificar a estética da arquitectura moderna. Vivemos num tempo que é importante a integração no contexto.”*⁵

⁵ Entrevista Arquiteto Igor França, 01-06-2018



68 e 69

Quintal e espaço de cultivo agrícola



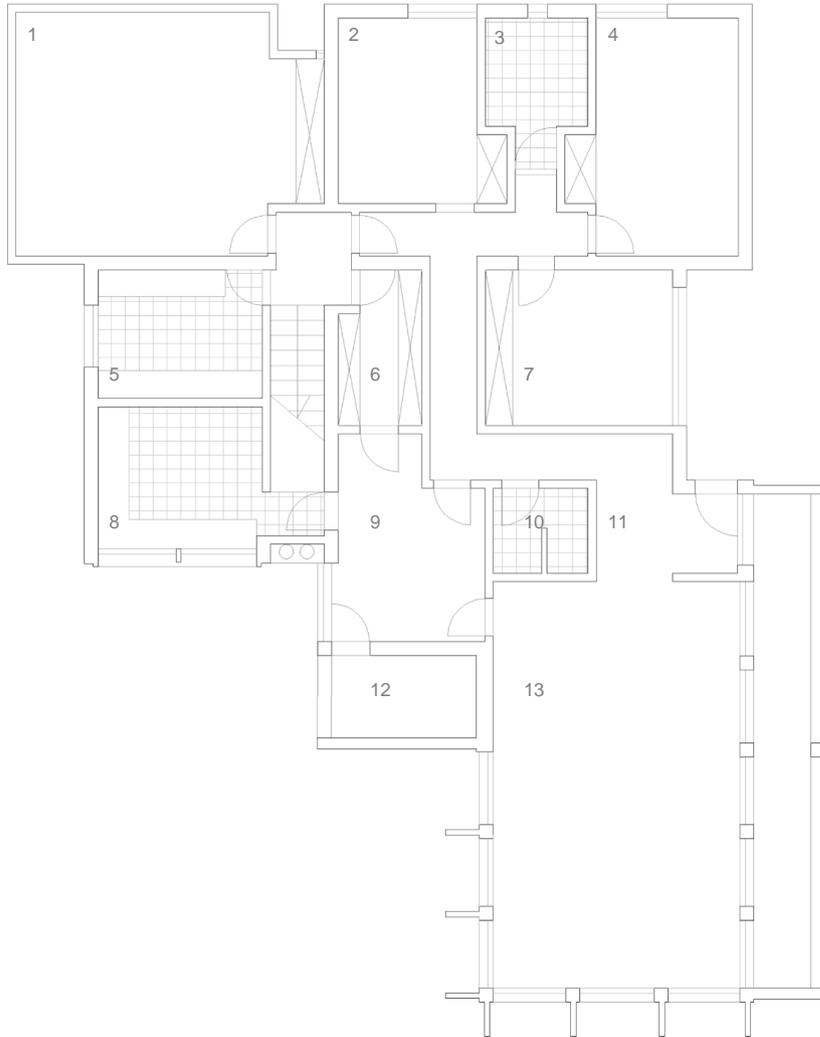
70

Casa com mirante vista da Rua de São Vicente Ribeira Grande



71

Volumetria superior

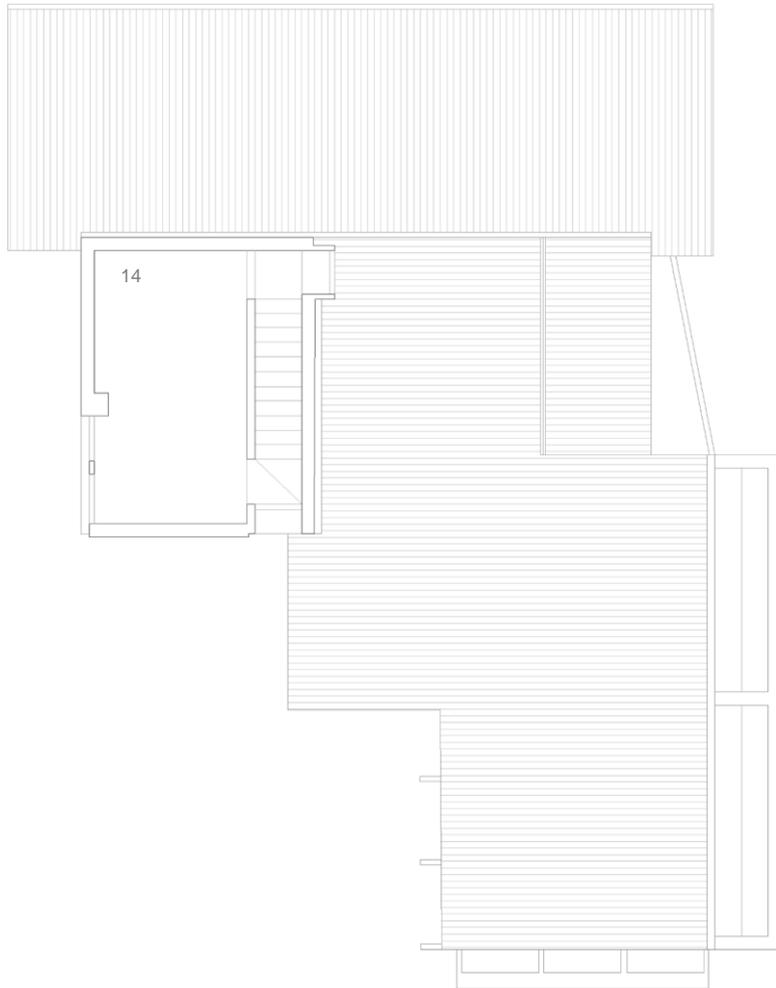


- 1 Garagem
- 2 Quarto de Dormir
- 3 IS
- 4 Quarto de Dormir
- 5 Laboratório de Fotografia
- 6 Despensa
- 7 Quarto de Dormir
- 8 Cozinha
- 9 Copa
- 10 IS
- 11 Hall
- 12 Estendal
- 13 Sala de Estar
- 14 Arrumos



72

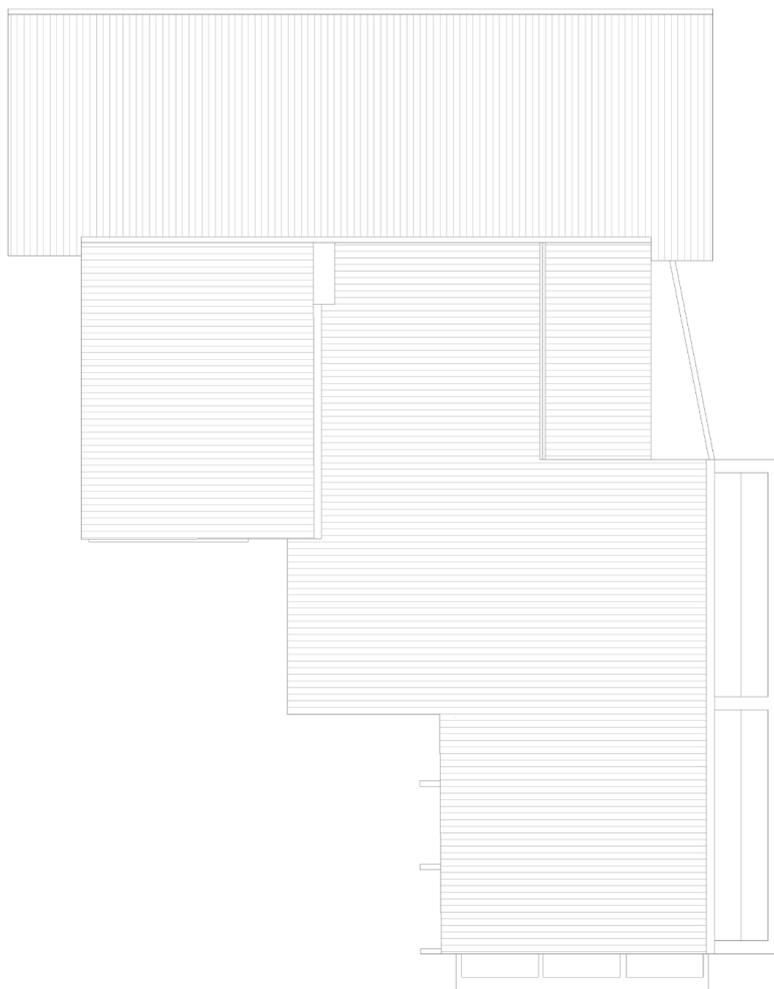
Planta Piso 0



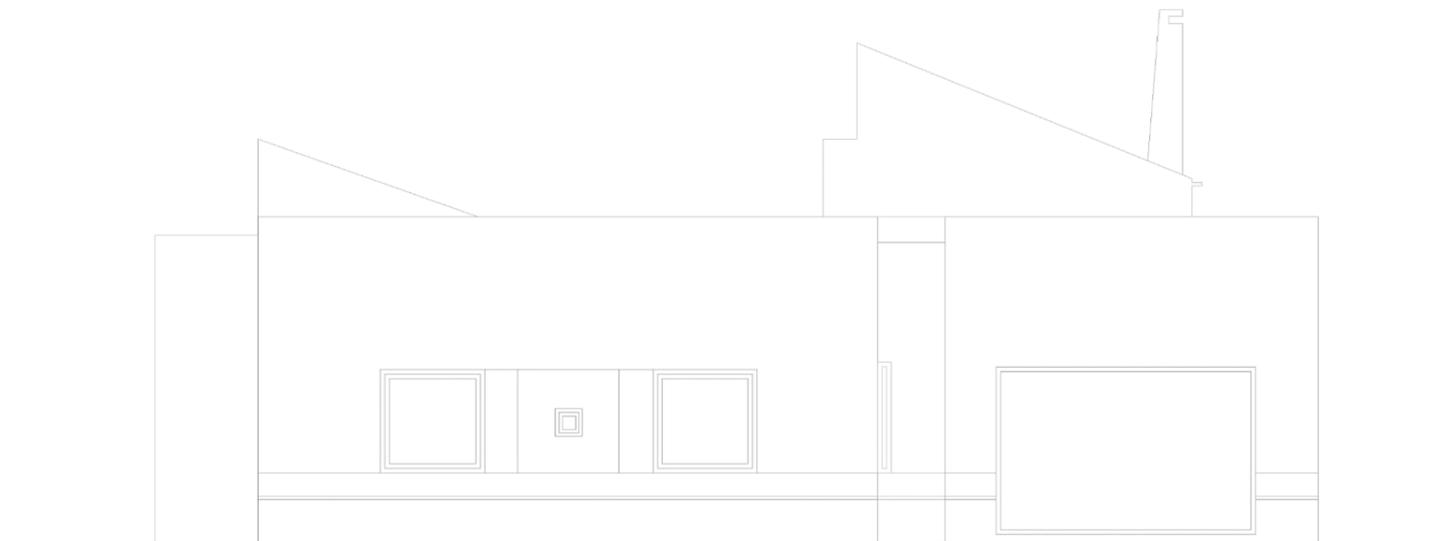
- 1 Garagem
- 2 Quarto de Dormir
- 3 Instalação Sanitária
- 4 Quarto de Dormir
- 5 Laboratório de Fotografia
- 6 Despensa
- 7 Quarto de Dormir
- 8 Cozinha
- 9 Copa
- 10 Instalação Sanitária
- 11 Hall
- 12 Estendal
- 13 Sala de Estar
- 14 Arrumos



73
Planta Piso 1



74.
Planta Cobertura



75

Alçado Frente Rua



76

Alçado Corte Longitudinal





Caso de Estudio

2

Tipo

Moradia Unifamiliar

Arquiteto

Fernando Jorge Monteiro; Luís Almeida e Sousa, atelier M-Arquitetos, Ponta Delgada

Proprietário

Rui Manuel Machado Cordeiro, proprietário restaurante

Agregado Familiar

Casal com dois filhos

Localização da Habitação

Rua Dos Condes da Ribeira Grande, Ribeira Grande

Ano Projeto

2000



78

Localização Casos de Estudo 2
Rua dos Condes da Ribeira Grande, Ribeira Grande

O projeto da habitação surge quase em simultâneo com o projeto do bar-restaurante *Alabote* (79), também da autoria de Fernando Monteiro e segundo o proprietário, Rui Cordeiro, foi uma obra simbólica que marcou a viragem do milênio na Ribeira Grande¹. *“É um elegante bar-restaurante, com esplanada fronteira, notoriamente instalada em plataforma sobre-elevada, sobranceira ao muro de pedra negra circundante, usufruindo assim a vista panorâmica sobre a cidade e a costa Norte.”* (FERNANDES, 2010:85)

Sendo estas das primeiras obras do arquiteto, também natural da Ribeira Grande, pode decifrar-se- que há claras semelhanças entre o bar-restaurante e a habitação em estudo: a presença constante da pedra de basalto, as referências formais à arquitectura tradicional e a possibilidade de usufruto da paisagem natural, complementada pela dinâmica horizontal.

Devido à envolvente descaracterizada (78) ao terreno de implantação da habitação, o arquiteto decide manter os limites físicos daquilo que já definia (81) o lote e que antes era um bananal. Ao preservar os muros de basalto, também houve a preocupação em manter a estrutura habitacional do “lavrador”, que foi convertido numa habitação T1.

A presença da pedra de basalto (83) é uma constante quer a partir de elementos arquitetónicos quer por objetos dispostos ao longo do espaço exterior, que afirma o gosto do proprietário pela pedra de basalto (83, 84, 85). Ao manter os elementos verticais pré-existentes, a relação com a rua é definida pela ideia de continuidade horizontal, que se traduz com o uso do betão armado e do basalto. Este mesmo limite contém dois acessos distintos: acesso à habitação e acesso à garagem exterior coberta. Entre a habitação e a rua a ligação existe um espaço de transição exterior.

¹ Entrevista Rui Manuel Machado Cordeiro, 01-06-2018



79

Bar – Restaurante *Alabote*, Ribeira Grande



80

Fachada Nascente, Rua

A sua localização, que se caracteriza pela proximidade intermédia ao meio urbano e ao meio rural, faz com que seja uma área *mutante* onde a nova construção vai de certo modo descaracterizar uma zona conhecida pela presença de moinhos de água que se encontram dispostos ao longo da Levada da Condessa. A levada, juntamente com a ribeira grande delimitam uma área urbana de grande produção arquitetónica, agrícola e económica.

Segundo o arquiteto, a forma do lote auxiliou a implantação da habitação, que possui um programa que se desenvolve longitudinalmente e que se abre para sul, de modo a proporcionar uma relação com o restante espaço exterior e com a vista para a Serra da Barrosa.

A leitura do alçado sul indica que as aberturas de maior dimensão estão colocadas sob esta orientação contribuindo para a iluminação constante dos espaços interiores comuns no rés do chão e dos quartos no primeiro andar. Há um percurso exterior ao nível dos quartos que permite que estes se interligam a pátios exteriores que permitem o alcance visual da Serra da Barrosa. Os restantes alçados mostram-se brancos e com poucas aberturas. Há que referir ainda que o alçado sul é o que se abre para o restante lote, permitindo que os espaços comuns se relacionem com o restante espaço exterior.

O programa habitacional foi proposto (88, 89, 90) de forma a ir ao encontro às necessidades de uma estrutura familiar ainda sujeita ao crescimento. O casal participou na definição do programa, mas de ambos, a esposa foi uma personagem constante a quem o proprietário recorria em caso de dúvida, contudo o arquiteto teve “liberdade total”².

Interiormente, existiu a intenção de conciliar os pressupostos do casal. No piso 0, à cota da rua, desenvolvem-se as áreas sociais, abertas para sul e prolongando-se para o exterior sobre um alpendre revestido a basalto e que permite sombreamento aos espaços de estar e de refeições.

² Entrevista Rui Manuel Machado Cordeiro, 01-06-2018



81

Fachada Sul, muro de basalto



82

Exterior, presença de elementos em basalto

O *hall* de entrada é um espaço distribuidor que se relaciona com um corredor de serviço, perpendicular à rua, e que separa os espaços comuns dos espaços técnicos.

Na cozinha, a presença do forno com chaminé saliente remete-nos para o espaço da cozinha tradicional. Este elemento, característico da arquitetura popular dos Açores foi a pedido da proprietária que sentiu a necessidade de criar um espaço que é referência à memória e aos tempos que “*não queria perder*”³. Para o casal a pedra de basalto é uma clara alusão que os permite “*viajar no tempo*” e recordar as vivências nas casas dos pais, onde a presença da pedra assumia, arquitetonicamente, outro valor.

No 1º piso, seguindo a mesma ordem e geometria planimétrica, situam-se os quartos, que se abrem também para sul e onde é possível alcançar a vista, já referida, da Serra da Barrosa.

Na materialidade (86,87), a habitação segue o sistema construtivo em betão armado, sendo que as espessuras das paredes variam consoante a sua função. O alçado virado a sul é aquele que se afirma e apresenta revestimento em alvenaria de pedra seca. Nos revestimentos dos pavimentos interiores existe a distinção consoante o tipo de espaços. Exteriormente existe a aplicação de lajetas de betão e de calçada em basalto.

A habitação possui dimensões relativamente grandes, e uma vez que as necessidades mudam, o proprietário afirma que “*agora fazia uma casa mais pequena*”⁴, mas assume a forte relação que possui com a casa que viu ser construída. Declara também que a arquitetura deve ter a capacidade de ir ao encontro às necessidades e deve também ser reflexo do sítio, recorrendo ao uso de materiais locais⁵.

³ Entrevista Rui Manuel Machado Cordeiro, 01-06-2018

⁴ Entrevista Rui Manuel Machado Cordeiro, 01-06-2018

⁵ Entrevista Rui Manuel Machado Cordeiro, 01-06-2018

Esta habitação coincide com o fim do percurso acadêmico do arquiteto, que afirma que os projetos iniciais estão sempre ligados ao sentido de procura e ao mesmo tempo na definição de uma linguagem e na interpretação subjetiva do sítio

O arquiteto Fernando Monteiro assume que o processo criativo deve estar aberto a fatores externos que contribuem para a definição do produto final, como a leitura do terreno e do contexto, o tipo de programa, o historial do arquiteto e do cliente, resumindo-se num pensamento arquitetónico, híbrido.⁶

⁶ Entrevista Fernando Monteiro, 01-06-2018



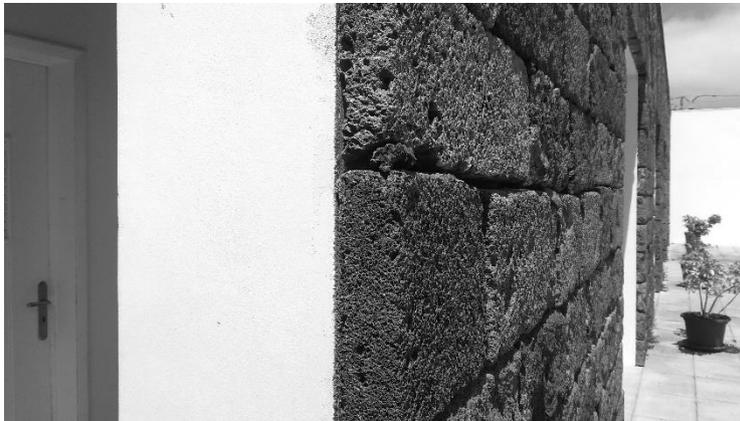
83
Interior, lareira em basalto



84
O forno

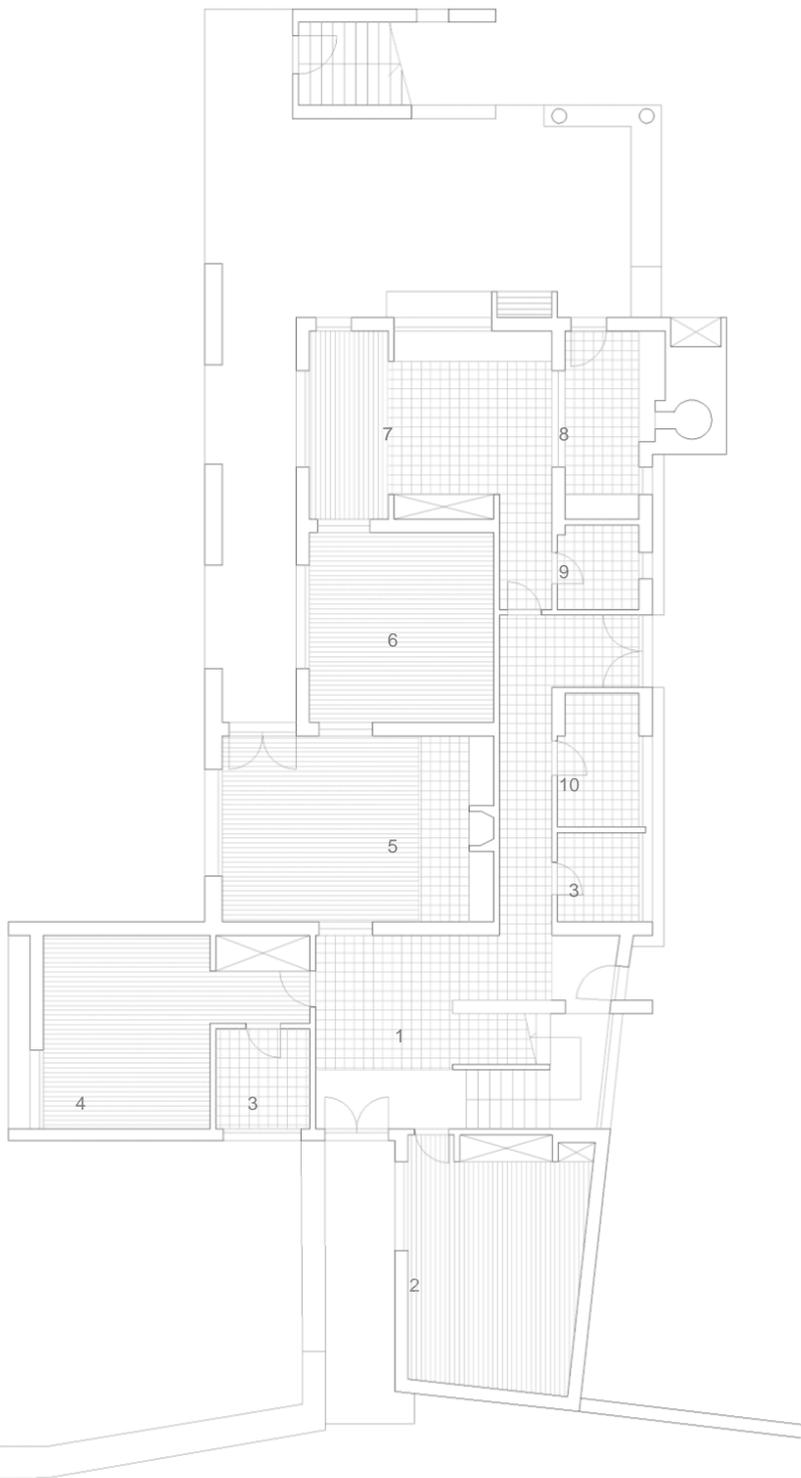


85
O espaço de apoio e
que antes era a habitação do lavrador



86 e 87

Diferentes materiais aplicados no exterior

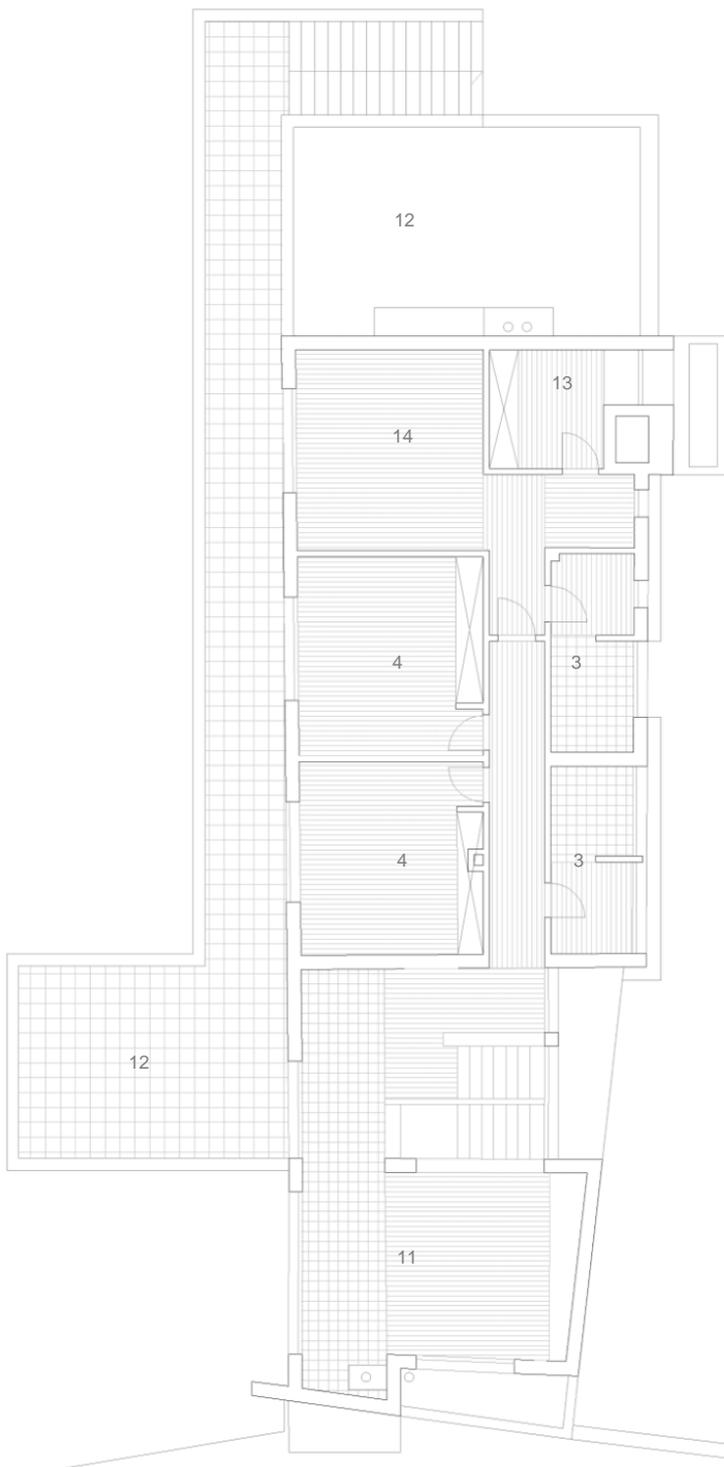


- 1 Hall
- 2 Escritório
- 3 Instalação Sanitária
- 4 Quarto de Dormir
- 5 Sala de Estar
- 6 Sala de Refeições
- 7 Cozinha
- 8 Forno
- 9 Arrumos
- 10 Lavandaria



88

Planta Piso 0

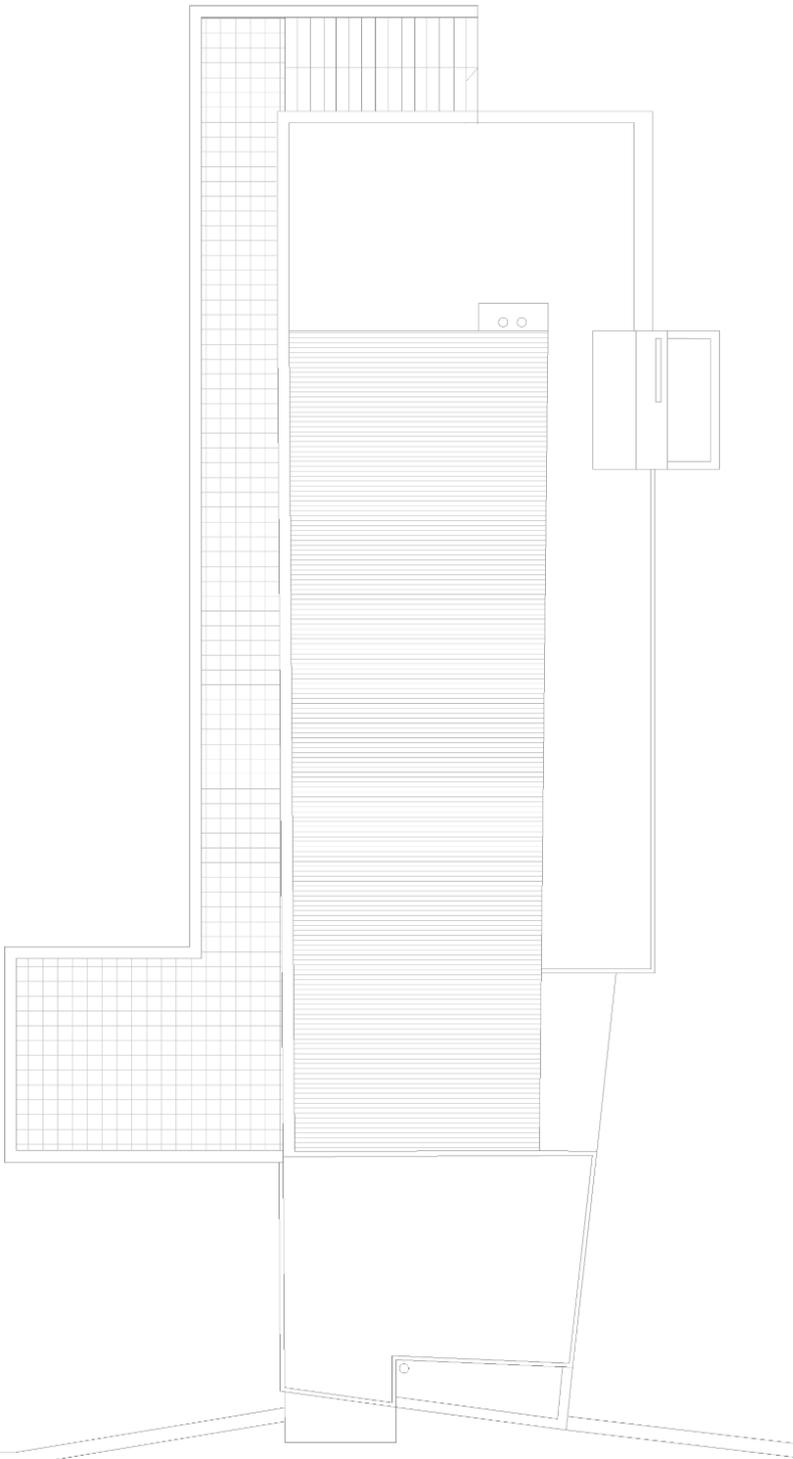


- 1 Hall
- 2 Escritório
- 3 Instalação Sanitária
- 4 Quarto de Dormir
- 5 Sala de Estar
- 6 Sala de Refeições
- 7 Cozinha
- 8 Forno
- 9 Arrumos
- 10 Lavandaria
- 11 Espaço de Estar
- 12 Espaço Exterior
- 13 Vestiário
- 14 Quarto de Dormir Casal

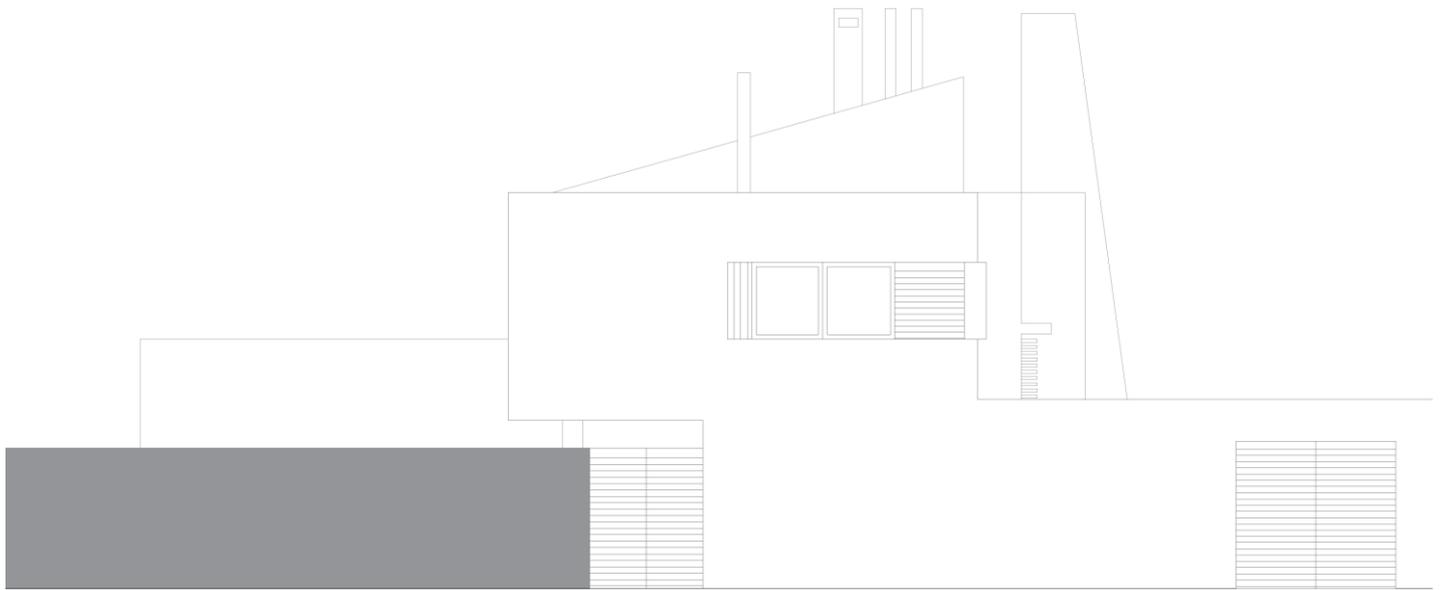


89

Planta Piso 1

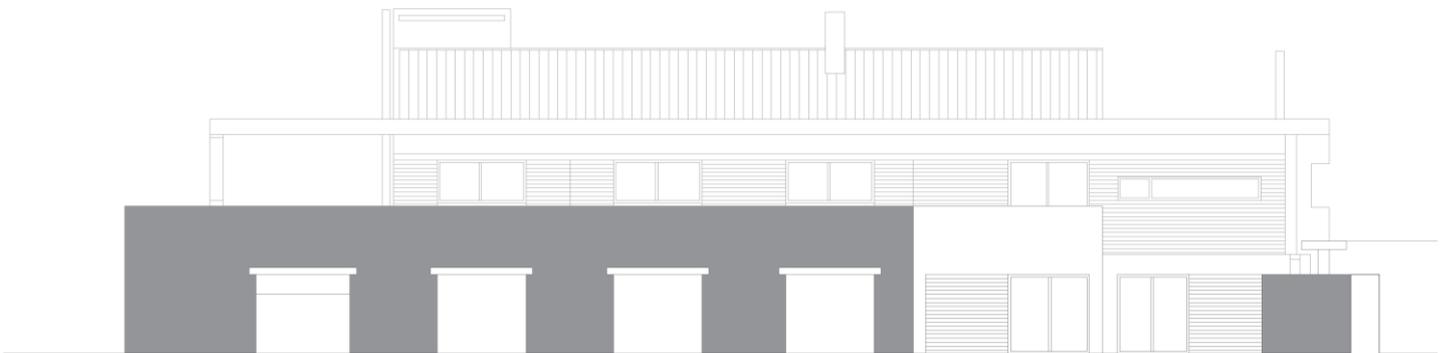


90
Planta Cobertura



91

Alçado Nascente



92

Alçado Sul



Caso de Estudio

3

Tipo de Habitação

Habitação Unifamiliar

Arquiteto

Fernando Jorge Monteiro; Luís Almeida e Sousa, Atelier M-Arquitectos, Ponta Delgada

Proprietário

José Manuel Cabral, médico

Agregado Familiar

Casal com três filhos

Localização da Habitação

Rua Dos Condes da Ribeira Grande, Ribeira Grande

Ano Projeto

2002



93

Localização Casos de Estudo 3, Rua dos Condes da
Ribeira Grande, Ribeira Grande

A casa encomendada por José Manuel Cabral ao arquiteto Fernando Monteiro possui semelhanças com o Caso de Estudo anterior, e do ponto de vista do cliente, a escolha do arquiteto esteve apenas relacionada com a ligação de proximidade (94) que os dois possuíam¹. A edificação desta habitação fez parte de um conjunto de investimentos imobiliários como a construção de uma outra casa nas Furnas ou o laboratório de análises clínicas em Ponta Delgada.²

Com a proposta do programa entregue ao arquiteto, houve a recusa da primeira versão que o proprietário achou ser “*demasiado arrojada*” para a sua visão e para aquilo que deveria ser a habitação. Assim, as sugestões que estiveram sob os *preceitos* do proprietário foram: a substituição de uma parede em pedra de basalto a norte por uma em betão armado com uma linha de vãos superiores, a ideia de colocar armários (96) nos corredores³ de distribuição para os quartos no primeiro andar e a criação de uma varanda, a sul, como prolongamento dos quartos e que simultaneamente proporciona sombra às áreas sociais. Estas sugestões foram aceites e incluídas no projeto.

Tal como no Caso de Estudo 2, o volume também está disposto no sentido longitudinal e perpendicularmente à rua, fechando-se do modo a proporcionar uma experiência doméstica mais inclusa, dentro dos limites pré-existentes do lote, construídos também em pedra de basalto (95).

¹ O arquiteto Fernando Monteiro também esteve envolvido no projeto da habitação de um familiar de José Manuel Cabral, na Rua Frei Agostinho Mont'Alverne, Ribeira Grande.

² Entrevista a José Manuel Cabral, 29.05.2018

³ A colocação dos armários no corredor de acesso aos quartos está relacionada com questões de saúde de um dos filhos

A ideia de limite entre o privado e o público é conseguido com a presença destes mesmos limites horizontais que são interrompidos pela marcação de dois acessos distintos: um acesso para o automóvel e outro à habitação. Este último relaciona-se com a rua a partir de um espaço exterior, de transição que por sua vez dá acesso ao pódio que recebe o edifício habitacional. Paralelamente ao Caso de Estudo anterior, e como o “*contexto era pouco interessante*”⁴ estas habitações mostram-se compactas e fechadas entre si.

⁴ Entrevista Fernando Monteiro, 01-06-2018



94

Casa de familiar do proprietário, Rua Frei Agostinho Mont'Alverne, Ribeira Grande



95

Fachada de Rua e os dois acessos ao lote

Também como no caso anterior os alçados, caracterizam-se por uma certa “bipolaridade”. A sul o volume é interrompido por um conjunto de vãos com dimensões idênticas de forma a permitir a iluminação interior que é controlada por um alpendre. Este ritmo de vãos repete-se no 1º andar, mas permitindo também, além da iluminação, o acesso a um percurso exterior que interliga dois pátios que também permitem avistar a Serra da Barrosa.

Planimetricamente (101. 102. 103), a organização interior do primeiro andar é conseguida a partir de dois corredores que afirmam os limites entre os espaços sociais e os de serviço. No segundo piso, um corredor de distribuição permite o contacto a uma biblioteca, a cinco quartos e a duas instalações sanitárias.

Um segundo corpo volumétrico, que segue o alinhamento do volume maior, e que também segue o mesmo sistema construtivo, define o limite de construção e separa um conjunto de espaços exteriores para cultivo agrícola (98). A Levada da Condessa afirma o limite tardoz do lote.⁵

Na questão material, toda a habitação seguiu o sistema construtivo em betão armado, sendo que no exterior encontra-se materiais de revestimento de texturas diferentes como basalto polido e tijolo em tons terra. Há também a presença de elementos em madeira e metal, exteriormente e interiormente (97, 99, 100).

O cliente afirma que ganhou um certo interesse depois do seu envolvimento com este projeto⁶, sendo que, anos depois, propus um projeto de uma outra habitação a uma arquiteta, mas pouco satisfeito com a sua abordagem inicial explicou que “*ela começou logo a falar do pormenor construtivo e também tinha um discurso muito arrojado que não me agradou.*”⁷

⁵ A Vala da Condessa, que neste caso é um elemento de limite do lote, não possui qualquer relação visual direta com os espaços exteriores, apenas a sua sonoridade que é detetada a pouca distância.

⁶ José Manuel Cabral demonstrou o gosto pela área da Arquitectura, afirmando-se mesmo como leitor assíduo da revista *Arquitectura e Construção*.

⁷ Entrevista a José Manuel Cabral, 29.05.2018

Segundo o arquiteto, os clientes hoje em dia são mais informados e têm um discurso baseado na recolha de imagens de forma a ir ao encontro das suas intenções, mas em contrapartida possuem uma abordagem estereotipada, em que o arquiteto tem a “*obrigação de desconstruir esse pensamento e dar a entender que o caminho pode ser outro.*”⁸ O arquiteto deve desmontar o pensamento e assumir uma atitude cooperante com o cliente.

Tal como a arquitectura tradicional, considera os seus projetos funcionais e objetivos na forma “*não perdendo a ideia de continuidade entre os elementos arquitetónicos que são intemporais.*”⁹

⁸ e ²¹ Entrevista Fernando Monteiro, 01-06-2018



96

Corredor de acesso aos quartos, piso 1



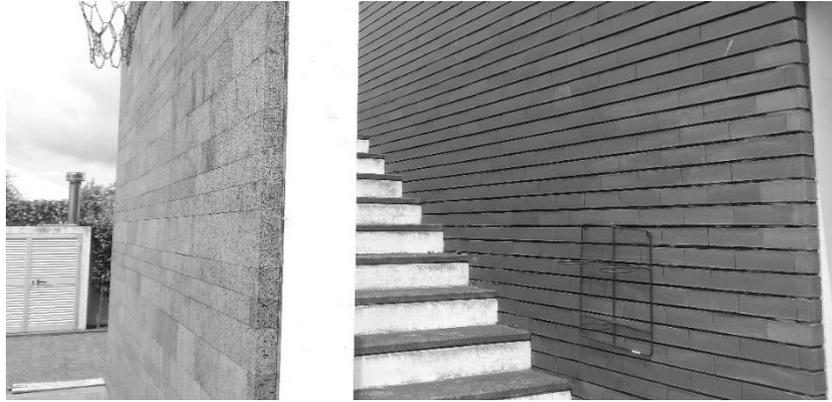
97

Espaços Exteriores



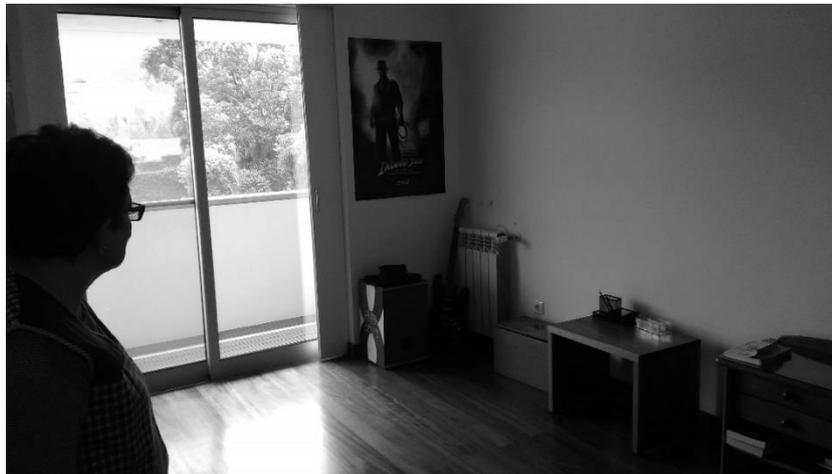
98

Espaços de cultivo agrícola



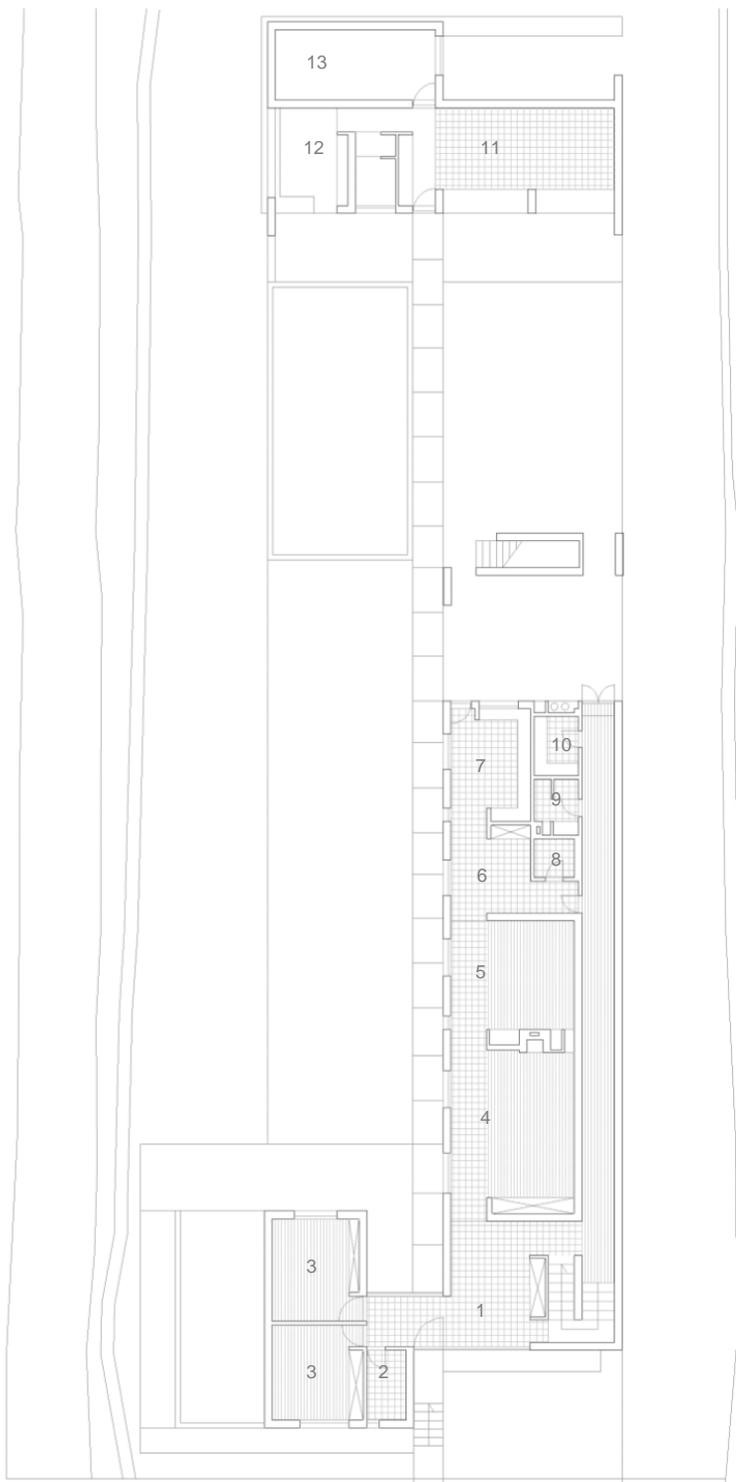
99

Revestimento de paredes exteriores



100

Revestimento de pavimentos interiores, quartos

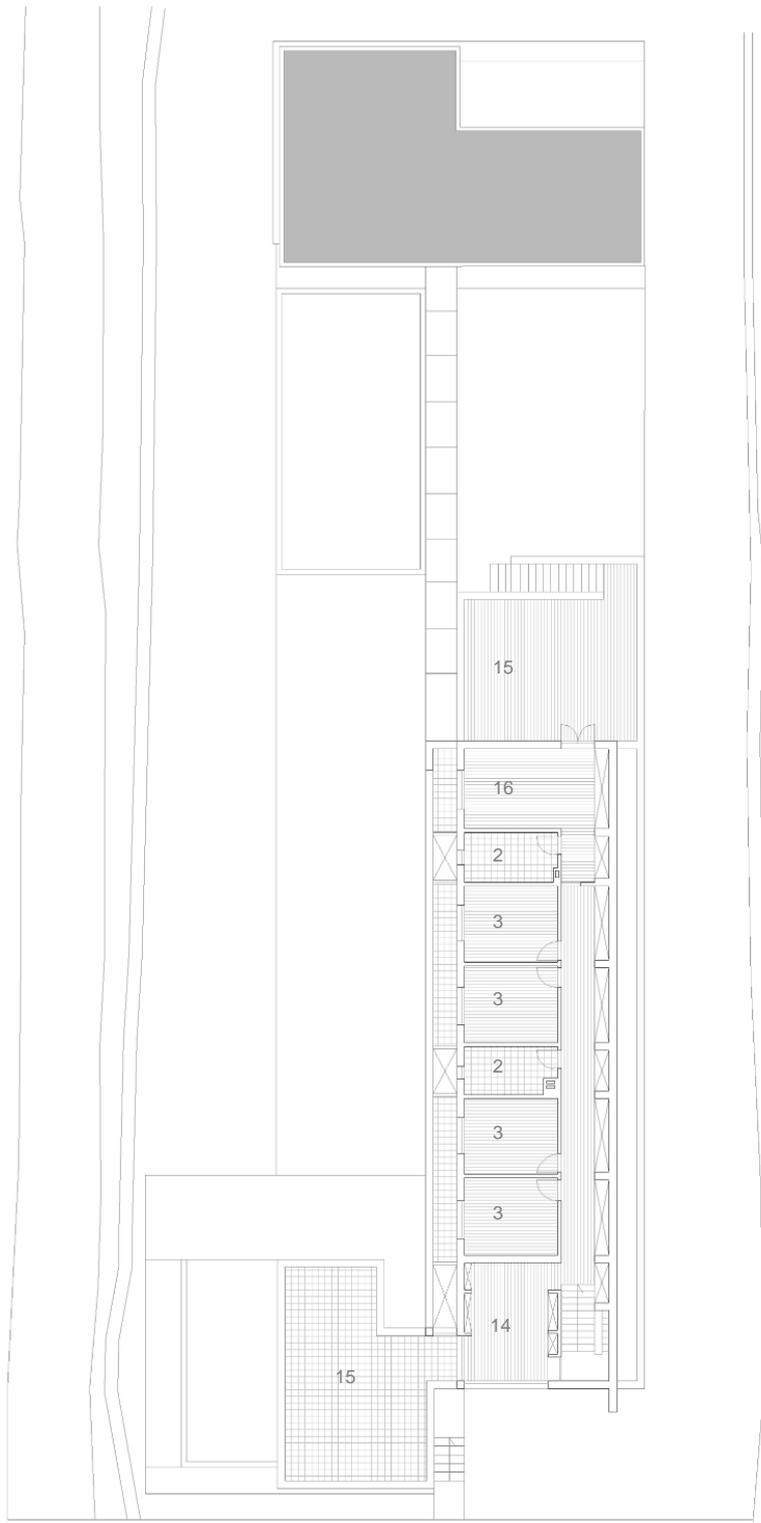


- 1 Hall
- 2 Instalação Sanitária
- 3 Quarto de Dormir
- 4 Sala de Estar
- 5 Sala de Refeições
- 6 Copa
- 7 Cozinha
- 8 Despensa
- 9 Instalação Sanitária
- 10 Arrumos
- 11 Cozinha
- 12 Espaço de Churrasco
- 13 Espaço de Apoio



101

Planta Piso 0

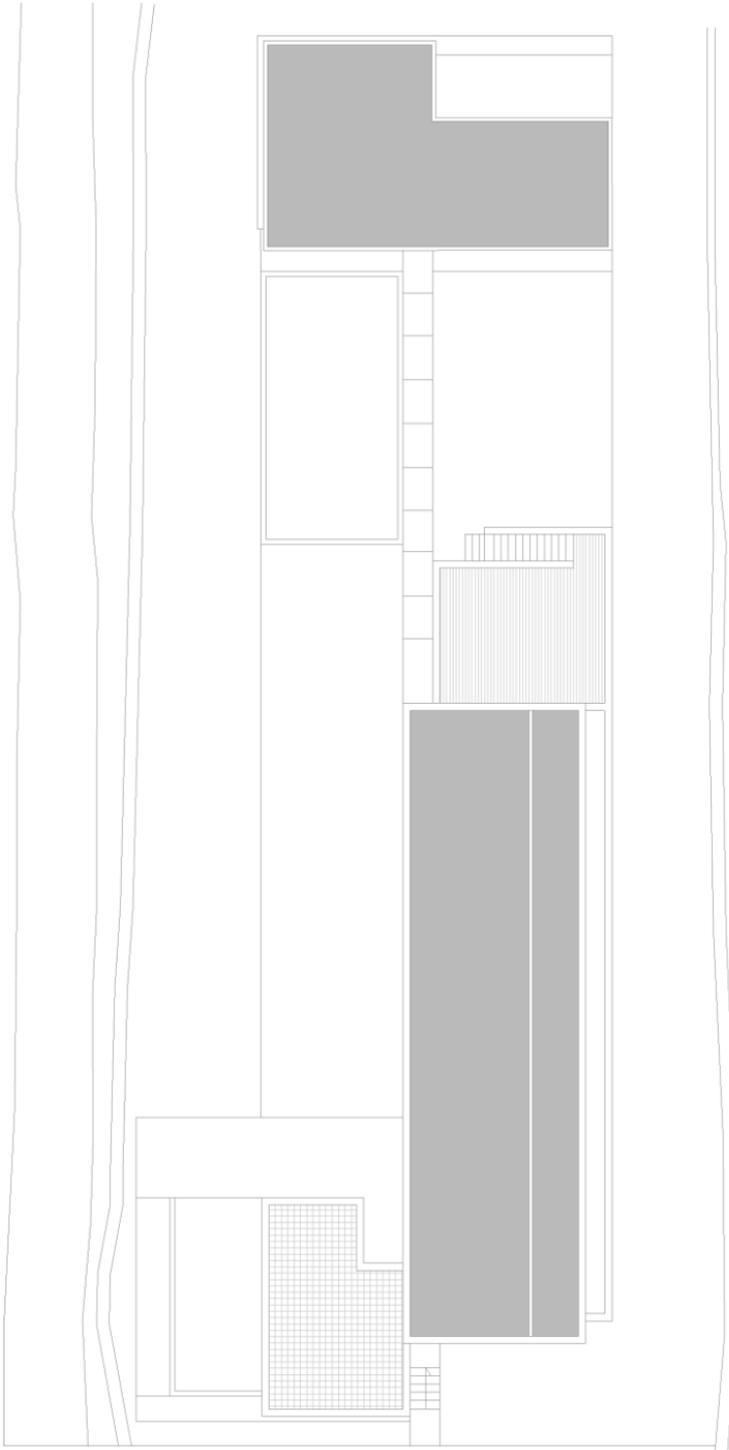


- 1 Hall
- 2 Instalação Sanitária
- 3 Quarto de Dormir
- 4 Sala de Estar
- 5 Sala de Refeições
- 6 Copa
- 7 Cozinha
- 8 Despensa
- 9 Instalação Sanitária
- 10 Arrumos
- 11 Cozinha
- 12 Espaço de Churrasco
- 13 Espaço de Apoio
- 14 Biblioteca
- 15 Espaço Exterior
- 16 Quarto de Dormir Casal



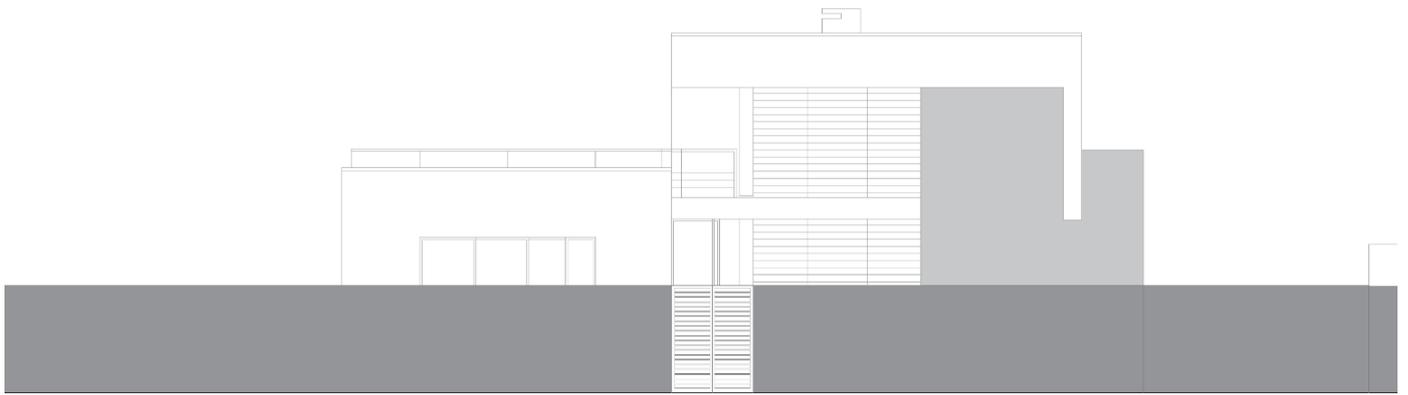
102

Planta Piso 1



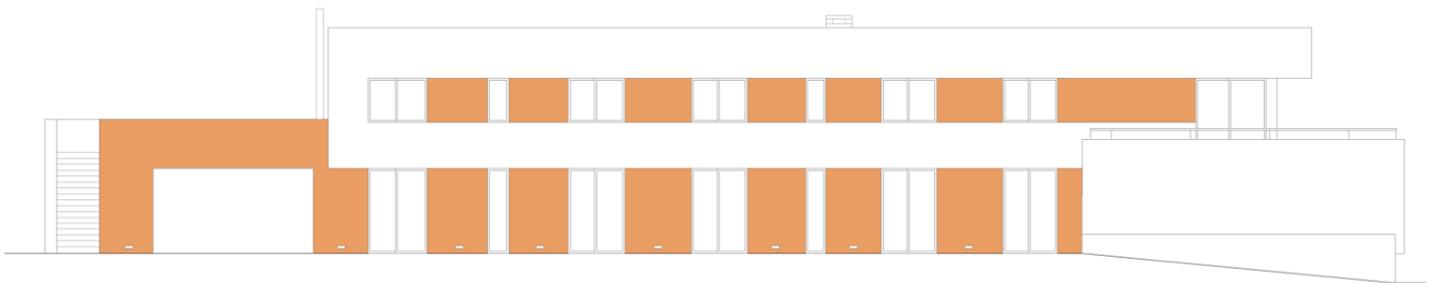
103

Planta de Cobertura



104

Alçado Frente Rua



105

Alçado Sul



C a s o d e E s t u d o

4

Tipo

Moradia Unifamiliar

Arquiteto

Rui Sabino de Sousa, atelier SALWORKS

Proprietários

Marisa Vieira e Pedro Garcia, bancária e *designer*

Agregado Familiar

Casal

Localização da Habitação

Rua do Ouvidor / Rua Hintze Ribeiro

Ano Projeto

2013



A habitação que integra o Caso de Estudo 4 é a primeira de um espaço a urbanizar na Ribeira Grande localizado no limite da área urbana histórica e que se caracteriza pela proximidade a áreas residenciais e a estruturas de apoio a habitantes, tornando esta zona sujeita ao crescimento urbano (106).

Um casal jovem decidiu apostar no seu primeiro investimento imobiliário com a construção desta casa. Para tal, a encomenda foi feita a um arquiteto jovem, Rui Sabino. Devido à proximidade e amizade, encomendaram o projeto de forma a ir de encontro às necessidades do casal e de seguir um conjunto de requisitos impostos pela empresa responsável pelo loteamento.

Após a visita a habitações projetadas pelo mesmo arquiteto, o casal propôs um programa que originou um volume cúbico de 2 andares, centrado no lote e delimitado por um muro branco. Este mesmo muro é interrompido por uma passagem que permite a entrada para espaço interior do lote que por sua vez permite o acesso à habitação e a outro volume anexo, a garagem. Este limite, como em todos os casos estudados salienta a separação entre o ambiente privado e o público.

No exterior, esta habitação mostra-se muito controlada na “quantidade” de vãos e na sua disposição. Os planos brancos afirmam a presença destes elementos que contribuem para a entrada de luz controlada a sul e a poente (107). No andar ao nível da entrada, a iluminação é conseguida por um grande rasgo a poente que permite a entrada de luz refletida pelo muro e que se expande a todo o interior. No andar superior a iluminação natural além de ser conseguida a partir dos vãos nos alçados, também é conseguida por um rasgo na cobertura que ilumina as escadas.

Interiormente (112, 113, 114), o andar à cota da rua caracteriza-se pela sua amplitude espacial que permite uma circulação “aberta” pelos espaços comuns, como a sala de estar, a sala de refeições e espaço da cozinha. Sem a presença de nenhum elemento vertical o espaço é vivido abertamente, o que contribui para uma fluidez e abertura na circulação. Isto vai ao

encontro com o facto de o casal ser jovem e assumir a necessidade constante de receber conhecidos. Os espaços técnicos “escondem-se” atrás da cozinha.

No primeiro andar, dois quartos de cama seguem uma rigidez formal ortogonal e articulam-se para poente. A nascente, um amplo espaço é utilizado como escritório, mas segundo o proprietário, possui a flexibilidade para se tornar noutro quarto de cama, “*caso a família cresça*”¹.

Exteriormente, os vãos retangulares e em caixilharia preta, afirmam-se sobre o plano branco e direcionam o olhar para um ponto específico, quer da paisagem urbana quer da paisagem natural.

O envolvimento na construção desta habitação veio “desconstruir” a ideia e a imagem de uma “casa à antiga” que era claramente influenciada pelas suas vivências de infância. Sendo o resultado da desconstrução, o arquiteto sugeriu “*abrir o espaço*”².

Curioso é o facto do casal afirmar que uma casa desenhada por um arquiteto possui um valor acrescido e um certo reconhecimento. Mas neste caso em particular (110, 111), e devido à sua forma e presença icônica no espaço, já possui a alcunha de “a casa dos Foros”³.

Devido à intervenção persistente do casal nas escolhas dos materiais e nas alternativas construtivas, parte das intenções do arquiteto, foram substituídas por um conjunto de alternativas propostas pelo casal, contribuindo para uma certa insatisfação por parte do arquiteto. Tal foi a insatisfação que o arquiteto recriou outra habitação, fora da Ribeira Grande. O “processo de adultério”, por parte dos proprietários fez com que outra habitação fosse construída com formalidade idêntica e que fosse ao encontro do ideal projetado seguindo as intenções do arquiteto (108, 109).

¹ Entrevista a Pedro Garcia, 04-07-2018

² Entrevista a Pedro Garcia, 04-07-2018

³ *Foros* é o nome do sítio pertencente à freguesia de Conceição, Ribeira Grande

O ideal de habitação sempre esteve, segundo os proprietários, ligado às necessidades e com a possibilidade de contribuir para uma vida melhor no que toca a qualidade: é *“por norma um espaço relacionado com as necessidades de quem nela habita”* ⁴.

Na questão material, esta habitação segue no sistema construtivo em betão armado sendo que os revestimentos dos pavimentos interiores variam consoante a sua função, existindo diferenças de materiais consoante o espaço em questão. Há uma presença constante de elementos metálicos que se afirmam por si, como na porta o deslizante da entrada ou os caixilhos nos vãos.

Neste Caso de Estudo, a pedra de basalto “não marca a sua presença”, mas os proprietários consideram o gosto pela pedra e declaram-na como elemento de ligação aos antepassados e como referência à memória.

⁴ Entrevista a Pedro Garcia, 04-07-2018



107

Vãos exteriores como molduras para a envolvente



108 e 109

Relação entre o Caso de Estudo e o projeto posterior



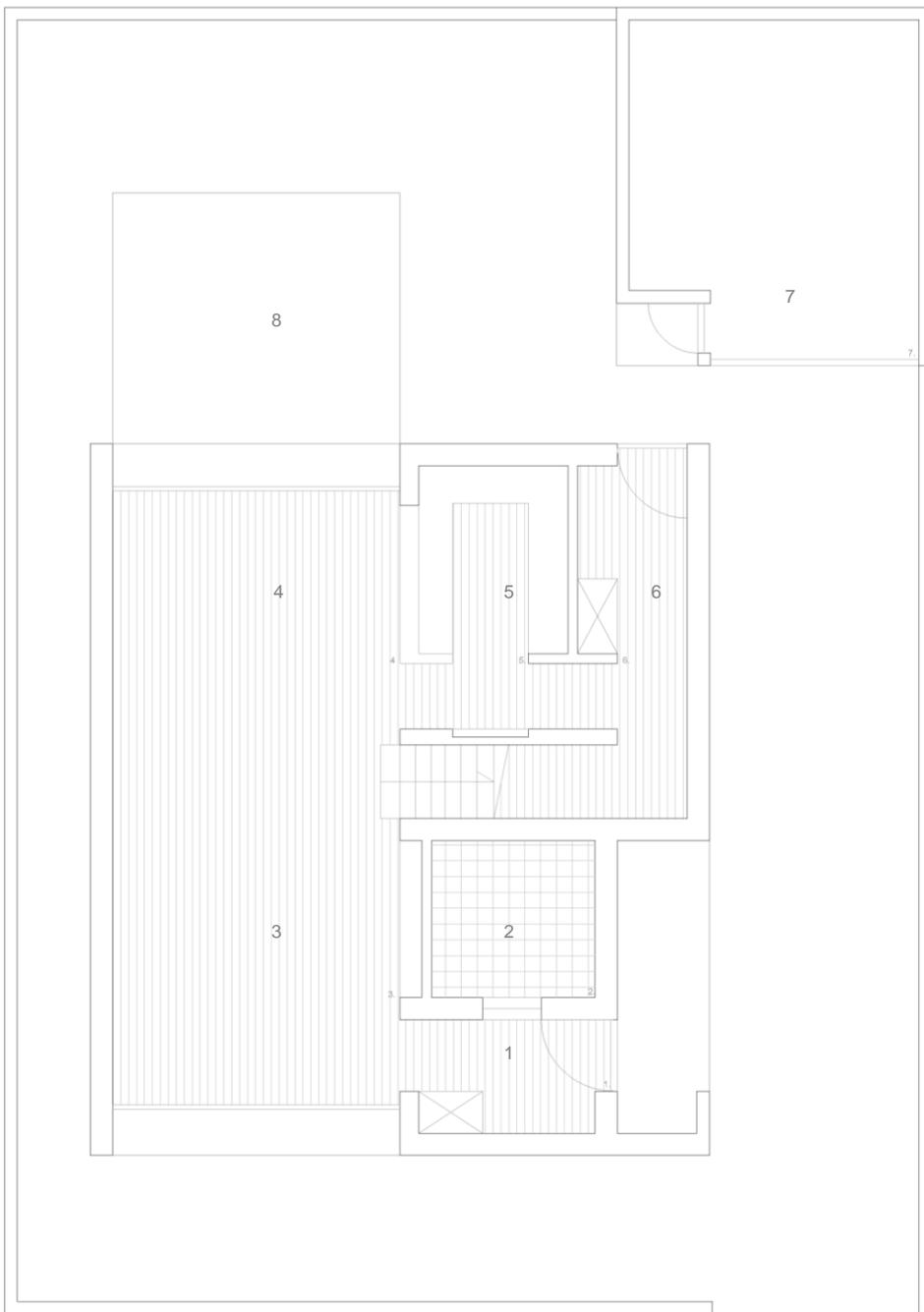
110

Relação de *icone*



111

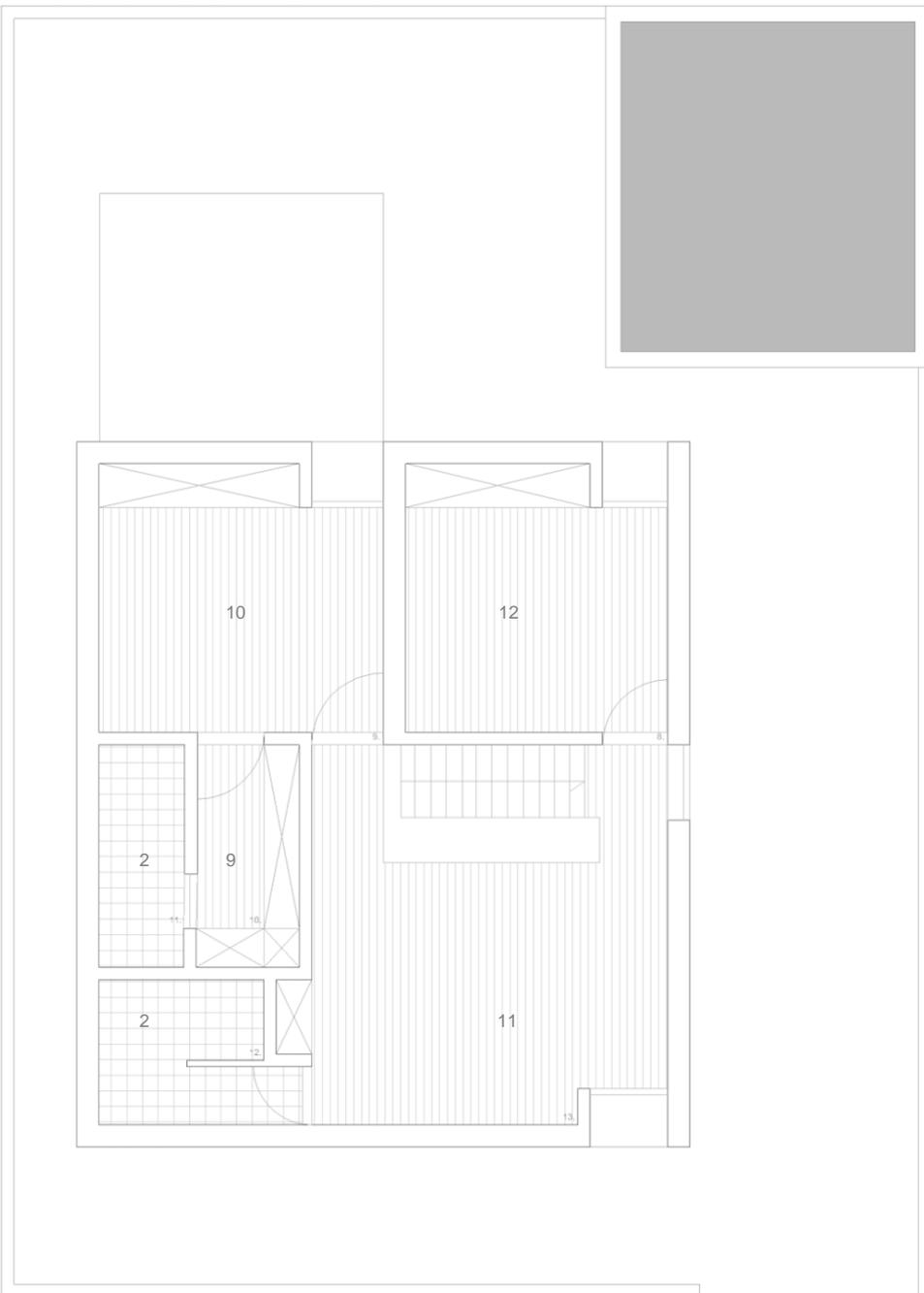
Relação com a envolvente construída



- 1 Hall
- 2 Instalação Sanitária
- 3 Sala de Estar
- 4 Sala de Refeições
- 5 Cozinha
- 6 Lavandaria Quarto de Dormir
- 7 Garagem
- 8 Espaço Exterior



112
Planta Piso 0

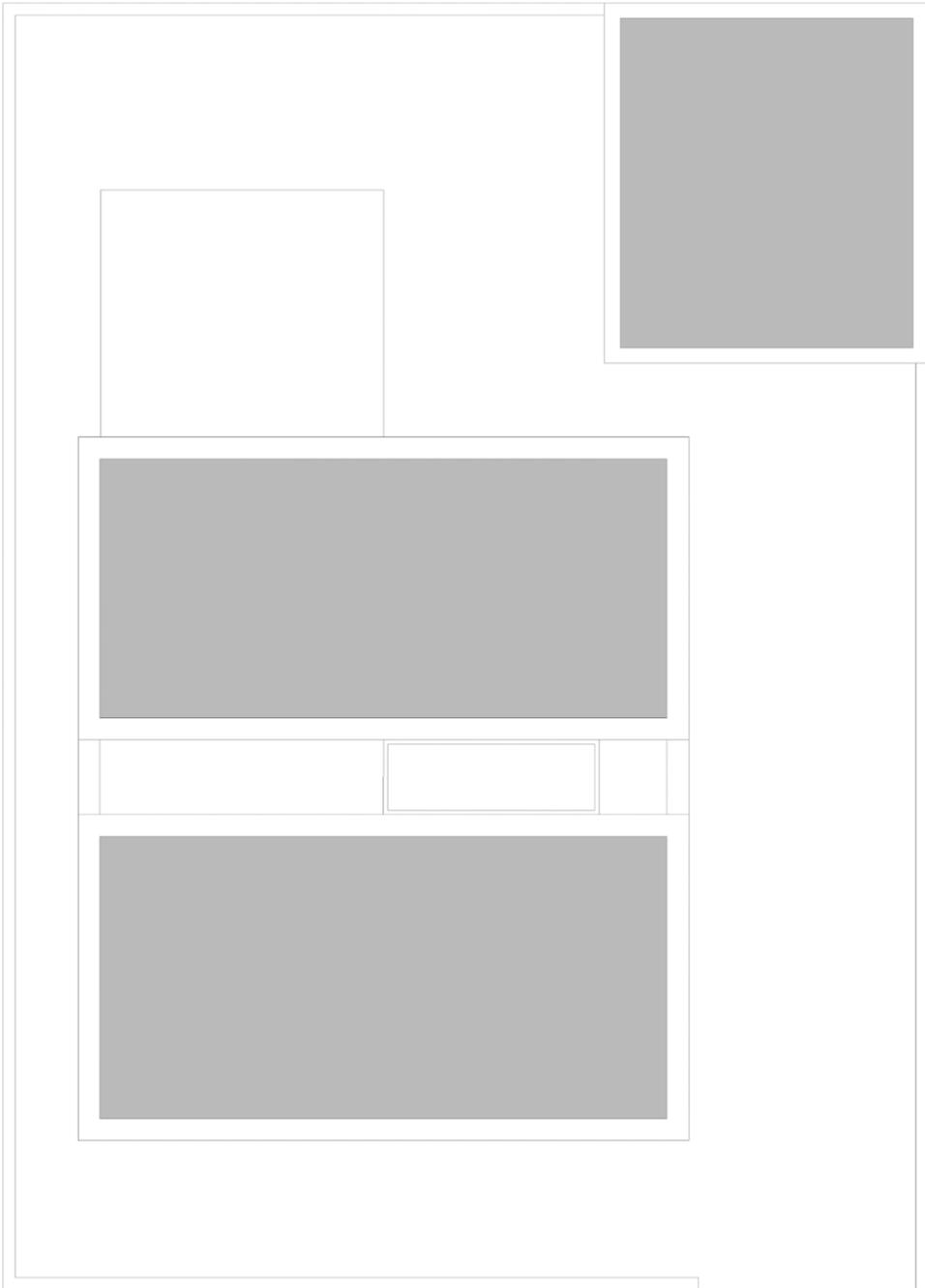


- 1 Hall
- 2 Instalação Sanitária
- 3 Sala de Estar
- 4 Sala de Refeições
- 5 Cozinha
- 6 Lavandaria
- 7 Garagem
- 8 Espaço Exterior
- 9 Vestiário
- 10 Quarto de Cama
- 11 Escritório
- 12 Quarto de Cama Casal



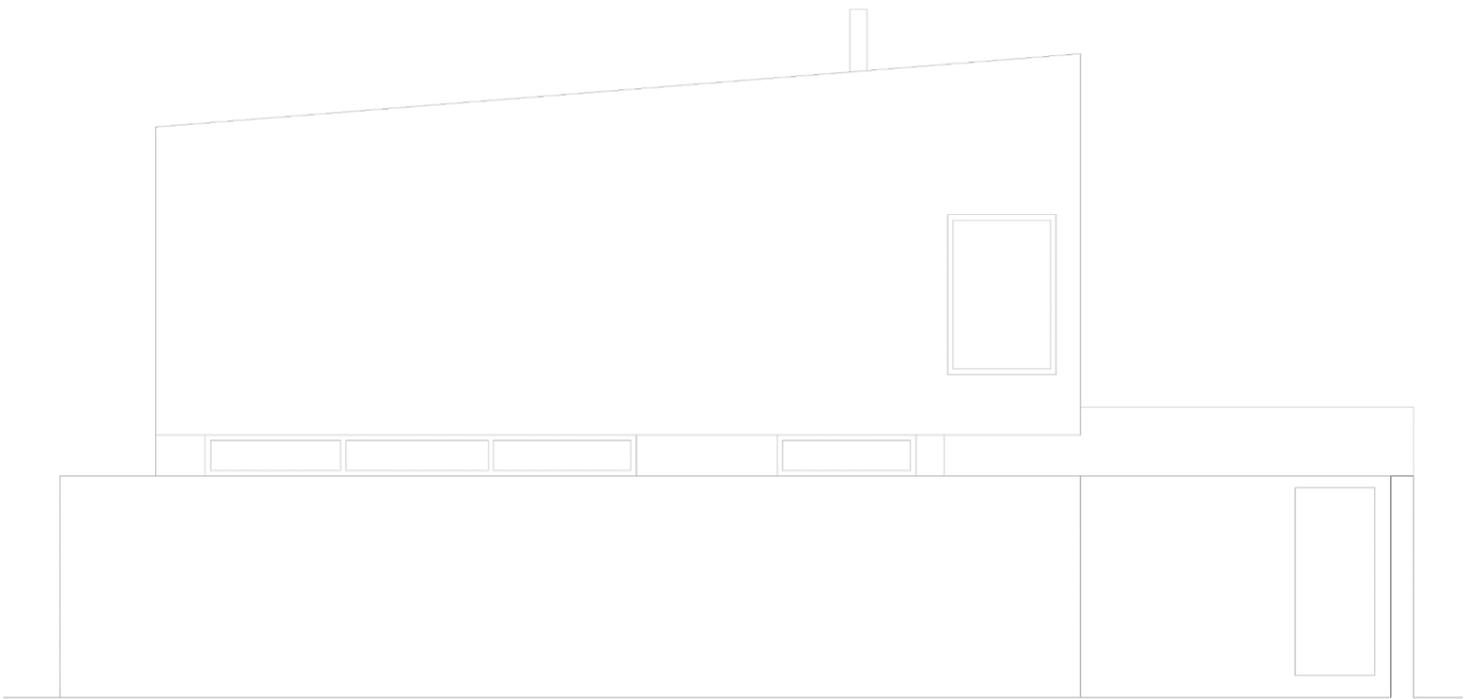
113

Planta Piso 1



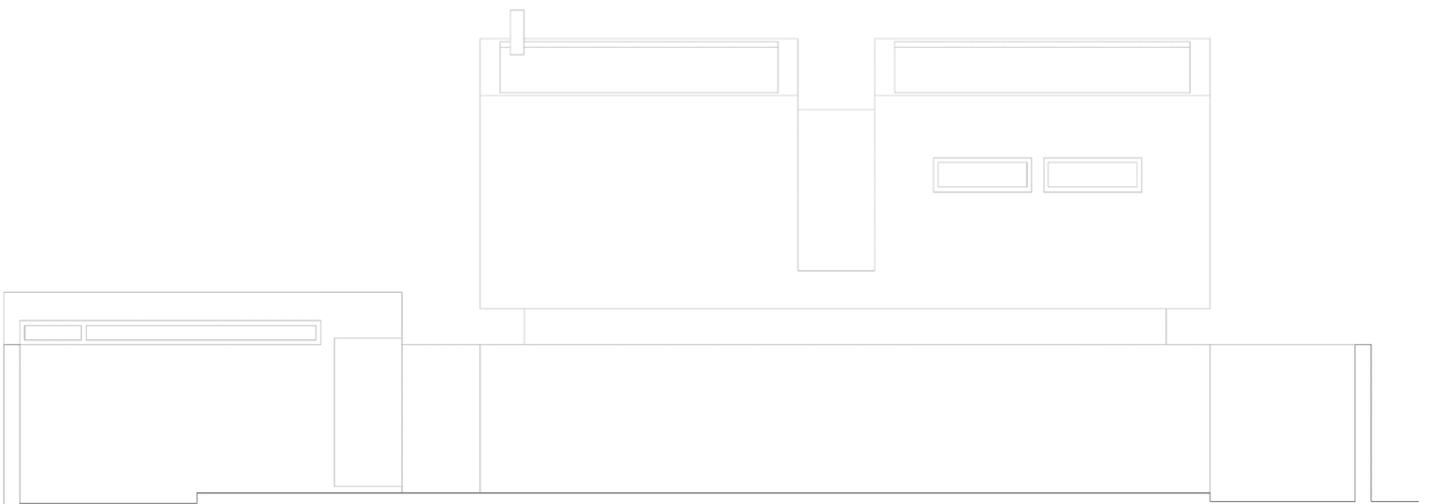
114

Planta de Cobertura



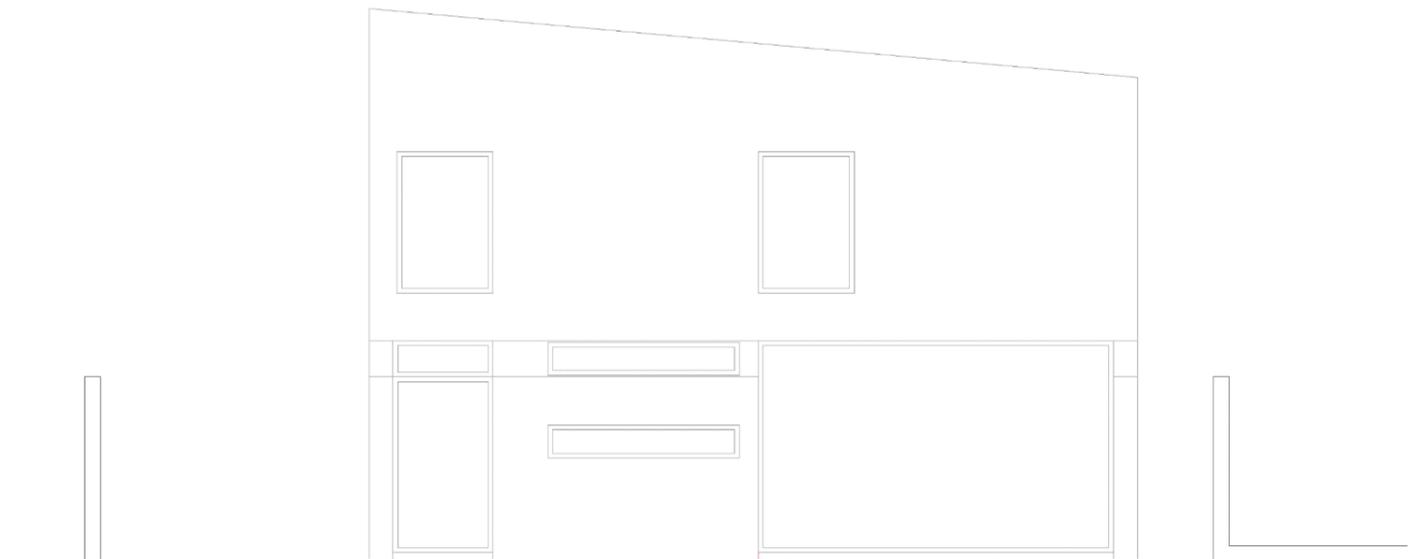
115

Alçado Norte



116

Alçado Nascente7





C a s o d e E s t u d o

5

Tipo

Moradia Unifamiliar

Arquiteto

Nemésio Branco-Pereira,
atividade própria, Paris

Proprietário

Herodina de Jesus Correia Casanova, empresária empresa de construção civil

Agregado Familiar

Casal

Localização da Habitação

Rua Eng. Abrantes de Oliveira

Ano Projeto

2003



118

Localização Casos de Estudo 5,
Rua Vencimento, Ribeira Grande

A habitação referente ao Caso de Estudo 5 localiza-se a pouca distância do centro histórico da Ribeira Grande, estando perto a edifícios públicos, estabelecimentos comerciais, espaços culturais e estruturas desportivas (118).

A sua implantação tenta seguir o alinhamento das habitações vizinhas e algumas regras definidas pela Direção Regional da Cultura, devido a proximidade ao Solar do Vencimento (120), um edifício de carácter habitacional do séc. XVI¹. Este está disposto na horizontal possuindo relação com a rua a partir de um grande muro que também afirma a diferença altimétrica entre a mesmo e o edifício. É considerado Imóvel de Interesse Público pela Região Autónoma dos Açores².

Tal como os casos anteriores, a rua não é vivida de forma direta e, conseqüentemente, não faz parte integrante da vivencia doméstica. O limite entre os espaços público e privado é conseguido pela presença de um muro em alvenaria de basalto (123) e por elementos arbóreos que salientam esta mesma separação.

A partir da rua existe o acesso a duas entradas distintas: a entrada para a habitação que é marcada por uma porta com a mesma cor que define a fachada, e a entrada para o espaço de garagem. Esta habitação implanta-se num terreno com uma grande pendente e foi desenhada segundo dois pressupostos ditados pelo arquiteto: criar um conjunto de espaços onde a transparência e fluidez espacial e a relação visual com a costa Norte e o mar fossem uma constante ³.

¹ Parte das medidas impostas pela Direção Regional da Cultura iam desde a cor da fachada, o tipo de cobertura, o revestimento da cobertura, o material da porta e a altura máxima de cércea.

² Decreto Legislativo Regional nº 11/2000/A, Regulamento de Proteção aos Imóveis Classificados. Publicado a 19 de maio de 2000 e referido na Memória Descritiva do Projeto.

³ Segundo a proprietária, o espaço envolvente tem sido perturbado pelo ritmo constante de urbanização. No período de construção o espaço envolvente encontrava-se em mau estado de conservação urbana.



119

Habitação projetada por Nemésio Branco-Pereira, Lagoa, São Miguel



120

Relação entre a habitação, rua e muro do Solar do Vencimento

A fachada de rua (121, 122) apresenta-se depurada e cega impossibilitando qualquer relação visual com o seu interior, quase como um segundo muro que copia o que suporta o Solar do Vencimento. A fachada referida foi desenhada segundo linhas de pequenos vãos que permitem a ventilação e alguma iluminação para o interior, mas que formalmente acentua a ideia de horizontalidade ⁴.

Já nos alçados a poente, a sul e a nascente o volume possui aberturas de forma a permitir iluminação a espaços privados. Mas é no alçado norte que se encontram as aberturas maiores de forma a permitir uma relação entre os espaços comuns e a envolvente.

A abordagem do arquiteto para a conceção programática do interior foi ir ao encontro às necessidades e “rituais” domésticos da proprietária, questionando mesmo “*o que mais gosta de fazer quando chega a casa?*” ⁵. E é com este sentido de tratamento que o arquiteto consolida o programa.

Assim, esta habitação desenvolve-se por dois andares interligados (124,125,126) por uma rampa interior. O piso 0, à cota da rua, recebe os espaços privados, mas é também nele que se situa o *hall* de entrada. Este espaço de entrada estabelece relação direta com a antecâmara do quarto principal da casa.

Ao descer a rampa teremos um amplo espaço de união entre a sala de estar, a sala de refeições e a cozinha. Todo este piso está aberto para norte com a intenção de encontrar relação com a costa e, simultaneamente, ao espaço exterior murado, como um prolongamento do interior.

A escolha do arquiteto deu-se devido à relação de proximidade (119) que ambos possuíam e também pelo conhecimento de habitações já construídas.

⁴ “A moradia na Rua de Nossa Senhora do Vencimento 955, fronteira ao Solar do Vencimento, dentro do desenho da arquitectura contemporânea, apresenta uma fachada branca, sóbria, acentuada pelas linhas horizontais relevadas, que lhe imprimem um sentido dinâmico.” FERNANDES, José Manuel, *Ribeira Grande: A Cidade e o Seu Concelho. Aspectos de Arquitectura e Urbanismo*, Edição Câmara Municipal Ribeira Grande, 2010, p.87

⁵ Entrevista a Herodina de Jesus Correia Casanova, 27-06-2018

Para a proprietária, esta habitação além de responder às suas necessidades *afirma e assume a sua personalidade e que ainda responde à uma estrutura familiar singular, constituída por apenas um casal* ⁶. Assumindo a diferença da obra perante as construções envolventes e até mesmo dentro das obras do arquiteto: *“a casa deverá ser construída à imagem de quem nela habita”* ⁷.

Devido ao seu envolvimento numa empresa de construção civil, a proprietária faz referência aos atuais modos de viver e de habitar, mais diluídos e distintos daqueles *de há 30 anos atrás: “Antigamente pessoas como advogados, engenheiros e médicos, queriam as casas grandes. Hoje optamos por uma filosofia de vida mais individual e em que a casa não é um espaço prioritário”* ⁸.

Ainda sobre a questão imobiliária, a proprietária afirma que o centro urbano da Ribeira Grande está a ser alvo de grandes investimentos imobiliários e reconhece que a imagem do arquiteto pode ajudar como estratégia de *marketing* e facilitar o processo de compra dos imóveis, e a *“Câmara investe porque sabe que funciona”* ⁹.

A nível material, a habitação também segue o sistema construtivo em betão armado, sendo que o interior e exterior recebem acabamentos em branco, criando um sentido de unidade. Nos pavimentos exteriores são utilizadas lajetas de betão, e as zonas de passagem são complementarmente por elementos vegetais. No interior, o revestimento dos pavimentos define a diferença de espaço e, conseqüentemente, sua funcionalidade, como por exemplo entre os quartos e os espaços comuns, que se revestem em soalho ou em cerâmica, respetivamente.

⁶ e ³² Entrevista a Herodina de Jesus Correia Casanova, 27-06-2018

³³ Entrevista a Herodina de Jesus Correia Casanova, 27-06-2018

³⁴ Entrevista a Herodina de Jesus Correia Casanova, 27-06-2018



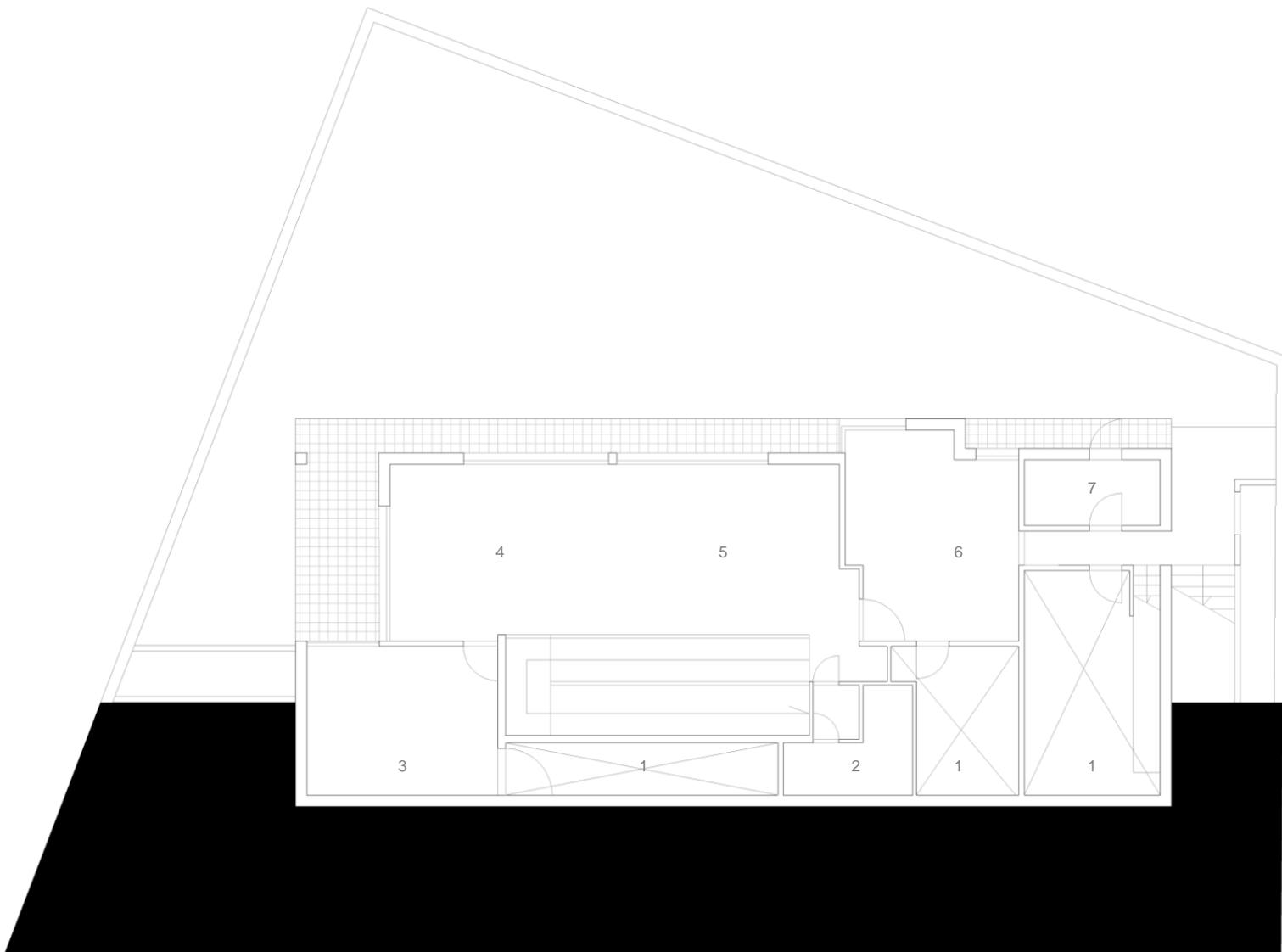
121 e 122

Fachada de Rua, vista a poente e nascente



123

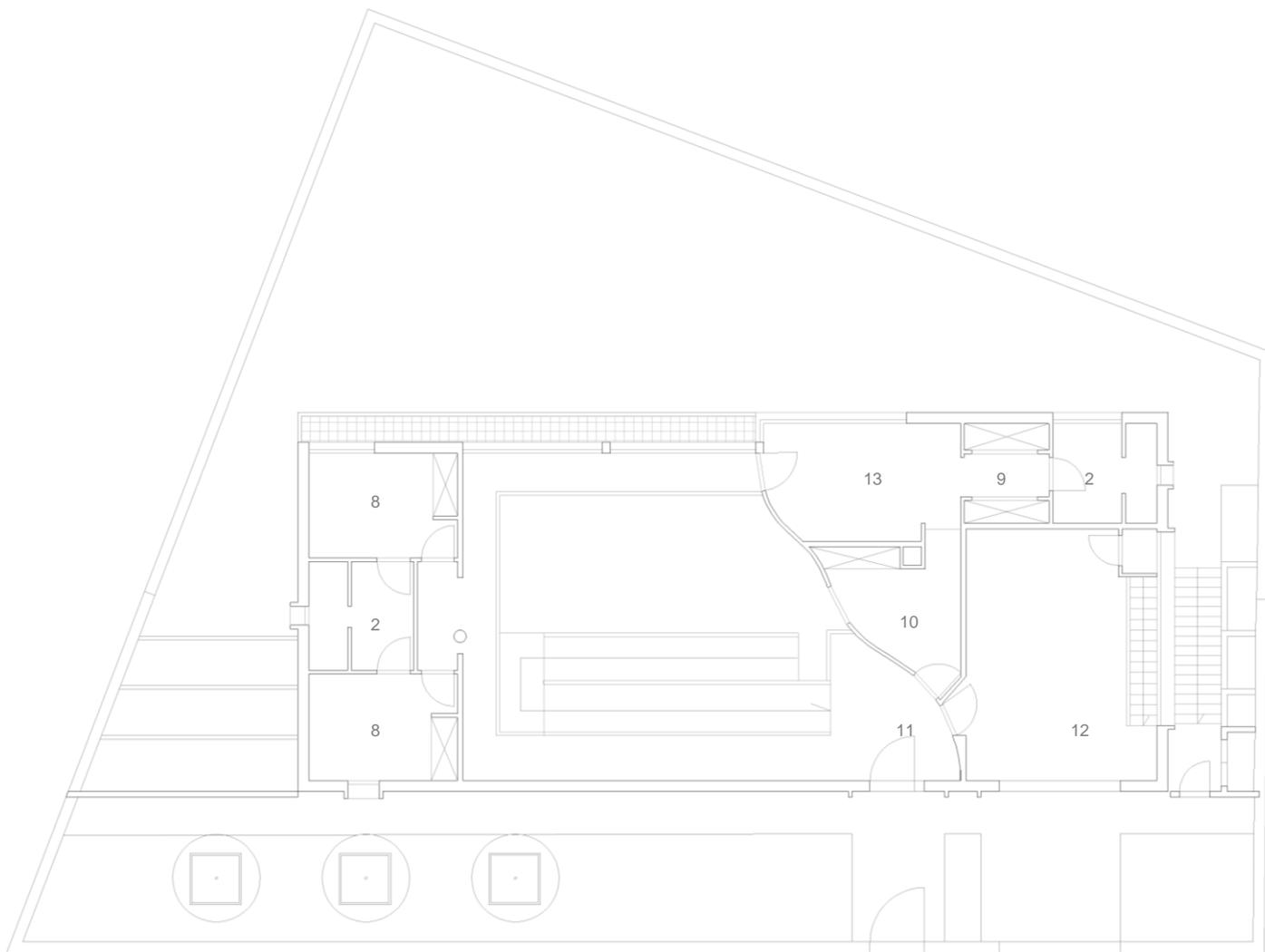
Marcação entre o privado e a rua



- 1 Arrumos
- 2 Instalação Sanitária
- 3 Estúdio
- 4 Salão
- 5 Sala de Refeições
- 6 Cozinha
- 7 Lavandaria

124
Planta Piso -1





- 1 Arrumos
- 2 Instalação Sanitária
- 3 Estúdio
- 4 Salão
- 5 Sala de Refeições
- 6 Cozinha
- 7 Lavandaria

- 8 Quartos de Cama
- 9 Vestiário
- 10 Ante-camara
- 11 Hall
- 12 Garagem
- 13 Quarto de Cama casal

125
Planta Piso 0





125

Planta Cobertura





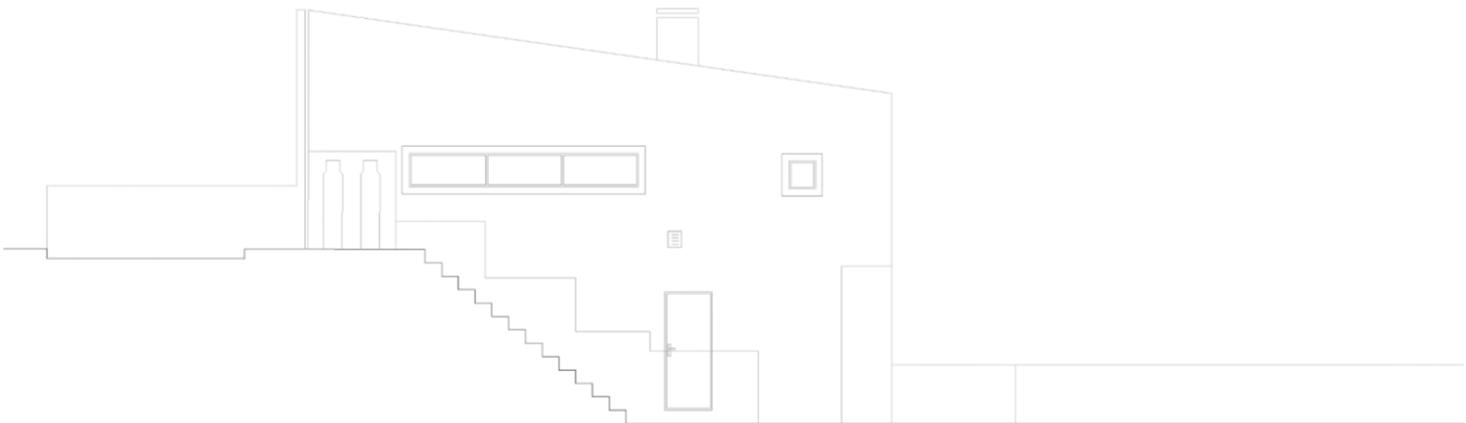
126

Alçado Rua



127

Alçado Poente



128

Alçado Nascente

8.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

distanciamento *versus* proximidade

tradicional *versus* contemporâneo

A Ilha de São Miguel esteve sujeita a um processo de evolução muito mais profundo do que as restantes ilhas do arquipélago, devido à importância que recebeu desde o início da sua descoberta. Face a esta importância, a ilha esteve, por tempos, sujeita a influências exteriores que modificaram, em parte, os hábitos e costumes sociais, que por sua vez foram dispostos para a arquitetura.

Este estado de permeabilidade colocou a arquitetura, mais concretamente a arquitetura doméstica, sob um processo dicotómico em que de um lado parte dos habitantes se limitavam a reproduzir aquilo que assimilavam conforme as necessidades humanas, e de outro lado, a abertura a novas tendências e *estilos* por via erudita que fez com que novas tipologias surgissem num contexto de dimensão rural.

Embora tenha começado a surgir uma certa dose de heterogeneidade, este processo encontrou alguns limites na região dos Açores devido à insularidade e conservadorismo que ainda se fazia sentir, onde modelos tradicionais continuavam a ser replicados e conservados sob novas técnicas construtivas e materiais em simultâneo à construção de novas formas de viver e habitar o espaço doméstico.

Refletindo sobre o tema da permeabilidade e do peso que a arquitetura exerceu na definição do lugar, perceber qual a *proximidade* e/ou *distanciamento* entre tipologias/modelos

habitacionais foi o motor para o desenvolvimento deste trabalho traduzindo-se na questão: *Qual a proximidade e qual o distanciamento que poderá existir entres as habitações tradicionais e as contemporâneas?*

Parece claro que, independentemente do tipo de habitação que se produz, há sempre a intenção de integrar um conjunto de aspetos que afirmam a dependência ao lugar e a sua relação, como por exemplo com o uso de matéria-prima local, o basalto. Um material quase eterno e presente em todas as habitações, embora posteriormente adotado como material ornamental.

Uma das “dimensões” que difere no contexto da habitação tradicional é a forma como o espaço público se relaciona com o espaço privado. A habitação popular implanta-se num espaço urbano que se afirma pelo parcelamento de lotes de dimensões reduzidas, contribuindo para a ideia de rua corredor onde a esquemática das fachadas contribui para uma ordem repetitiva.

Este tipo de implantação empena-a-empena em pequenos lotes, leva à ocupação extrema destes mesmos lotes, sem a presença de nenhum elemento de separação entre a via pública e o espaço doméstico, contribuindo para a continuidade entre a casa e a rua. A porta, elemento de ligação direta entre a rua e a casa intensifica esta proximidade.

Em contrapartida, a habitação de influência erudita possui uma relação com o espaço público ainda mais distinta. Afirma-se pela sua implantação que se destaca pela monumentalidade e prestígio que assume em torno do contexto. Ocupa o lote na sua totalidade e paralelamente à rua, reforçando a ideia de prolongamento e de enfiamento visual. Esta é claramente uma tipologia que se afirma não só pela sua complexidade espacial interior, como também pela forma como se relaciona com o espaço público, havendo o destaque para o espaço de culto religioso que por vezes remata a construção num dos limites do volume.

Assim, deve-se afirmar que esta tipologia doméstica não é reproduzida nos dias de hoje do mesmo modo que a tipologia popular o é.

Hoje são construídos modelos de habitação que se distanciam da casa tradicional em vários aspetos como na vivência do espaço, na complexidade espacial e na relação com o espaço público.

Estes novos modelos, fazem parte integrante de iniciativas “urbanizantes” para a periferia do centro histórico da Ribeira Grande, todavia três dos cinco Casos de Estudo analisados foram construídos em terreno obtidos pela passagem de bens imóveis por via hereditária, e curiosamente nenhum ainda esteve sujeito a um processo de venda.

A estreita relação com o trabalho, é uma característica presente no conjunto de espaços domésticos. Enquanto que na tipologia doméstica popular a casa estava ligada às atividades agrícolas, pecuárias e comerciais, hoje o espaço “escritório” é incluído no programa com a mesma importância e dimensão que os espaços comuns, mas espacialmente, afastado destes mesmos.

Entre as “características” que parecem fazer distinguir os modelos tradicionais dos modelos mais recentes, é provavelmente a relação com a via pública e a utilização de materiais.

Nas habitações estudadas existe um elemento que pré-define a disposição espacial e a sua construção: a relação com a rua e consequentemente com o espaço público. Todas se mostram fechadas formalmente por um limite, o muro, que diferencia o espaço doméstico do espaço exterior a este. Um “bloqueio” que é afirmado por este elemento de limite e de separação e que torna a vivência familiar ainda mais inclusa e intransmissível. O “muro”, independente da sua materialidade, possui sempre um acesso distinto e indissociável das necessidades atuais, a entrada para o automóvel, objeto de uma *quase-dependência*.

A ocupação parcial do lote e esta relação de “costas viradas” para a rua, possibilita que os espaços internos, na sua generalidade, possuam proximidade com as áreas exteriores, garantindo assim um contato constante e próximo entre as mesmas a partir de vãos de grandes dimensões. Em contrapartida, as aberturas para a rua mostram-se muito mais controladas e de dimensões reduzidas.



130

Habitações projetadas por Eduardo Souto Moura, Sete Cidades, São Miguel



131
Casa Voo dos Pássaros, Bernardo Rodrigues

Esta forma de viver o espaço celebra a individualidade familiar que pode ser complementada pela personalidade de quem nela habita, ou simplesmente a busca por uma experiência mais incluída, que contribui para uma certa intransmissibilidade de acontecimentos pessoais e familiares. Curiosamente, todas as habitações estão extremamente ligadas à ideia de espaço permanente que por sua vez contém uma atitude de afirmação de identidade e distinção social.

O basalto, independentemente das suas características físico-químicas, nos Casos de Estudo é utilizado apenas no revestimento de superfícies exteriores assumindo então um carácter ornamental em que as suas características construtivas são colocadas “de parte” por não responderem às necessidades exigidas pela dimensão destas novas construções.

Assim, o contexto contemporâneo está caracterizado pela pluralidade, pela possibilidade de construir modelos de habitações que se assumem como réplicas, reinterpretações e provocações às tipologias tradicionais com a integração de novos materiais e sistemas construtivos, e por fim, pela afirmação de novas formas introduzidas pela personagem do arquiteto e pelas ambições dos proprietários.

Tudo isto, no fundo, contribui para uma paisagem mais heterogénea em resposta às complexidades sociais (130 e 131).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERGARIA, Isabel Soares de - **Arquitectura Regional”. Debates e Propostas em Torno da Casa Açoriana na I República**. Universidade dos Açores. Centro Gaspar Frutuoso. 2012

ALBERGARIA, Isabel Soares de - **Na Forja da “Arquitectura Regional”. Entre o determinismo geográfico e as desinências nacionalistas: o caso açoriano**. Universidade dos Açores

ATAIDE, Luís Bernardo Leite – **Etnografia, Arte e Vida Antiga dos Açores. Ribeira Grande e a sua arquitectura antiga, Ribeira Grande**, Câmara Municipal Ribeira Grande, 1999

BOTTON, Alain de - **A Arquitetura da Felicidade**. Rocco. Editora, 2007

BRANDÃO, Raúl – **As Ilhas Desconhecidas**, Quetzal Editores, 2011

BRUNO, Jorge (coord.) - **João Correia Rebelo, Um Arquiteto Moderno nos Açores**. Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano Cultura, 2002

CALDAS, João Vieira (coord.) - **Arquitectura Popular dos Açores**. Ordem dos Arquitetos, 2000

CÈSAR, Ana Cristina Borges - **A Casa do Emigrante Português, Caracterização Arquitetónica e a sua Contextualização**, Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Engenharia, 1996. Dissertação de Mestrado

COSTA, Francisco Carreiro da – **Esboço Histórico dos Açores**, Ponta Delgada: Instituto Universitário dos Açores, 1978

CRUZ, José Virgílio - **Livro das paisagens dos Açores: contributos para a identificação e caracterização das paisagens dos Açores**, Ponta Delgada: Direção Regional do Ordenamento do Território e dos Recursos Hídricos, Secretaria Regional do Ambiente e do Mar, 2005

FERNANDES, José Manuel, JANEIRO, Ana - **Arquitectura Contemporânea dos Açores**. Ponta Delgada: Presidência do Governo Regional dos Açores, Direção Regional da Cultura, 2009

FERNANDES, José Manuel, JANEIRO, Ana - **Ribeira Grande: A Cidade e o Seu Concelho. Aspectos de Arquitectura e Urbanismo**. Ribeira Grande: Câmara Municipal Ribeira Grande, 2010

FERNANDES, José Manuel - **Cidades e Casas da Macaronésia: Evolução do Território e da Arquitectura Doméstica Portuguesa, quadro histórico do século XV ao século XVIII**. Porto: FAUP Publicações, 1996

FERNANDES, José Manuel – **Casa Açoriana (de habitação)**. Instituto Cultural dos Açores. Consultado em 11.02.2016.

Disponível em: <http://www.culturacores.azores.gov.pt/fotos/enciclopedia/enciclopedia232009164748.jpg>

HAEBERLE, Arminius - **The Azores. Picturesque and Historic Half-way House of American Transatlantic Aviators**. The National Geographic Magazine: 514 - 545

LARANJEIRA, Mateus Eduardo da Rocha – **As Casas de Câmara e Cadeia nos Açores (séculos XV - XVIII)**, Algarve: Universidade do Algarve, 2013. Dissertação de Mestrado

MAGALHÃES, Joully Mayrink - **a influência da moradia nas relações familiares: uma análise das famílias em risco social**- 4º Simpósio Mineiro de Assistentes Sociais. Consultado em 11.02.2016.

MEDEIROS, Carlos Alberto - **Acerca da ocupação humana das ilhas portuguesas do Atlântico.** Finisterra – Revista Portuguesa de Geografia, Lisboa, IV (7): 95-125

PEREIRA, Sandra Marques - **Casa e Mudança Social: uma leitura das transformações da sociedade portuguesa a partir da casa.** Lisboa: Caleidoscópio Edição e Artes Gráfica, 2012

PINTO, J., Cardoso - **Caracterização de paredes tradicionais de tabique. Paredes Divisórias: Passado, Presente E Futuro.** 2011. 25–36

PONTE, António Crispim A. Borges da – **Monografia Histórico-geográfica do Concelho da Ribeira Grande,** Ribeira Grande: Câmara Municipal da Ribeira Grande, 1981

RAIMUNDO, Paulo (Coord.) - **Inventário do Património Imóvel dos Açores, Ribeira Grande, São Miguel.** São Miguel: Direção Regional da Cultura, 2007

RODRIGUES, Sérgio, DOURADO, Rita – **Arquitectura popular dos Açores.** Açoriano Oriental, 7 de outubro de 2017, p.7

SAMPAIO, Ana Rita Nunes - **A Tipologia da Bretanha na Tradição de Casa Popular Micaelense. A Importância do Lugar na Construção da Identidade,** Porto: Faculdade de Arquitectura, 2016. Dissertação de Mestrado

SANBENTO, Madalena – **A Igreja do Espírito Santo e a Irmandade da Misericórdia.** Açoriano Oriental, 22 de julho de 2012, p.22

SOEIRO, Raquel – **São Miguel a Ilha Verde: Estudo Geográfico (1950-2000),** Lisboa: Universidade de Lisboa, 2004. Dissertação de Doutoramento

VÁRIOS – **Álbum Açoriano, História dos Açores aquando da Visita Régia,** Angra do Heroísmo: Região Autónoma dos Açores, Direção Regional da Cultura, 1903

VASCONCELOS, J. L. de - **Mês de Sonho**. 2ª Edição. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1992

VIEIRA, Álvaro Siza - **Textos 01 - Álvaro Siza**. Civilização Editora, 2009

WEBSTER, J. W. - **A Description of the Island of St. Michael, Comprising an Account of its Geological Structure**. Boston, 1821

10.

ANEXOS

LOCALIZAÇÃO

**Rua do Estrela, nº5/Praceta da Juventude
Freguesia de Ribeira Seca,
Ribeira Grande, São Miguel**

IMPLANTAÇÃO

Separação entre a rua e o lote feita a partir de um muro
Presença de um acesso entre a rua e o lote
Espaço de transição exterior – jardim
Dois acessos: para habitação e outro para garagem
Acesso à habitação realizado a partir de patamares
Habitação acompanha o alinhamento das outras habitações

CONTEXTO

Lote a norte: terreno baldio
Proximidade visual e geografia á costa norte e com o Maciço do Fogo
Espaço residencial de planeamento recente
Proximidade a estruturas públicas: estacionamento automóvel, estádio de futebol, centro de artes contemporâneas, hospital e bombeiros

FACHADA/EXTERIOR

Cobertura de 1 água inclinada;
Presença de duas chaminés;
A habitação afirma-se a partir da implantação de dois volumes (habitação e garagem) interligados por um elemento horizontal, pala
Fachada Principal: presença de 4 janelas e porta, acesso principal da casa; fachada relacionada com a rua
Na porta, presença de um pequeno *resguardo*
Vãos dispostos segundo regra de geometria
Fachada a sul apresenta um acesso e uma fresta
Fachada a norte apresenta três vãos e elementos horizontais (palas)

ORGANIZAÇÃO INTERIOR

-

MATERIALIDADE

Betão armado acabado em tinta branca, pedra de basalto a redor da porta principal.
Cobertura revestida em telha cerâmica.
Apontamentos em metal: portão, *blackouts*



Rua do Estrela, 5/praceta da Juventude, Freguesia de Ribeira Seca



LOCALIZAÇÃO

Rua de Santa Bárbara, nº29A
Freguesia de Santa Bárbara
Ribeira Grande, São Miguel

IMPLANTAÇÃO

Forte proximidade com a rua
Separação entre lote e a rua através de um muro com dois acessos distintos: habitação e garagem
Implantação possui afastamento em relação à rua
Intenção de alinhamento com as habitações vizinhas
Espaço tardoz – terreno agrícola

CONTEXTO

Proximidade a uma estrada
Proximidade ao meio rural
A norte, terreno para pastagem com presença de uma estrutura de basalto tradicional: apoio à agricultura (?), habitação (?)
Habitações envolventes seguem o mesmo sentido de implantação e de linguagem arquitetónica que não segue o tradicional

FACHADA/EXTERIOR

Presença de muros e dois acessos (terreno e habitação)
Presença de 2 janelas de dimensões maiores e outras duas de dimensões reduzidas
Coberturas inclinadas
Vários volumes geminados de 1 água
Entrada para a habitação na fachada literal
Presença de chaminé
Vãos nos alçados a norte e a sul de maiores dimensões
Representação de embasamento

ORGANIZAÇÃO INTERIOR

-

MATERIALIDADE

Betão armado acabado em tinta branca e ocre no embasamento.
Cobertura revestida em telha de canudo (porquê?).
Apontamentos em metal: portão
Portadas em madeira



Rua de Santa Bárbara, 29^a, Freguesia de Santa Bárbara



LOCALIZAÇÃO

Rua Doutor Lucindo R Machado, nº55
Freguesia de Ribeira Seca
Ribeira Grande, São Miguel

IMPLANTAÇÃO

Terreno de implantação com tardo de grande pendente
Afastamento em relação à rua, separação a partir de um muro e diferença de material de pavimento.
Alinhamento com as habitações vizinhas a poente.
Espaço de transição entre a rua e a habitação

CONTEXTO

Proximidade ao Solar do Vencimento e a terreno de pastagem
Contexto urbano residencial unifamiliar, loteamentos recentes
Proximidade a espaços de estacionamento, eixo viário, estádio de futebol, espaço cultural, hospital, superfícies comerciais

FACHADA/EXTERIOR

Fachada de rua *cega*
Presença de chaminé
Geometria na definição de elementos como os vãos.
Presença de porta e janelas de pequenas dimensões .
Entrada da habitação encimada por elemento horizontal que afirma a ideia de continuidade de uma linha de vãos
Cobertura de uma água
Vãos de pequenas dimensões
Corpo de habitação, volume único
Forte ideia de horizontalidade

ORGANIZAÇÃO INTERIOR

-

MATERIALIDADE

Betão armado acabado em tinta branca
Apontamentos em metal: portão
Muro em pedra de basalto



Rua Dr. Lucindo R. Machado, 55, Freguesa de Ribeira Seca



LOCALIZAÇÃO

**Rua Doutor Lucindo R Machado, nº4?
Freguesia de Ribeira Seca
Ribeira Grande, São Miguel**

IMPLANTAÇÃO

Terreno de implantação com tardo inclinado
Afastamento em relação à rua, separação a partir de um muro e diferença de material de pavimento.
Alinhamento com as habitações vizinhas a poente.
Espaço de transição entre a rua e a habitação

CONTEXTO

Proximidade ao Solar do Vvencimento e a terreno de pastagem
Contexto urbano residencial unifamiliar, loteamentos recentes
Proximidade a espaços de estacionamento, eixo viário, estádio de futebol, espaço cultural, hospital, superfícies comerciais

FACHADA/EXTERIOR

Fachada principal = fachada de rua
Presença de dois acessos distintos: habitação e garagem
Presença de chaminé no lado poente
Composição de fachada pouco ortodoxa: ideia de descontinuidade, ausência de ordem na definição de elementos como os vãos.
Presença de porta e janelas.
Vãos de pequenas dimensões
Entrada da habitação encimada por elemento horizontal revestido a basalto
Fachada afirma-se a partir de dois volumes articulados a partir do acesso principal, porta
Porta é o elemento central de toda a composição da fachada
Presença de vão triangular
Coberturas de duas águas
Presença de elementos clássicos, beirado, cornija, chaminé

ORGANIZAÇÃO INTERIOR

-

MATERIALIDADE

Betão armado acabado em tinta bege. Presença de elementos em pedra de basalto (porta e chaminé)
Cobertura revestida a telha cerâmica
Pormenores em metal



Rua Dr. L. R. Machado, 4, Freguesa de Ribeira Seca



LOCALIZAÇÃO

Rua Doutor Edmundo M Oliveira, nº13
Freguesia de Conceição
Ribeira Grande, São Miguel

IMPLANTAÇÃO

Implanta-se numa “grelha” ortogonal, divisão urbana em lotes semelhantes
Espaço de transição entre a rua e a habitação (jardim)
Relação com a rua feita com a presença de elemento contínuo horizontal. Permeabilidade visual entre a rua e a habitação
Proximidade a via de circulação

CONTEXTO

Espaço urbano residencial
Proximidade a espaços de estacionamento, eixo viário, estádio de futebol, espaço cultural, hospital, superfícies comerciais

FACHADA/EXTERIOR

Cobertura aparentemente plana
Habitação de volume único
Presença de dois acessos distintos: habitação e garagem
presença de vão contínuo, de grandes dimensões na fachada de rua e na fachada tardoz
Composição de fachada distinta em comparação às habitações envolventes
Presença de vão de grandes dimensões na fachada tardoz

ORGANIZAÇÃO INTERIOR

-

MATERIALIDADE

Betão armado acabado em tinta branca. Presença de elementos em pedra de basalto, parte inferior revestida a basalto
Persianas em metal e chaminé
Elementos exteriores em metal



Rua Dr. Edmundo M. Oliveira, 13, Freguesia de Conceição



LOCALIZAÇÃO

Rua de Meca, nº1
Freguesia de Rabo de Peixe
Ribeira Grande, São Miguel

IMPLANTAÇÃO

Lote possui configuração retangular
Habitação está implantada a poente do lote.
Relação com a rua é conseguida a partir da definição de um muro de basalto
No limite norte do existe uma estrutura em alvenaria de basalto

CONTEXTO

Proximidade a área residencial e a espaço destinado a produção agrícola
Proximidade à estrada regional RGR-PDL
Proximidade a “quintas”
Envolvente próxima: terrenos de pastagem com edificado em alvenaria de basalto.

FACHADA/EXTERIOR

Cobertura inclinada de 1 água
Volume único
Projeção de elementos
Presença de vãos de grandes dimensões na fachada a norte
Acesso feito no lado sul
Presença de espaço coberto de transição entre o exterior e o interior

ORGANIZAÇÃO INTERIOR

-

MATERIALIDADE

Betão armado revestido em tinta branca.
Mure em pedra de basalto
Parte inferior do volume reestdo a viroc



Canada da Meca, 1, Freguesia de Rabo de Peixe



LOCALIZAÇÃO

Rua dos Condes da Ribeira Grande, nº42
Freguesia de Matriz
Ribeira Grande, São Miguel

IMPLANTAÇÃO

Implantação segue a forma do lote, retangular
Relação com a rua conseguida com a construção de um muro de betão (?)
Relação próxima com a rua
Espaço de transição entre a rua e a habitação
Entrada conseguida a partir de um patamar
Terreno de implantação: antiga quinta (?)
Espaço tardoz quintal.

CONTEXTO

Proximidade a linha de água, fabrica de licores, edifícios escolares, estacionamento e a área residencial

FACHADA/EXTERIOR

Cobertura aparentemente plana
Fachada a nascente: possui dois acessos distintos: garagem e habitação
Elemento na fachada que separa/articula dos volumes com altimetrias diferentes
Volume mais baixo possui cobertura acessível
Parte do volume apresenta revestimento em basalto
Fachada frente rua: porta e janelas; fachada norte, vãos de dimensões pequenas; fachada sul vãos de dimensões maiores

ORGANIZAÇÃO INTERIOR

-

MATERIALIDADE

Betão armado acabado em tinta branca.
Muro em pedra de basalto
Revestimento em basalto
Pormenores metálicos



Rua dos Condes da Ribeira Grande, 42, Freguesia de Matriz



LOCALIZAÇÃO

Rua dos Condes da Ribeira Grande, nº28
Freguesia de Matriz
Ribeira Grande, São Miguel

IMPLANTAÇÃO

Volume não acompanha alinhamentos com as habitações envolventes;
Terrenos a sul: baldios/pastagens/terrenos agrícolas
Habitação volume retangular. Disposição de diferentes volumetrias e diferentes altimetrias
Relação com a rua: presença de muro em basalto e de altura considerável.
Presença de dois acessos: garagem e habitação
Presença de terreno de cultivo – quintal
Acesso ao terreno lateral
Espaço a tardoz possui *caráter tradicional*, alvenaria de basalto, presença de terreno agrícola

CONTEXTO

Proximidade a linha de água, fábricas de licores, edifícios escolares, estacionamento e a área residencial
Presença de volumetria de basalto no tardoz do lote (quinta?)

FACHADA/EXTERIOR

Cobertura aparentemente plana, presença visual da chaminé
Fachada frontal, a que se relaciona com a rua
Acesso da habitação afirma-se pela presença de elemento horizontal, pala
Presença de um vão de grandes dimensões no 1 piso
Fachada a norte: presença de pequenos vãos
Fachada a sul: presença de grandes vãos, e de alpendre que encontra relação com o terreno de cultivo.
Ideia de continuidade e de integração e de materialidade entre o edifício pré existente a o novo volume
Reaproveitamento (?) da telha de canudo
Cobertura inclinada de uma água e cobertura plana

ORGANIZAÇÃO INTERIOR

-

MATERIALIDADE

Betão armado acabado em tinta branca.
Muro em pedra de basalto
Revestimento em basalto polido e talhado
Pormenores metálicos (varanda)
Cobertura revestida em telha de canudo



Rua dos C. da Ribeira Grande, 28, Freguesia de Matriz



	Caso de Estudo 1
Tipo	Habitação Unifamiliar T?
Arquiteto	Luis Almeida e Sousa, Fernando Monteiro Arquitectos
Ciente	José Manuel Cabral
Localização	Rua dos Condes da Ribeira Grande, Matriz, Ribeira Grande
Ano	2002
Elementos Escritos	Memória Descritiva
Elementos Desenhados	Planta Implantação, Planta Piso 00, Planta Piso 01, Cortes, Alçados
Observações	Existencia de uma levada, moinhos de agua
	Caso de Estudo 2
Tipo	Residência T?
Arquiteto	Nemésio Branco-Pereira
Ciente	Herodina de Jesus Correia Casanova
Localização	Rua Eng. Abrantes de Oliveira, Conceição, Riberia Grande
Ano	2003
Elementos Escritos	Memória Descritiva, Nota Introdutiva Relativa ao aditamento
Elementos Desenhados	Planta de Implantação, Planta Piso 00, Planta Piso -01, Cortes, Alçados
Observações	Arquitecto com gabinete em Paris, Proximidade a Imovel de Interesse Patrimonial (Solar do Vencimento)
	Caso de Estudo 3
Tipo	Moradia Unifamiliar T4
Arquiteto	Luis Filipe Barata Almeida Sousa, Fernando Jorge Monteiro
Ciente	Rui Manuel Machado Cordeiro
Localização	Rua dos Condes da Ribeira Grande ,Conceição, Ribeira Grande
Ano	2000
Elementos Escritos	Memória Descritiva
Elementos Desenhados	Implantação, Planta Piso 00, Planta Piso 01, Cortes, Alçados
Observações	possui 2 plantas, 2 cortes e 2 alçados de garagem
	Caso de Estudo 4
Tipo	Habitação Unifamiliar T4
Arquiteto	Luis Almeida e Sousa, Fernando Monteiro Arquitectos

Cliente Luis Carlos Moniz Pereira, Fátima Sousa Ferreira
Localização Rua Adolfo de Medeiros, Rua Dr Lucindo Rebelo Machado ,Ribeira Seca, Ribeira Grande
Ano 2001
Elementos Escritos Memória Descritiva
Elementos Desenhados Planta de Implantação, Planta Piso 00, Planta Piso 01, Cortes, Alçados

Observações

Caso de Estudo 5

Tipo Moradia T2
Arquiteto Rui Sabino de Sousa Arquitecto
Cliente Marisa Vieira
Localização Rua do Ouvidor e Rua Hintze Ribeiro, Conceição, Ribeira Grande
Ano 2013
Elementos Escritos Memória Descritiva
Elementos Desenhados Planta de Implantação, Planta Piso 00, Planta Piso 01, Cortes, Alçados, Renders

Observações

Caso de Estudo 6

Tipo Moradia Unifamiliar T2+1
Arquiteto Luis Almeida e Sousa, Fernando Monteiro Arquitetos
Cliente Ana Rita da Câmara de Quental Medeiros Pereira
Localização Canada de Meca, Santana, Rabo de Peixe, Ribeira Grande
Ano 2003
Elementos Escritos Memória Descritiva
Elementos Desenhados Implantação, Planta Piso 00, Planta Piso 01, Cortes, Alçados

Observações

Caso de Estudo 7

Tipo Moradia T?
Arquiteto Igor Tavares de Melo de França, arquiteto
Cliente José Pereira Botelho
Localização Rua de Santa Bárbara, Santa Barbara, Ribeira Grande
Ano 2000

Elementos Escritos	Memória Descritiva
Elementos Desenhados	Implantação, Planta Piso 00, Planta Piso 01, Cortes, Alçados
Observações	averbado a Paulo Jorge Ferreira Monteiro
	Caso de Estudo 8
Tipo	Morada Unifamiliar
Arquiteto	Eng. Rolando Augusto Viegas
Cliente	João Vasco Pontes Sousa Pedro
Localização	Ribeira Seca, Ribeira Grande
Ano	2004
Elementos Escritos	Memória Descritiva
Elementos Desenhados	Implantação, Planta Piso 00, Planta Piso 01, Cortes, Alçados
Observações	projetada por engenheiro civil
	Caso de Estudo 9
Tipo	Morada Unifamiliar
Arquiteto	Luis Almeida e Sousa, Fernando Monteiro, arquitetos
Cliente	José Antonio Furtado Ledo e Mercia Margarida da Costa Sousa Ledo
Localização	Ribeira Seca, Ribeira Grande
Ano	2005
Elementos Escritos	Memória Descritiva
Elementos Desenhados	Implantação, Planta Piso 00, Planta Piso 01, Cortes, Alçados
Observações	

Caso de Estudo	Nº	1
	Arquitecto	Igor Tavares de Melo de França
	Proprietario	José Pereira Botelho/Paulo Jorge Ferreira Monteiro
	Ano Projeto	2000
	Localização	Rua de Santa Barbara ,29, Santa Barbara
	Tipo	moradia
Proximidade (Contexto Urbano)	Proximidade Residencial (s/n)	sim
	Proximidade a Espaços Públicos (s/n)	não
	Proximidade a Eixos Viários (s/n)	sim (ligacao a PDL, LAG)
	Proximidade a Terrenos Agrícolas (s/n)	sim
	Proximidade a Estruturas Agrícolas (s/n)	sim
	Presença de Elementos Pré Existentes	sim
Implantação	Área do Lote (m2)	647 m2 (propriedade com 5280m2)
	Relação com a Rua ()	Muro (2 acessos distintos: garagem e habitacao)
	Disposição no lote (central/lateral)	central
	Presença de Espaços Anexos Exteriores (s/n)	não
	Espaço de Transição Exterior (Rua-Habitacão) (s/n)	sim
	Area Bruta de Construção	267
	Area Bruta de Implantação	241
Planimetria (Organização espacial Interior e Exterior)	Nº de Pisos	2
	Total Divisões	12
	Nº de Quartos	3
	Nº de Cozinhas	1
	Nº de Salas	1
	Nº de Instalações Sanitárias	2
	Nº de Espaços de Apoio	5 (arrumos; copa; despens; estendal; laboratório de fotografia)
	Outros Espaços Interiores	garagem
	Acessibilidades/Circulação Interior (corredores, rampa, escadas, patamares)	escadas
	Espaços Exteriores (quintal/alpendre)	não
	Presença de espaços anexos (s/n)	não

	Nº de Vãos Interiores	14
Altimetria (Fachada)	Nº de Vãos Exteriores	20
	Nº de Acessos	2
	Tipo de Cobertura	inclinada
	Presença de Chaminés	sim (1)
Materialidade e Aspectos Construtivos	Sistema Construtivo	estrutura tradicional porticada de pilares e viga
	Paredes Interiores	blocos de betão 0,50x0,20x0,30
	Paredes Exteriores	blocos de betão 0,50x0,20x0,15
	Materiais Tradicionais	basalto
	Materiais de Revestimento na Fachada (tipo)	não
	Material Pavimento Interior (tipo)	azulejo e soalho
	Material Pavimento Exterior (tipo)	lajetas betão armado
	Material de Elementos Exteriores	metal, PVC
Revestimento de Cobertura (tipo)	telha de canudo	

Caso de Estudo	Nº	2
	Arquitecto	Luis Almeida e Sousa; Fernando Jorge Monteiro
	Proprietario	Rui Manuel Machado Cordeiro
	Ano Projeto	2000
	Localização	Rua dos Condes da Ribeira Grande, 28, Conceição
	Tipo	Morada Unifamiliar T4
Proximidade (Contexto Urbano)	Proximidade Residencial (s/n)	sim (habitacao dispersa)
	Proximidade a Espaços Públicos (s/n)	sim (infraestruturas escolares)
	Proximidade a Eixos Viários (s/n)	sim (rua)
	Proximidade a Terrenos Agrícolas (s/n)	sim
	Proximidade a Estruturas Agrícolas (s/n)	não
	Presença de Elementos Pré Existentes	sim (Vala da Condessa e Espaços de Apoio Agrícola, antigas quintas)
Implantação	Área do Lote (m2)	.
	Area de construção	.
	Relação com a Rua ()	Muro (2 acessos distintos: garagem e habitação)
	Disposição no lote (central/lateral)	lateral Norte
	Presença de Espaços Anexos Exteriores (s/n)	sim (pré existencia e garagem)
	Espaço de Transição Exterior (Rua-Habitação) (s/n)	sim
	Presença de Elementos Verticais (s/n)	sim (lote limitado por muros de grandes dimensoes)
Planimetria (Organização espacial Interior e Exterior)	Nº de Pisos	2
	Total Divisões	20
	Nº de Quartos	4
	Nº de Cozinhas	1 (presença de forno)
	Nº de Salas	2
	Nº de Instalações Sanitárias	4
	Nº de Espaços de Apoio	4 (lavandaria, copa, despensa, vestiario)
	Outros Espaços Interiores	
	Acessibilidades/Circulação Interior (corredores, rampa, e corredor, escadas)	
	Espaços Exteriores (quintal/alpendre)	sim
	Presença de espaços anexos (s/n)	sim (garagem)

	Nº de Vãos Interiores	18
Altimetria (Fachada)	Nº de Vãos Exteriores	30
	Nº de Acessos	8
	Tipo de Cobertura	plana e inclinada
	Presença de Chaminés	sim
Materialidade e Aspectos Construtivos	Sistema Construtivo	estrutura tradicional porticada de pilares e viga
	Paredes Interiores	blocos de betão 0,50x0.20x0.30
	Paredes Exteriores	blocos de betão 0.50x0.20x0.15
	Materiais Tradicionais	basalto
	Materiais de Revestimento na Fachada (tipo)	basalto e reboco (acabamento branco)
	Material Pavimento Interior (tipo)	soalho Pinho; material ceramico/pedra
	Material Pavimento Exterior (tipo)	betao armado, basalto, madeira
	Material de Elementos Exteriores	metal, aluminio,PVC
Revestimento de Cobertura (tipo)	betao impermeabilizado	

Caso de Estudo	Nº	3
	Arquitecto	Luis Almeida e Sousa; Fernando Jorge Monteiro
	Proprietario	José Manuel Cabral
	Ano Projeto	2002
	Localização	Rua dos Condes da Ribeira Grande, 42, Matriz
	Tipo	Morada Unifamiliar T6(?)
Proximidade (Contexto Urbano)	Proximidade Residencial (s/n)	sim (habitacao dispersa)
	Proximidade a Espaços Públicos (s/n)	sim (infraestruturas escolares)
	Proximidade a Eixos Viários (s/n)	sim (rua)
	Proximidade a Terrenos Agrícolas (s/n)	sim
	Proximidade a Estruturas Agrícolas (s/n)	não
	Presença de Elementos Pré Existentes	sim (Vala da Condessa e Espaços de Apoio Agrícola, antigas quintas)
Implantação	Área do Lote (m2)	2 800 00 m2
	Relação com a Rua ()	Muro (2 acessos distintos: garagem e habitação)
	Disposição no lote (central/lateral)	lateral Norte
	Presença de Espaços Anexos Exteriores (s/n)	
	Espaço de Transição Exterior (Rua-Habitação) (s/n)	sim
	Presença de Elementos Verticais (s/n)	sim (lote limitado por muros de grandes dimensoes)
	Area de construção	.
Planimetria (Organização espacial Interior e Exterior)	Nº de Pisos	2
	Total Divisões	22
	Nº de Quartos	5
	Nº de Cozinhas	2
	Nº de Salas	1
	Nº de Instalações Sanitárias	4
	Nº de Espaços de Apoio	5 (lavandaria, copa, despensa, espaço arrumos)
	Outros Espaços Interiores	0
	Acessibilidades/Circulação Interior (corredores, rampa, escadas, patamares)	corredor, escadas
	Espaços Exteriores (quintal/alpendre)	sim
	Presença de espaços anexos (s/n)	sim (garagem e espaço de apoio a piscina)
Nº de Vãos Interiores	17	

Altimetria (Fachada)

Nº de Vãos Exteriores	28
Nº de Acessos	1 (lote); 1 (habitação)
Tipo de Cobertura	plana
Presença de Chaminés	sim

Materialidade e Aspectos Construtivos

Sistema Construtivo	estrutura tradicional porticada de pilares e viga
Paredes Interiores	blocos de betão 0,50x0.20x0.30
Paredes Exteriores	blocos de betão 0.50x0.20x0.15
Materiais Tradicionais	basalto
Materiais de Revestimento na Fachada (tipo)	basalto e reboco (acabamento branco)
Material Pavimento Interior (tipo)	soalho Pinho de Riga; material ceramico/pedra
Material Pavimento Exterior (tipo)	calçada de basalto, placas de betão armado
Material de Elementos Exteriores	metal, aluminio,PVC
Revestimento de Cobertura (tipo)	telha de canudo

Caso de Estudo	Nº	4
	Arquitecto	Rui Sabino de Sousa
	Proprietario	Marisa de Fatima Vieira
	Ano Projeto	2013
	Localização	Rua do Ouvidor/Rua Artur Hintze Ribeiro
	Tipo	Habitação T2
Proximidade (Contexto Urbano)	Proximidade Residencial (s/n)	sim (loteamento/habitação dispersa)
	Proximidade a Espaços Públicos (s/n)	sim (infraestruturas desportivas, escolares)
	Proximidade a Eixos Viários (s/n)	sim (ruas)
	Proximidade a Terrenos Agrícolas (s/n)	não
	Proximidade a Estruturas Agrícolas (s/n)	não
	Presença de Elementos Pré Existentes	não
Implantação	Área do Lote (m2)	297 20
	Relação com a Rua ()	Muro branco de pequenas dimesoes
	Disposição no lote (central/lateral)	lateral (norte)
	Presença de Espaços Anexos Exteriores (s/n)	sim
	Espaço de Transição Exterior (Rua-Habitação) (s/n)	sim
	Area Bruta de Construção	.
	Area Bruta de Implantação	109 76
Planimetria (Organização espacial Interior e Exterior)	Nº de Pisos	2
	Total Divisões	12
	Nº de Quartos	2
	Nº de Cozinhas	1
	Nº de Salas	1
	Nº de Instalações Sanitárias	3
	Nº de Espaços de Apoio	3 (escritório; vestiario; lavandaria)
	Outros Espaços Interiores	não
	Acessibilidades/Circulação Interior (corredores, rampa, escadas, patamares)	escadas
	Espaços Exteriores (quintal/alpendre)	não
	Presença de espaços anexos (s/n)	sim (garagem)

	Nº de Vãos Interiores	7
Altimetria (Fachada)	Nº de Vãos Exteriores	8
	Nº de Acessos	1 (lote); 1 (habitação)
	Tipo de Cobertura	plana
	Presença de Chaminés	sim (metálicas)
Materialidade e Aspectos Construtivos	Sistema Construtivo	estrutura tradicional porticada de pilares e viga
	Paredes Interiores	blocos de betão 0,50x0,20x0,30
	Paredes Exteriores	blocos de betão 0,50x0,20x0,15
	Materiais Tradicionais	não
	Materiais de Revestimento na Fachada (tipo)	revestimento em reboco
	Material Pavimento Interior (tipo)	azulejo, soalho, betão afagado
	Material Pavimento Exterior (tipo)	betão armado
	Material de Elementos Exteriores	PVC, alumínio
Revestimento de Cobertura (tipo)	betão impermeabilizado	

Caso de Estudo	Nº	5
	Arquitecto	Nemesio Branco-Pereira
	Proprietario	Herodina de Jesus Correia Casanova
	Ano Projeto	2002
	Localização	Rua Engenheiro Abrantes de Oliveira, 55, Conceição
	Tipo	residencia
Proximidade (Contexto Urbano)	Proximidade Residencial (s/n)	sim
	Proximidade a Espaços Públicos (s/n)	sim (infraestruturas desportivas, culturais, comerciais, estacionamento, ...)
	Proximidade a Eixos Viários (s/n)	sim
	Proximidade a Terrenos Agrícolas (s/n)	sim
	Proximidade a Estruturas Agrícolas (s/n)	sim
	Presença de Elementos Pré Existentes	sim
Implantação	Área do Lote (m2)	588 00
	Relação com a Rua ()	Muro de pequenas dimesoes (2 acessos distintos: garagem e habitação)
	Disposição no lote (central/lateral)	central
	Presença de Espaços Anexos Exteriores (s/n)	não
	Espaço de Transição Exterior (Rua-Habitação) (s/n)	sim
	Area Bruta de Construção	267
	Area Bruta de Implantação	337 10
Planimetria (Organização espacial Interior e Exterior)	Nº de Pisos	2
	Total Divisões	18
	Nº de Quartos	3
	Nº de Cozinhas	1
	Nº de Salas	1
	Nº de Instalações Sanitárias	3
	Nº de Espaços de Apoio	7 (vestiario, ante camera, esstudio, arrumos (2), dispensa, lavandaria)
	Outros Espaços Interiores	garagem
	Acessibilidades/Circulação Interior (corredores, rampa, escadas, patamares)	rampa
	Espaços Exteriores (quintal/alpendre)	sim
	Presença de espaços anexos (s/n)	não

	Nº de Vãos Interiores	14
Altimetria (Fachada)	Nº de Vãos Exteriores	15
	Nº de Acessos	2
	Tipo de Cobertura	inclinada
	Presença de Chaminés	sim (1)
Materialidade e Aspectos Construtivos	Sistema Construtivo	estrutura tradicional porticada de pilares e viga
	Paredes Interiores	blocos de betão 0,50x0.20x0.30
	Paredes Exteriores	blocos de betão 0.50x0.20x0.15
	Materiais Tradicionais	telha de canudo
	Materiais de Revestimento na Fachada (tipo)	reboco (acabamento branco)
	Material Pavimento Interior (tipo)	soalho ; material ceramico/pedra
	Material Pavimento Exterior (tipo)	material ceramico; pavé autobloqueante; cimento liso antiderrapante
	Material de Elementos Exteriores (muros, varandas, portas, janelas, chaminés PVC, madeira, aluminio)	
Revestimento de Cobertura (tipo)	telha de canudo	

Caso de Estudo	Nº	3
	Arquitecto	Luis Almeida e Sousa; Fernando Jorge Monteiro
	Proprietario	José António Furtado Ledo
	Ano Projeto	2005
	Localização	Rua Adolfo Coutinho de Medeiros, 13, Conceição
	Tipo	Morada Unifamiliar
Proximidade (Contexto Urbano)	Proximidade Residencial (s/n)	sim (empreendimento urbano)
	Proximidade a Espaços Públicos (s/n)	sim (infraestruturas desportivas, culturais, comerciais, estacionamento, s:
	Proximidade a Eixos Viários (s/n)	sim (ligacao a PDL, LAG)
	Proximidade a Terrenos Agrícolas (s/n)	sim
	Proximidade a Estruturas Agrícolas (s/n)	não
	Presença de Elementos Pré Existentes	não
Implantação	Área do Lote (m2)	363 00
	Relação com a Rua ()	Muro (2 acessos distintos: garagem e habitacao)
	Disposição no lote (central/lateral)	central
	Presença de Espaços Anexos Exteriores (s/n)	não
	Espaço de Transição Exterior (Rua-Habitacão) (s/n)	sim
	relação com a Rua ()	sim (rípado e muro)
	Area Bruta de Construção	269 70
	Area Bruta de Implantação	147 20
Planimetria (Organização espacial Interior e Exterior)	Nº de Pisos	2
	Total Divisões	15
	Nº de Quartos	2
	Nº de Cozinhas	1
	Nº de Salas	1
	Nº de Instalações Sanitárias	3
	Nº de Espaços de Apoio	2 (vestiario, lavandaria)
	Outros Espaços Interiores	0
	Acessibilidades/Circulação Interior (corredores, rampa, escadas, patamares)	escadas
	Espaços Exteriores (quintal/alpendre)	1 (garagem/alpendre)

	Presença de espaços anexos (s/n)	não
	Nº de Vãos Interiores	12
Altimetria (Fachada)	Nº de Vãos Exteriores	16
	Nº de Acessos	4
	Tipo de Cobertura	plana
	Presença de Chaminés	sim (1)
Materialidade e Aspectos Construtivos	Sistema Construtivo	estrutura tradicional porticada de pilares e viga
	Paredes Interiores	blocos de betão 0,50x0.20x0.30
	Paredes Exteriores	blocos de betão 0.50x0.20x0.15
	Materiais Tradicionais	basalto
	Materiais de Revestimento na Fachada (tipo)	basalto e reboco (acabamento branco)
	Material Pavimento Interior (tipo)	soalho madeira exótica; material cerâmico/pedra
	Material Pavimento Exterior (tipo)	betão moldado/lajetas de betão
	Material de Elementos Exteriores (muros, varandas, portas, janelas, chaminés, chaminés de ventilação)	
	Revestimento de Cobertura (tipo)	

Caso de Estudo	Nº	6
	Arquitecto	Luis Almeida e Sousa; Fernando Monteiro
	Proprietario	Luis Carlos Moniz Pereira; Fatima Sousa Ferreira
	Ano Projeto	2001
	Localização	Rua Adolfo de Medeiros; Rua Dr Lucindo Rebelo Machado
	Tipo	Morada Unifamiliar T3
Proximidade (Contexto Urbano)	Proximidade Residencial (s/n)	sim (empreendimento urbano)
	Proximidade a Espaços Públicos (s/n)	sim (infraestruturas desportivas, culturais, comerciais, estacionamento, saude, eixo viário)
	Proximidade a Eixos Viários (s/n)	sim
	Proximidade a Terrenos Agrícolas (s/n)	não
	Proximidade a Estruturas Agrícolas (s/n)	não
	Presença de Elementos Pré Existentes	não
Implantação	Área do Lote (m2)	
	Relação com a Rua ()	Muro de pequenas dimensões (2 acessos distintos: garagem e habitação)
	Disposição no lote (central/lateral)	central
	Presença de Espaços Anexos Exteriores (s/n)	não
	Espaço de Transição Exterior (Rua-Habitação) (s/n)	sim
	Area Bruta de Construção	220 00
	Area Bruta de Implantação	130 00
Planimetria (Organização espacial Interior e Exterior)	Nº de Pisos	2
	Total Divisões	16
	Nº de Quartos	3
	Nº de Cozinhas	1
	Nº de Salas	1
	Nº de Instalações Sanitárias	3
	Nº de Espaços de Apoio	5 (vestiário (2), despensa, lavandaria, escritório)
	Outros Espaços Interiores	garagem
	Acessibilidades/Circulação Interior (corredores, rampa, escadas, patamares)	escadas
	Espaços Exteriores (quintal/alpendre)	não
	Presença de espaços anexos (s/n)	não

	Nº de Vãos Interiores	12
Altimetria (Fachada)	Nº de Vãos Exteriores	16
	Nº de Acessos	2
	Tipo de Cobertura	plana
	Presença de Chaminés	sim (1)
Materialidade e Aspectos Construtivos	Sistema Construtivo	estrutura tradicional porticada de pilares e viga
	Paredes Interiores	blocos de betão 0,50x0.20x0.30
	Paredes Exteriores	blocos de betão 0.50x0.20x0.15
	Materiais Tradicionais	lajetas de betao
	Materiais de Revestimento na Fachada (tipo)	reboco (acabamento branco); pedra de basalto serrado
	Material Pavimento Interior (tipo)	parquet carvalho ; material ceramico/pedra
	Material Pavimento Exterior (tipo)	
	Material de Elementos Exteriores (muros, varandas, portas, janelas, chaminés, chaminés de ventilação)	
Revestimento de Cobertura (tipo)		

Caso de Estudo	Nº	7
	Arquitecto	Luis Almeida e Sousa; Fernando Monteiro
	Proprietario	Ana Rita da Câmara de Quental Medeiros Pereira
	Ano Projeto	2003
	Localização	Canada da Meca, 1
	Tipo	Morada Unifamiliar T2+1
Proximidade (Contexto Urbano)	Proximidade Residencial (s/n)	sim (habitacao dispersa)
	Proximidade a Espaços Públicos (s/n)	sim (eixo viário)
	Proximidade a Eixos Viários (s/n)	sim
	Proximidade a Terrenos Agrícolas (s/n)	sim
	Proximidade a Estruturas Agrícolas (s/n)	sim (associação agricola)
	Presença de Elementos Pré Existentes	sim
Implantação	Área do Lote (m2)	1 900 00
	Relação com a Rua ()	Muro de pequenas dimensoes de basalto (1 acesso lateral (poente)
	Disposição no lote (central/lateral)	lateral (poente)
	Presença de Espaços Anexos Exteriores (s/n)	não
	Espaço de Transição Exterior (Rua-Habitação) (s/n)	sim
	Area Bruta de Construção	350 00
	Area Bruta de Implantação	302 00
Planimetria (Organização espacial Interior e Exterior)	Nº de Pisos	2
	Total Divisões	16
	Nº de Quartos	9
	Nº de Cozinhas	1
	Nº de Salas	1
	Nº de Instalações Sanitárias	2
	Nº de Espaços de Apoio	1 (escritório)
	Outros Espaços Interiores	não
	Acessibilidades/Circulação Interior (corredores, rampa, escadas, patamares)	escadas
	Espaços Exteriores (quintal/alpendre)	sim
	Presença de espaços anexos (s/n)	não

	Nº de Vãos Interiores	7
Altimetria (Fachada)	Nº de Vãos Exteriores	13
	Nº de Acessos	1 (lote); 2 (habitação)
	Tipo de Cobertura	inclinada
	Presença de Chaminés	sim (3)
Materialidade e Aspectos Construtivos	Sistema Construtivo	estrutura tradicional porticada de pilares e viga
	Paredes Interiores	blocos de betão 0,50x0,20x0,30
	Paredes Exteriores	blocos de betão 0,50x0,20x0,15
	Materiais Tradicionais	lajetas de betao
	Materiais de Revestimento na Fachada (tipo)	reboco (acabamento branco); paineis VIROC
	Material Pavimento Interior (tipo)	soalho sucupira; material ceramico/pedra
	Material Pavimento Exterior (tipo)	betao moldado/lajetas de betão; reguado de madeira lpe
	Material de Elementos Exteriores (muros, varandas, portas, janelas, chaminés, chaminés de ventilação)	
Revestimento de Cobertura (tipo)		

ISCTE IUL

MIA – Mestrado Integrado em Arquitectura

Vertente Teórica de Projeto Final de Arquitectura

Entre o Tradicional e o Contemporâneo: A Evolução do Habitat Micaelense, Ribeira Grande

GUIÃO DE ENTREVISTA

tema

A Habitação - entender qual a proximidade (continuidade/descontinuidade) entre as Habitações Tradicionais e as Habitações construídas no contexto contemporâneo, a partir do estudo da Cidade da Ribeira Grande, em São Miguel.

objetivos

Numa primeira abordagem, as entrevistas serão um contributo para a investigação que está a ser realizada. Esta investigação tem como objetivo entender qual o distanciamento entre os modelos domésticos de carácter tradicional e o modelo de carácter contemporâneo.

As entrevistas a realizar permitirão perceber quais as abordagens e intenções que os arquitetos e os clientes possuíam durante a elaboração do projeto e da construção da habitação. Considerando o contexto de implantação (predominantemente rural) das habitações a estudar, terei em conta qual a importância que este possuiu no início do projeto e se existiu a preocupação, tanto do arquiteto como do cliente, em integrar, ou não, valores tradicionais arquitetónicos na composição da fachada, da organização do espaço interior e na materialidade (na aplicação de materiais e sistemas construtivos).

Entrevistados: arquitetos e proprietários

Entrevistador: mestrando do MIA

Duração de Entrevista: 30/45 minutos

Local Entrevista: espaço a combinar com o arquiteto/cliente

Meio de Comunicação: oral

Meio de Registo: escrito e gravação (com consentimento)

Caracterização dos Entrevistados

Arquiteto: nome, idade, género, naturalidade, formação académica, percurso e situação profissional,

Cliente: nome, idade, género, estado civil, naturalidade, habilitações literárias, profissão, percurso pessoal

QUESTÕES

arquiteto

a primeira abordagem

1. qual foi a primeira abordagem para a realização deste projeto? quais os pontos que retirou e que definiu “o primeiro traço do projeto”?
2. O contexto e a envolvente possuíram algum poder nesta abordagem, ou acha que segue uma intenção de carácter individual?
3. Como integrou as intenções do cliente?

a influência da arquitetura tradicional

4. Qual a sua posição face à arquitectura tradicional? Existiu a preocupação ou intenção em abordar este tema no projeto ou acha que cada projeto é o resultado diferente e autónomo?
5. A arquitetura tradicional possui algum peso no seu processo?

o contexto

6. Acha que deve existir uma ideia de continuidade entre a arquitetura e o contexto e na partilha de valores tradicionais arquitetónicos?
7. A arquitetura deve respeitar a identidade do local/contexto ou serve como afirmação pessoal/afirmação da personalidade arquitetónica?
8. Considera a arquitetura híbrida, no sentido de integração de vários aspetos na definição do objeto?

as influências

9. O que influencia a sua linguagem? O percurso académico ou um conjunto de outros fatores?

cliente

o terreno de implantação

1. Como adquiriu o terreno para a construção da habitação?

intenções do cliente

2. Para a construção da habitação, qual foi a sua primeira *ideia*? Tinha alguma ideia de como queria a casa?
3. O projeto da habitação era algo planeado por si?

O que influenciou a escolha do arquiteto? Tinha conhecimento das suas construções?

4. O que diferencia a sua habitação das restantes? Como a descreve?

interior

5. Nos espaços interiores, o que definiu como prioridade? Quem da sua família participou neste diálogo com o arquiteto?

6. Todos os espaços interiores e exteriores vão de encontro às suas necessidades? Está satisfeito?

Fachada

7. Ao idealizar a imagem exterior da habitação tinha em mente que poderia ser um objeto de continuidade com as restantes habitações ou tencionava algo de destaque?

materialidade

8. Existe algum motivo na definição dos materiais presentes na habitação ou estes foram sugeridos pelo arquiteto/engenheiro?

o ideal

9. Para si, a habitação deve seguir o quê: as necessidades de quem a usa ou é um objeto que reflete um *estilo*? O que conta mais? A funcionalidade ou a estética?

10. Para si, a habitação deverá ser um espaço reservado destinado apenas à intimidade da família...? O que significa a casa?

11. Qual a sua relação com a habitação? Existe algum sentimento de pertença ou de afeto?

o percurso pessoal

12. Qual a sua relação com a arquitetura? Acha a arquitetura/arquiteto algo importante?

ENTRE

O

TRADICIONAL

E O

CONTEMPORÂNEO:

A EVOLUÇÃO

DO HABITAT

MICAELENSE

RIBEIRA GRANDE

INTERVENÇÃO

NO

CABEÇO

DE

SANTA QUITÉRIA,

UNIDADE

DE APOIO

A ALOJAMENTO

ALENQUER



ESCOLA DE TECNOLOGIAS E ARQUITETURA
DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA E URBANISMO
MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITECTURA

NUNO JORGE CORREIA MATOS MELO SIMAS

TRABALHO DE PROJETO SUBMETIDO COMO REQUISITO PARCIAL PARA OBTENÇÃO DO
GRAU DE MESTRE EM ARQUITETURA

VERTENTE PRÁTICA
INTERVENÇÃO NO CABEÇO DE SANTA QUTÉRIA, ALENQUER
UNIDADE DE APOIO A ALOJAMENTO

TUDOR:
PROFESSOR DOUTOR PEDRO MENDES, PROFESSOR AUXILIAR
ISCTE – IUL

OUTUBRO 2018

I N D I C E

I M A G E N S

Imagem **01** Cabeço de Meca, após exploração, Nuno Simas
Imagem **02** Relação Lisboa - Alenquer – Cabeço de Meca, GoogleEarth 2018
Imagem **03** Análise Biofísica
Imagem **04** Património Natural, Alenquer, C.M. Alenquer
Imagem **05** Relação Alenquer – Freguesia de Meca, C.M. Alenquer
Imagem **06** Romaria de Santa Quitéria, anos 60, C.M. Alenquer
Imagem **07** Basílica de Santa Quitéria, Claudia Correia
Imagem **08** Planta de Usos , GoogleEarth 2018
Imagem **09** Complexo Vulcânico da Península de Lisboa, pontos de interesse, Claudia Correia
Imagem **10** Carta Geológica 30 D, I.G.M.P.
Imagem **11** Cabeço de Meca, aguarela de António Cordeiro de Melo, ALAMBI
Imagem **12** Análise Cronológica
Imagem **13** Análise Cronológica
Imagem **14** 14 Limite pedreira Cabeço de Santa Quitéria, Calbritas
Imagem **15** Estruturas polo nascente, Claudia Correia
Imagem **16** Estruturas polo poente, Calbritas
Imagem **17** Rota Santa Quitéria de Meca, GoogleEarth 2018
Imagem **17.1** Rota Santa Quitéria de Meca, Claudia Correia

Imagem **18** Rota dos Vulcões, GoogleEarth 2018
Imagem **18.1** Rota dos Vulcões, Claudia Correia
Imagem **19** Panorâmica 1, Claudia Correia
Imagem **19.1** Panorâmica 2, Claudia Correia
Imagem **19.2** Panorâmica 3, Claudia Correia
Imagem **20** Planta de Vistas, GoogleEarth 2018
Imagem **21** Panorâmica de Vistas, Claudia Correia
Imagem **22** Panorâmica A, Claudia Correia
Imagem **23** Panorâmica B, Claudia Correia
Imagem **24** Percurso dos trilhos e Intenções de Percurso
Imagem **25** Percurso dos trilhos e Intenções de Percurso
Imagem **26** Percurso interno à cratera e de ligação entre os dois polos
Imagem **27** Planta Pré-existente
Imagem **28** Planta de Intervenção
Imagem **29** Planta de Cobertura
Imagem **30** Planta Piso 0
Imagem **31** Planta Piso -1 e -2
Imagem **32** Planta Piso -3 e -4
Imagem **33** Corte A-A´ e B-B´
Imagem **34** Corte C-C´ e D-D´
Imagem **35** Corte E-E´
Imagem **36** Corte F-F´
Imagem **37** Alçado Norte
Imagem **38** Alçado Poente
Imagem **39** Alçado Sul

1. INTRODUÇÃO	02	8. ANEXOS	62
2. PATRIMÓNIO NATURAL DE ALENQUER	04		
3. FREGUESIA DE MECA			
3.1 Contextualização Histórica e Urbana	10		
4. CABEÇO DE SANTA QUITÉRIA DE MECA			
4.1 Complexo Vulcânico da Península de Lisboa	16		
4.2 Exploração da Pedreira	20		
5. PROJETO DE ARQUITETURA			
5.1 Memória Descritiva	34		
5.2 Desenhos de Projeto	00		
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	59		
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	61		

“Compreendo que a humanidade estará sempre em conflito com relação aos seus gostos visuais assim como os seus valores éticos, ele observou: “Existem tantos estilos de beleza como visões de felicidade”.”

Alain De Botton, A Arquitetura da Felicidade



01
Cabeço de Meca, após exploração

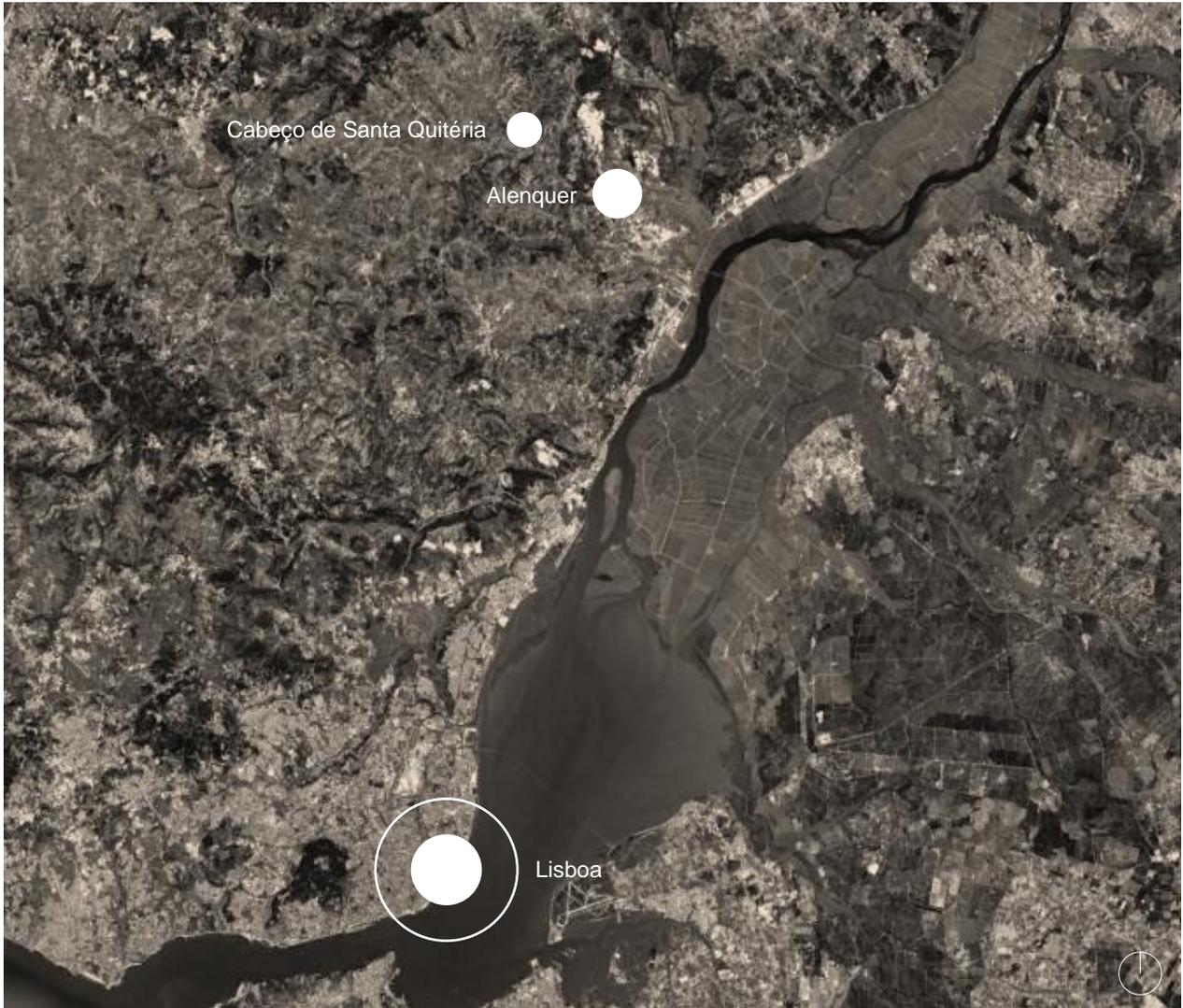
I N T R O D U Ç Ã O

Vertente Projetual

No âmbito da Unidade Curricular de **Projeto Final de Arquitetura**, o território de estudo incidiu sobre o Concelho de Alenquer, pertencente ao Distrito de Lisboa e por ser o segundo ano letivo consecutivo que se considerou Alenquer como espaço de intervenção, foi-nos sugerido olhar para algumas questões em alternativa às ponderadas no ano anterior. Deste modo, abordou-se o tema do **Património Natural** e a forma como este contribui para a identidade de Alenquer, com o intuito de compreender e considerar as suas possíveis potencialidades deste fora do núcleo urbano de Alenquer. Assim, a temática do Património Natural ganhou destaque e curiosidade de ambas as partes de modo a entender a relevância e impacto que este exerce sobre o concelho.

Este ponto de partida levou-nos à descoberta de um conjunto de lugares naturais fora no núcleo urbano de Alenquer, dentro dos quais se insere o Cabeço de Santa Quitéria. Este lugar provocou um especial interesse devido à sua dimensão, envolvente, composição paisagística, história e relação com o edificado.

A consideração pelas potencialidades deste lugar contribuiu para o começo do processo criativo que envolveu dois projetos de Arquitetura.



02
Relação Lisboa - Alenquer - Cabeço de Meca

P A T R I M Ó N I O N A T U R A L D E A L E N Q U E R

A Câmara Municipal de Alenquer possui uma lista de lugares que considera como Património Natural, ou que possuem potencial para serem considerados, porém não possuem qualquer estatuto e consequentemente categorização oficial, à exceção da Serra de Montejunto.

Nesta categorização de “património natural”, podemos considerar algares, grutas, chaminés vulcânicas, miradouros e ribeiras. É importante salientar que a categorização consiste no fundo, evidenciar a importância destes sítios que possuem, na sua generalidade, características naturais,

que os diferem de modo a garantir a sua salvaguarda.

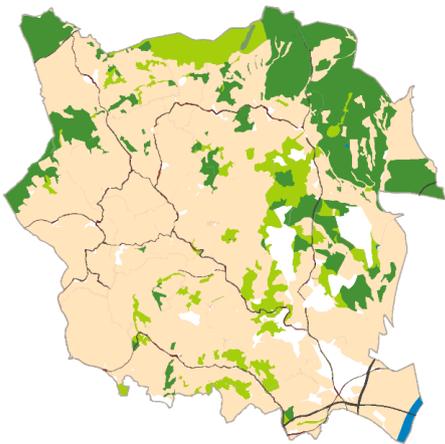
A Serra de Montejunto, encontra-se classificada como Paisagem Protegida da Serra de Montejunto¹ e consta também da Rede Natura 2000. Esta “rede” consiste na proteção e conservação de habitats e de espécies mais sensíveis, de um conjunto de áreas de importância comunitária, sendo nestas mesmas consideradas atividades humanas que sejam compatíveis a estes valores².

¹ Câmara Municipal de Alenquer, Plano Diretor Municipal - Rede Natura, 2009

² Câmara Municipal de Alenquer, Património Natural. 13 de novembro 2017,

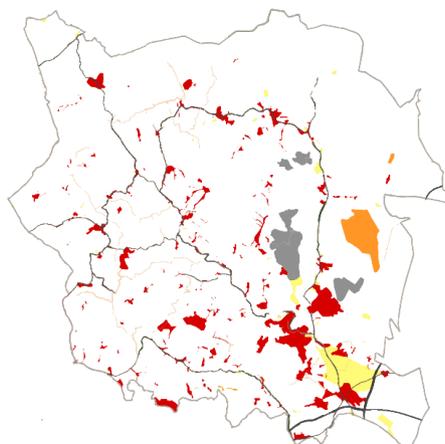
<http://www.cm-alenquer.pt/Catalogs/ListEntities.aspx?category=22>

- Planos de Água
- Áreas Silvestres
- Áreas Florestais
- Áreas Agrícolas



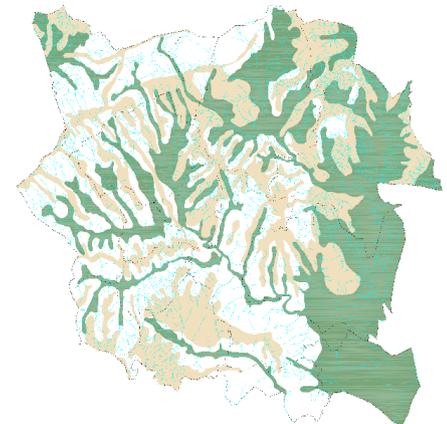
2 Estrutura Vegetação

- Indústria, Armazenagem, Comércio e Logística
- Infra-Estruturas e Equipamentos
- Indústria Extractiva
- Áreas Edificadas

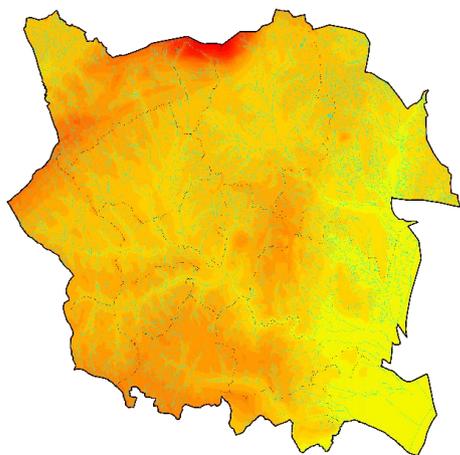
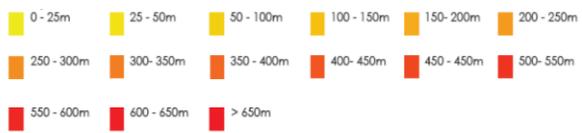


3 Construído

- Planos de Água
- Vertentes
- Cabeços
- Zonas Adjacentes



4 Morfologia



5 Hipsometria



6 Fisiografia





1. Serra de Montejunto

Descrição: (...) Numa região caracterizada por intensa atividade agrícola o Montejunto apresenta-se como um refúgio para muitas plantas - a serra alberga considerável diversidade florística tendo sido identificadas cerca de 400 espécies de plantas em que se incluem alguns endemismos das zonas calcárias - e animais. (...)

Freguesia: Várias

Paisagem protegida da Serra de Montejunto

2. Monte Redondo

Descrição: Está 212 metros acima do nível do mar.

Freguesia: Ota

Sem categorização

3. Ribeira da Ota

Descrição: É um dos três cursos de água mais importantes do concelho, juntamente com o rio de Alenquer e a Ribeira dos Cadafais (ou da Couraça). Nasce no sopé da serra do Montejunto. Correndo de Norte para Sul, passa por Ota e entra no Tejo em Vila Nova da Rainha.

Freguesia: Várias

Sem categorização

4. Olhos de Água

Descrição: Nascente da ribeira de Ota.

Freguesia: Ota

Sem categorização

Serra Galega



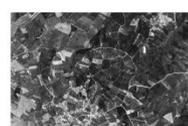
Serra da Ota



Miradouro de Casais Blancos



Serra de Montejunto



Surraipas

5. Serra da Ota

Freguesia: Ota
Sem categorização

6. Lapa dos Morcegos

Freguesia: Triana
Sem categorização

7. Rio de Alenquer

Descrição: É um dos três cursos de água mais importantes do concelho, juntamente com a Ribeira de Ota e a Ribeira dos Cadafais (ou da Couraça). Nasce na Serra Alta em várias Fontes - fonte da Rainha, fonte das Éguas, fonte Velha, Caldeirão, fonte das Perdizes -, formando dois cursos iniciais: Louredo e Lajes. Corre na direção Oeste - Leste. Atravessa a vila de Alenquer e desagua no Tejo, próximo de Vila Nova da Rainha.

Freguesia: Várias
Sem categorização

8. Cabeço de Meca

Descrição: Também chamado de Cabeço de Santa Quitéria, está 279 metros acima do nível do mar. Está classificado como chaminé vulcânica. Estão instaladas no Cabeço de Meca pedreiras para extração de basalto.

Freguesia: Meca
Sem categorização

9. Surraipas

Descrição: Pequena área fortemente arborizada de eucaliptos e pinheiros. As características geológicas desta zona são bastante diferentes das do resto do concelho.

Freguesia: Olhalvo
Sem categorização

10. Ribeira da Prezada

Descrição: Afluente (da margem esquerda) do rio de Alenquer.
Freguesia: Várias
Sem categorização

11. Ribeira da Madalena

Descrição: Afluente (da margem esquerda) do rio de Alenquer.
Freguesia: Várias
Sem categorização

12. Ribeira das Ceroulas

Descrição: Afluente (da margem direita) do rio de Alenquer.
Freguesia: Várias
Sem categorização

13. Miradouro de Casais Brancos

Freguesia: Aldeia Galega da Merceana
Sem categorização

14. Serra Galega

Descrição: Situa-se no lado Oeste do concelho
Freguesia: Várias
Sem categorização

15. Algaes dos Lapaduços

Descrição: Zona de interesse geológico e espeleológico dada a existência de várias grutas verticais ou de grande inclinação, também chamadas de algares.
reguesia: Vila Verde dos Francos
Sem categorização

? . Por falta de informação relativa à localização estão a faltar os seguintes Patrimónios: Ribeira da Ameixoeira; Rio Mouro; Ribeira dos Cadafais ou Couraça; Ribeira do Porto; Ribeira do Casco; Colinas Gémeas das Coteínas.

Surraipas



Lapa dos Morcegos



Ribeira das Ceroulas



Olhos de Água



Cabeço de Meca



Ribeira da Prezada



Ribeira da Madalena



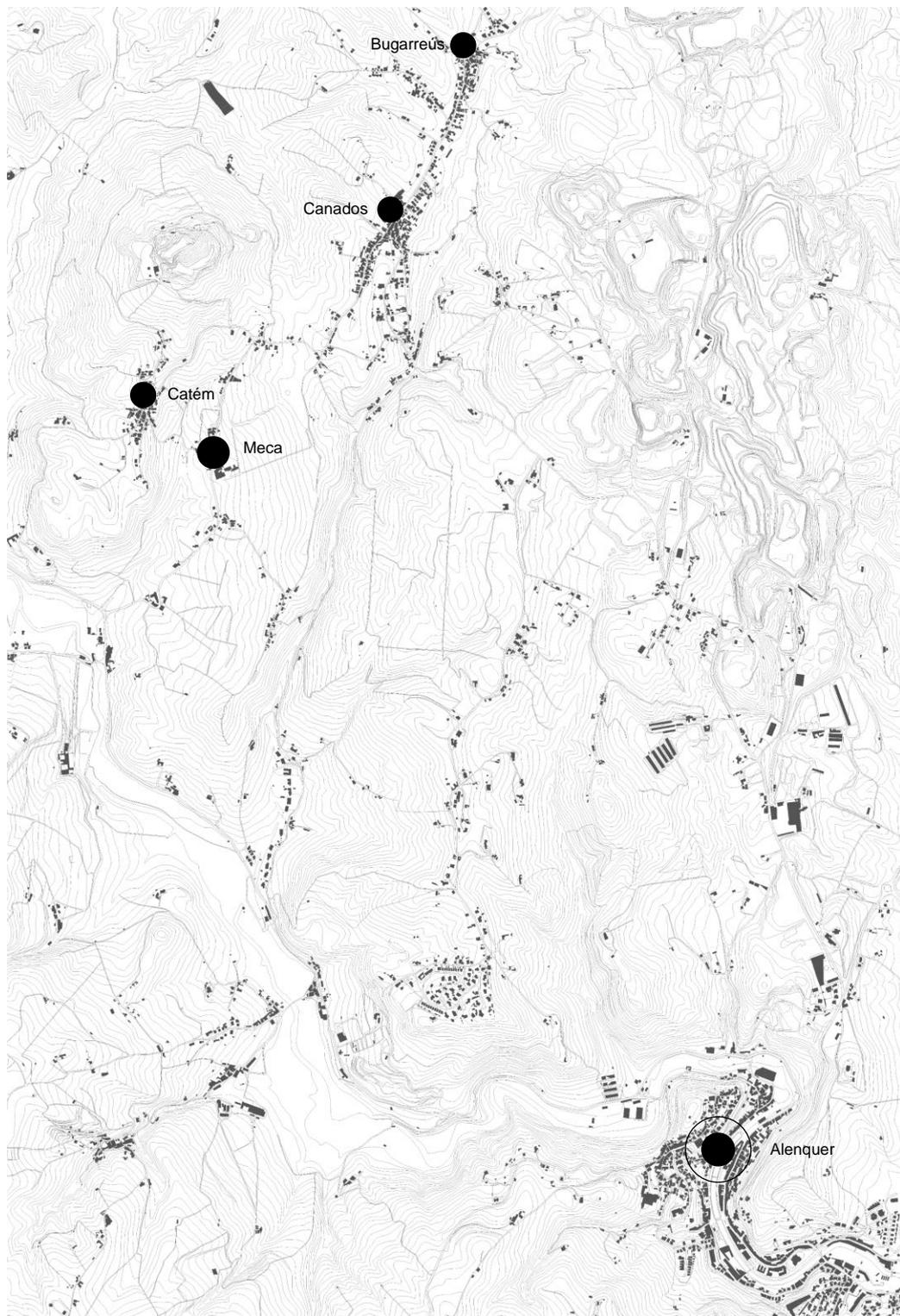
Rio Alenquer



Ribeira da Ota



Monte Redondo



F R E G U E S I A D E M E C A

Contextualização histórica e urbana

A cerca de três quilómetros da Vila de Alenquer encontramos a freguesia de Meca, com uma área territorial de cerca de 14.08 km². Foi “*curato anexo à freguesia de Santa Maria da Várzea de Alenquer, tendo posteriormente passado a paróquia independente (...) Santa Quitéria. O arquivo paroquial remonta a 1677*” (ALAMBI, 2016).

Meca é uma pequena freguesia que se define por pequenos lugares e que possui uma basílica de dimensões exageradas mandada construir por D. Maria I. “*Meca, a pequena aldeia que se ergue no sopé do monte, é sede de uma basílica de dimensões desproporcionadas em relação ao tamanho da povoação, construída ao tempo da rainha D. Maria em honra de Santa Quitéria. A imponência da basílica atesta a sacralidade de um local onde os*

cultos são praticados desde os tempos mais remotos.” (C.M. ALENQUER).

Atualmente são poucos os habitantes que permanecem diariamente, sendo que a sua maioria regressa à freguesia no final do dia. O seu núcleo histórico quase não é vivido, contudo é uma freguesia considerada pelo seu valor histórico e religioso.

A história remonta o ano de 1238, onde terá aparecido num espinheiro na de Quinta de São Brás, já desaparecida, uma pequena imagem de Santa Quitéria, advogada contra a hidrofobia. Ergueu-se no mesmo local uma ermida para acolher a imagem. A afluência de devotos foi tanta que houve a necessidade de construir uma ermida maior.

Foi então, no reinado de D. Maria I, que se construiu um novo templo, concluído em 1799. Segue “*um perfeito modelo e exemplo da arquitetura neoclássica, com raízes nos trabalhos do convento de Mafra e uma notória aproximação estilística da Basílica da Estrela e da de Santo António da*

Sé, suas contemporâneas” (C. M. ALENQUER)

Apesar de não existir um registo de autor, assume-se que o arquiteto responsável pela Basílica tenha sido o Mateus Vicente Oliveira, “(...) *provável porque a documentação apenas se refere ao “Mestre de Obras”, sem nunca mencionar o seu nome, mas pela proximidade do traçado e do risco que o arquiteto imprimiu na Basílica da Estrela, no seu segundo projeto, as comparações são evidentes*” (QUEIROZ, 2013).

Atualmente, o acontecimento mais importante para a população é a romaria de Santa Quitéria de Meca. Esta remonta um período ancestral que se baseia na crença em que a bênção de Santa Quitéria preserva as pessoas e os animais dos malefícios da raiva (C. M. ALENQUER).

Uma festividade tão popular que movimentavaromeiros de longe. E deste modo, houve a necessidade de construir habitações a fim de albergá-los.

No contexto urbano, a ocupação do território da Freguesia de Meca, segue uma

forma linear, um pouco irregular e espontânea. Através da análise das cartografias militares de 1937, 1992 e 2009, percebeu-se que os assentamentos, em geral, foram concentrando-se junto às estradas e caminhos mais importantes, desenvolvendo-se organicamente ao longo destes e para o exterior da via principal.

Há então um conjunto de aglomerados urbanos de pequenas dimensões, com pouco comércio local e equipamentos públicos, que se encontram interligados pelas respetivas estradas e caminhos.



06
Romaria de Santa Quitéria, anos 60



07
Basilica de Santa Quitéria



Usos

Equipamentos

■ Administrativos

1.1 Junta de Freguesia

Educação

1.2 Escola Primária

1.3 Jardim de Infância

Desporto

1.4 Associação Desportiva

1.5 Campo de Futebol

Cultura

1.6 Associações Culturais

Outros

1.7 Centro de Dia

1.8 Cemitério

1.9 ETAR

■ Serviços

Financeiros

2.1 Seguros

2.2 Banco

Outros

2.3 Oficina

2.4 Carpintaria

2.5 Serralharia

2.6 Instalações e Reparações Elétricas

■ Comércio

3.1 Mercado

3.2 Talho

3.3 Restauração

3.4 Gás

3.5 Eletrodomésticos, Iluminação, Estofos, móveis

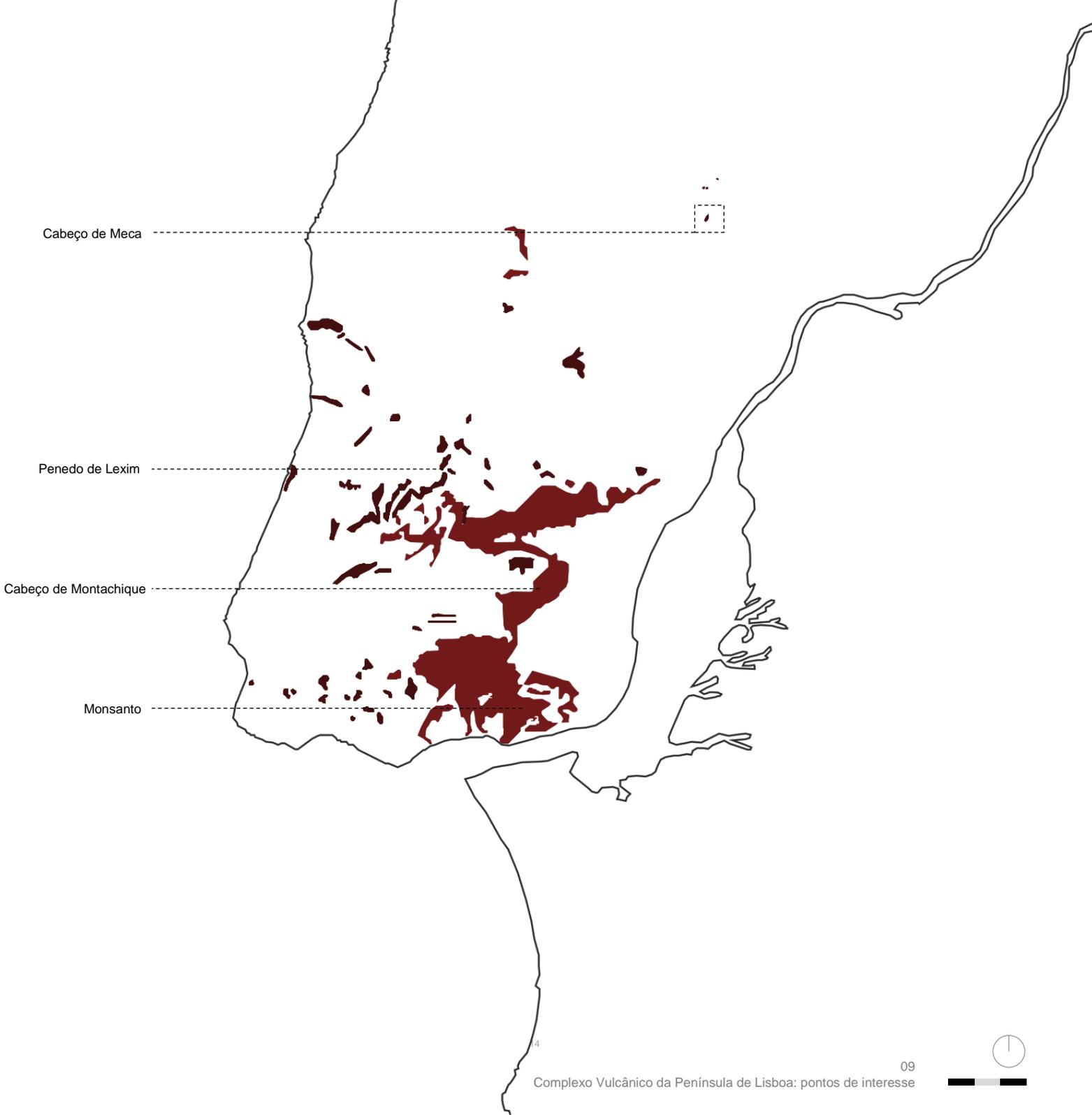
3.6 *Stand* de motorizadas

■ Património

4.1 Cabeço de Santa Quitéria

4.2 Basílica de Sant Quitéria

4.3 Pelourinho



Cabeço de Meca

Penedo de Lexim

Cabeço de Montachique

Monsanto



C A B E Ç O D E
S A N T A
Q U I T É R I A
D E M E C A
Complexo Vulcânico da Península de
Lisboa

O Cabeço de Santa Quitéria está integrado no Complexo Vulcânico de Lisboa, sob a designação de chaminé vulcânica. Este complexo, também designado como Rede de Vulcões da Península de Lisboa foi raramente tema de estudo o que contribuiu para o desconhecimento por parte da população em geral.

³ RAMALHO, M., Pais, J., Rey, J., Berthou, P. Y., Palácios, T., Leal, N., & Kullber, M. C. (n.d.). Notícia Explicativa da Folha 34-A Sintra.

⁴ Matos Alves, C. A., Britaldo, R., Serralheiro, A., & Faria, A. P. (1980). Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal. Lisboa.

Esta estrutura, com cerca de 72 milhões de anos, surgiu entre os períodos do Cretáceo e do Eocénico e ocupa “*uma extensão de 200km² entre Lisboa, Sintra, Mafra e Runa (...)*”³. Compreende distintos tipos de estruturas como chaminés, escoadas, soleiras e diques e diversas rochas como basaltos, piroclastos, brechas, traquitos⁴, com destaque para os “*maciços sub-vulcânicos de Sintra, e Montachique (...)*”⁵.

No entanto, os “*grandes centros eruptivos estão situados na zona de Cheleiros-Malveira: contam-se aí pelo menos doze chaminés importantes, de que se destacam: Raimonda, Igreja Nova, Funchal, Quinta do Paço, Penedo de Lexim, Cartaxos e Montachique.*”(ALVES, et al., 1980).

O interesse por este aparelho vulcânico remonta há pelo menos 200 anos.

⁵ Matos Alves, C. A., Britaldo, R., Serralheiro, A., & Faria, A. P. (1980). Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal. Lisboa.

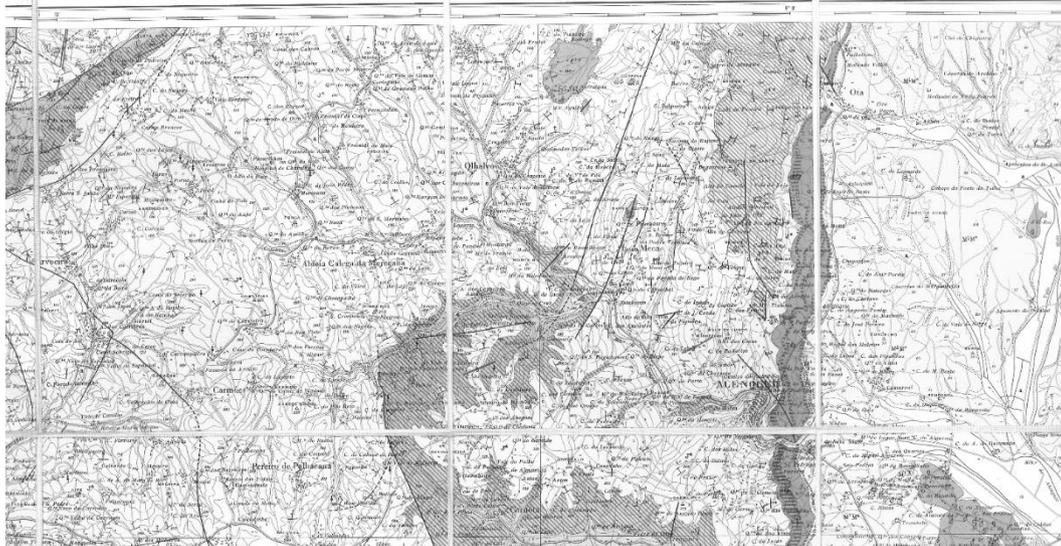
As primeiras referências surgiram pela mão de Dolomieu (1750-1801)⁶, que contribuiu para que esta estrutura geológica passasse a integrar as Cartas Geológicas de Portugal, em o primeiro levantamento foi realizado em 1924 por P. Choffat (1849-1919)⁷.

A Chaminé Vulcânica de Santa Quitéria por encontrar-se na extremidade nordeste do Complexo Vulcânico de Lisboa, possuiu dimensões reduzidas e contribuiu para a pouca relevância perante os restantes pontos eruptivos.

⁶ Déodat Gratet de Dolomieu, geólogo e mineralista francês responsável por estudos geológicos em Espanha, sul de Itália, Pirenéus e Alpes. Participou na excursão arqueológica de Napoleão Bonaparte no Egipto em 1798

⁷ Paul Choffat, geólogo, estrátigrafo e paleontologista. Viveu em Portugal durante 40 anos e dedicou-se ao estudo paleontológico, estratigráfico da Estremadura e do Algarve

DIRECÇÃO GERAL DE MINAS E SERVIÇOS GEOLÓGICOS
SERVIÇOS GEOLÓGICOS
CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL



10
Carta Geológica 30 D



11
Cabeço de Meca, aguarela de António Cordeiro de Melo

C A B E Ç O D E
S A N T A
Q U I T É R I A
D E M E C A
Exploração da Pedreira

Devido às suas características, o Cabeço de Santa Quitéria de Meca, também com a particularidade de chaminé vulcânica, foi o local escolhido e definido como espaço de intervenção.

A leitura deste espaço foi fortemente influenciada por dois aspetos distintos, mas que afirmam as suas: a origem vulcânica e o uso que recebeu como pedreira de extração de basalto durante quase 40 anos.

Desde os inícios da década de 1960, o cabeço foi explorado como pedreira para extração de matéria basáltica destinada à indústria da construção civil, por duas entidades distintas. Esta exploração iniciou-se a nascente do monte que ao longo dos anos foi se estendendo para poente tendo sempre a cratera como charneira de

continuidade a este processo de exploração.

A última fase de exploração ficou sob o cargo da empresa *Calbritas*, que tinha adquirido o cabeço e algum terreno circundante à família que havia explorado desde os anos 60, que por falta de recursos decidiu iniciar o processo de venda.

Sob a posse da nova entidade, foi explorada uma nova área do cabeço, a poente, o que originou a cratera de dimensões atuais. Este segundo processo de exploração obrigou a construção de estruturas complementares às já existentes, a nascente.

Até meados do ano de 2004, este espaço de características geológicas que o integram na Rede de Vulcões da Península de Lisboa, foi intensamente explorado até ultrapassar a cota definida, e conseqüentemente atingir o lençol freático (HENRIQUES, 2017), sendo que atualmente encontra-se desprotegido, fruto do impasse causado pelo PARP que define um conjunto de medidas que fazem alterar

drasticamente a morfologia atual do espaço em questão.

Este plano integra medidas “standard” que de certa forma não tiram partido das características naturais e históricas do lugar. Esta situação faz com que o cabeço esteja ao abandono sem qualquer medida de segurança por parte de entidades públicas e privadas.

Devido à sua importância patrimonial e geológica para a região, o cabeço faz parte integrante de dois percursos pedestres (Rota de Santa Quitéria e Rota dos Vulcões) que também integram outros pontos de interesse local como as Surraipas ou as Coteínas, dois montes também de origem vulcânica e a poucos metros do cabeço.



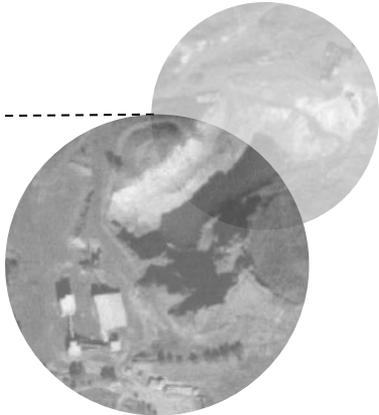
Joao Matos de Carvalho

Construção de estruturas (3) e de espaços de apoio (5) à extração de basalto

Início
1ª Fase
Exploração



1960



Calbritas

Empresa assina contrato de compra a 81.200m2. 5000m2 destinados à extração de basalto
Construção de novas estruturas (5) e de espaços de apoio (5)

Com o fim da extração, o cabeço encontra-se a descoberto e ao abandono devido ao impasse do PARP

Início
1º Fase
Exploração

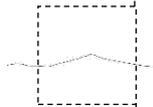
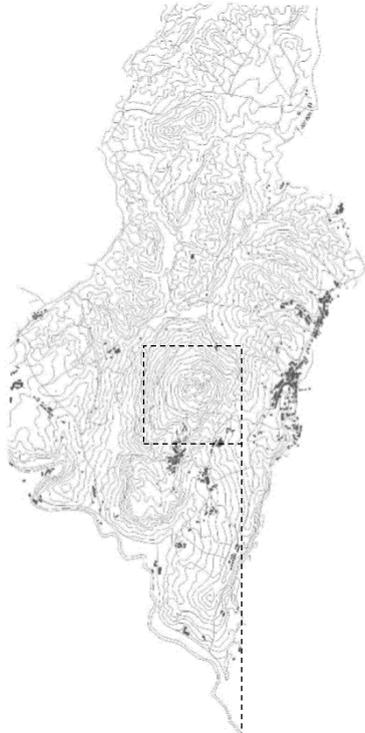


Fim
da
Exploração

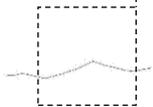


1996

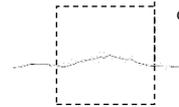
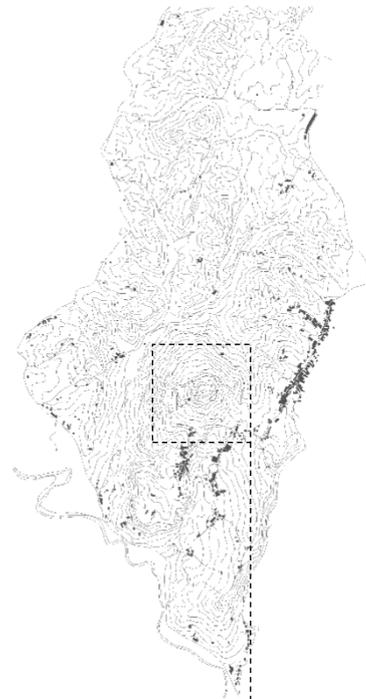
2004



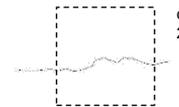
corte longitudinal



corte transversal
1937



corte longitudinal



corte transversal
2009



1º Fase Exploração

1960-1996

2º Fase Exploração

1996 - 2004





15
Estruturas polo nascente



16
Estruturas polo ponte



17
Rota Santa Quitéria de Meca



17.1
Rota de Santa Quitéria de Meca



18
Rota dos Vulcões



18.1
Rota dos Vulcões



19.
Panorâmica 1





19.2
Panorâmica 3

P R O J E T O
D E
A R Q U I T E T U R A

Memória Descritiva:
Centro de Interpretação e Unidade de
Apoio a Alojamento

A abordagem arquitetônica ao sítio foi fortemente influenciada por toda a pesquisa e análise realizada com a intenção de entender o espaço e todos os elementos que contribuíram para o significado daquilo que é o espaço atualmente.

Após várias visitas ao Cabeço de Santa Quitéria e compreender diferentes abordagens sobre o mesmo, entendemos que este assume importância devido a três aspectos:

1. A relação e proximidade visual entre o Cabeço e outros pontos importantes, como a Serra de Montejunto - relação visual;

2. A presença das estruturas industriais desmanteladas que remetem para a memória de um espaço natural convertido em consequência de uma necessidade Humana - estruturas de betão;

3. A capacidade que a natureza possui em reafirmar a sua força perante ambientes humanizados - água e cratera.

Assim, a primeira abordagem recaiu na relação entre o tema da memória do espaço e a necessidade de manter e preservar a linha paisagem de forma a garantir as características do local dentro do contexto paisagístico e industrial.

Neste seguimento surgiu uma ideia de um plano arquitetónico que pretendesse afirmar as potencialidades paisagísticas e naturais do lugar e relacioná-los com outros pontos de interesse a partir das duas rotas já existentes e que possuem o cabeço como sítio de convergência: a Rota de Santa Quitéria e a Rota dos Vulcões.



A. Moinho do Casal das Eiras, Moinho de Vento, Moinho Velho, Moinho Novo, Moinho do Casal das Balas, Moinho da Forja

B. Moinho do Cagarino, Moinho em Ruínas, Moinho em Ruínas, Moinho em Ruínas, Moinho em Ruínas, Moinho do Ferreira

C. Moinho da Gafanhota, Moinho da Bagatela, Moinho do Zé Isidoro, Moinho do Manel Isidoro, Moinho do António Isidoro, Moinho Velho, Moinho do Isidoro, Moinho do Balofo, Moinho do Bernardino, Moinho do Joaquim Isidoro, Moinho do Zé Pisco, Moinho do Lebre, Azenha do Farelo.

D. Moinho do Leonel, Moinho da D. Bia, Moinho do Maneta, Moinho Casal da Serra, Moinho do Miguel Luís, Moinho Penedos dos Ovos, Moinho do Ilídio, Moinho das Encostinhas, Moinho do Zé Feno, Moinho do Gregório



Serra de Torres Vedras

Surraipas

Monte do Cabeço

Serra de Montejunto

Coteínas

Esta ideia de ligação é revelada a partir de um percurso interno à cratera e que interliga as duas intervenções que por sua vez implantam-se forma a possuir relação direta com os percursos pré-existentes e com os principais pontos de assentamento de estruturas: a nascente o edifício de apoio ao alojamento, e a poente o centro de interpretação.

As estruturas de betão armado serão peças de guia para a definição e orientação dos espaços que definem o programa do Centro de Interpretação que irá albergar espaços de carácter público.

A fim de preservar a paisagem existente e a ideia de memória relativamente às estruturas industriais, o conjunto de espaços do Centro de Interpretação, implantar-se-ão à cota inferior de implantação destas mesmas estruturas.

O edifício de apoio ao alojamento e a atividades de lazer relaciona-se com os espaços e estruturas referentes à primeira fase de exploração do cabeço devido à sua proximidade e escala, sendo que esta

percepção é conseguida a partir do alçado norte.

Este edifício organiza-se segundo quatro níveis, sendo que o primeiro, relativo ao piso de entrada, é composto por um conjunto de espaços, de carácter técnico que se relacionam com o volume dos quartos. Neste nível, a organização espacial é conseguida segundo o eixo nascente-poente. O volume que recebe os quartos implanta-se a nascente e afirma-se semienterrado de forma a evidenciar as grandes aberturas que por sua vez permitem a relação constante como interior da cratera. Neste nível também surge a linha de percurso que penetra o interior de forma a interligar-se com o percurso exterior, já referido.

O segundo nível caracteriza-se pela dualidade entre um conjunto de espaços públicos interiores e exteriores, que começam a surgir devido á desconstrução volumétrica. O terceiro nível possui um programa que se caracteriza pelo espaço de leitura e pelo espaço destinado à prática de ioga.

O último nível, próximo da água, irá permitir o contato constante com este elemento e, conseqüentemente, uma abertura ao interior da cratera que antes era impossível. Para complementar esta experiência, existe um conjunto de espaços associados às atividades de lazer, como a prática de canoagem.

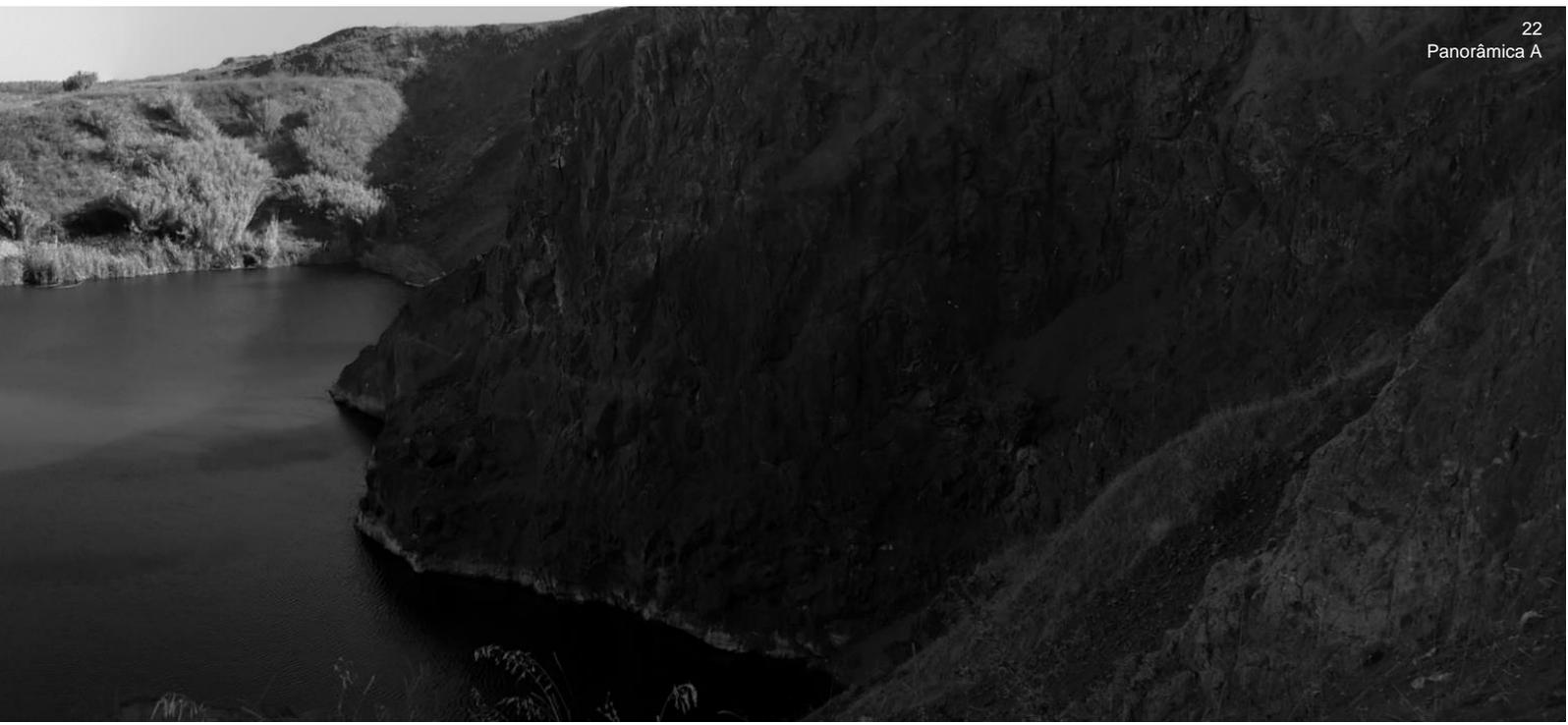
Há que referir que neste nível, e devido à desconstrução volumétrica, a vivência relativa à exploração do edifício é garantida, verticalmente, pela diferença altimétrica, que por sua vez afirma o sentido de objeto enterrado. Todos estes espaços referidos não estão somente destinados ao público que frequenta o espaço devido ao alojamento, mas também ao público em geral. A “imagem” de alojamento desta unidade afirma-se como uma aglutinação entre conceito de *hostel* e de *hotel rural*, em que os quartos estão dispostos isoladamente, mas os restantes serviços podem ser adquiridos autonomamente por cada um.

Estas duas intervenções de caráter arquitetónico são completadas pela

requalificação de espaços exteriores marcados por um conjunto de percursos que por sua vez integram as duas rotas, já referidas anteriormente.

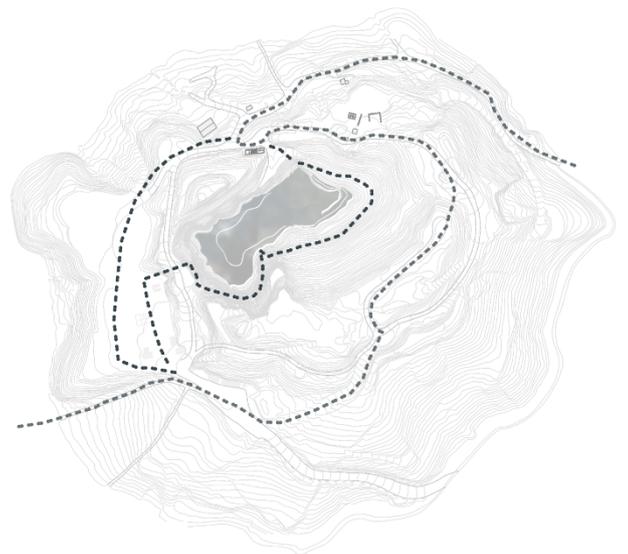
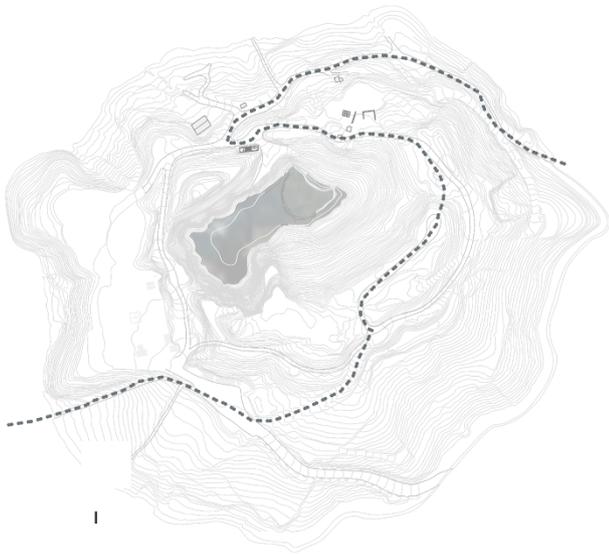
A requalificação destes percursos exteriores é conseguida a partir de uma hierarquização dos mesmos e todos recebem um revestimento permeável a partir de matérias primas do local, como o basalto. Um dos eixos está preparado de modo a receber veículos entre os dois edifícios projetados. Relativamente à reflorestação do espaço exterior à cratera, esta foi definida segundo cinco espécies de árvores de médio e grande porte e de duas espécies de arbustos. A seleção destas espécies foi baseada a partir de uma lista de espécies vegetais indígenas do território continental português, tendo em consideração as espécies vegetais presentes.

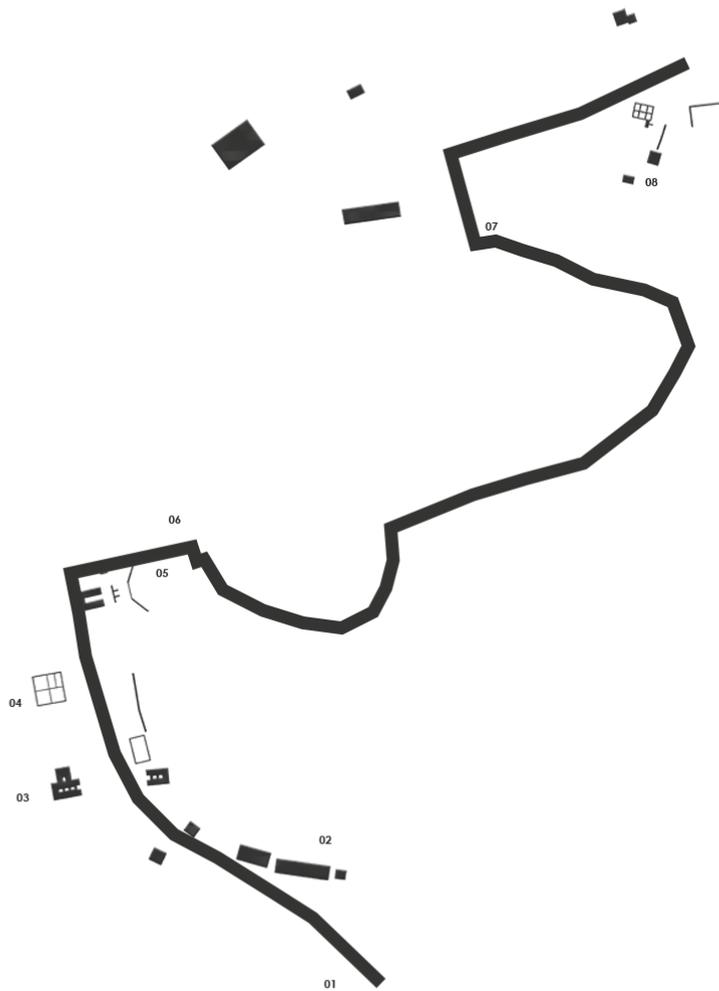




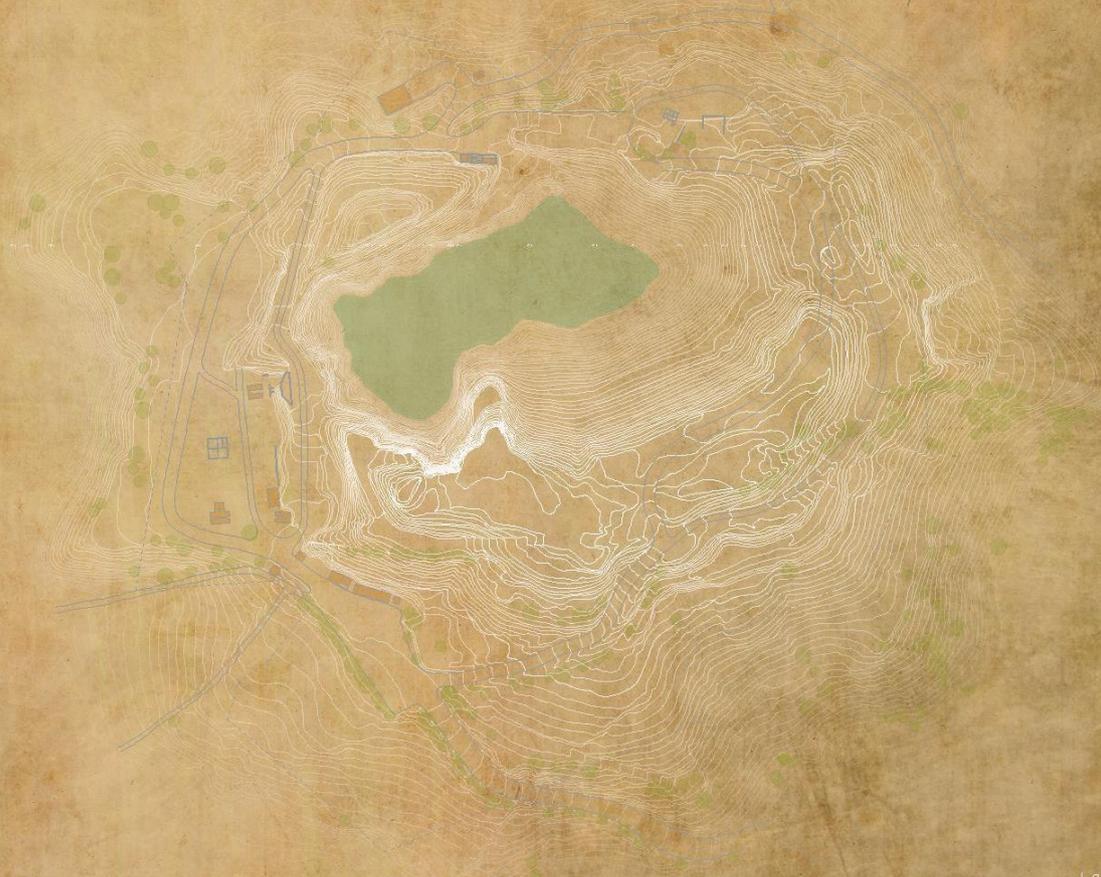








- 01. Estacionamento
- 02. Espaço de Apoio ao Trilho
- 03. Quiosque
- 04. Observatório
- 05. Galeria
- 06. Observatório
- 07. Espaço de Apoio Alojamento
- 08. Observatório

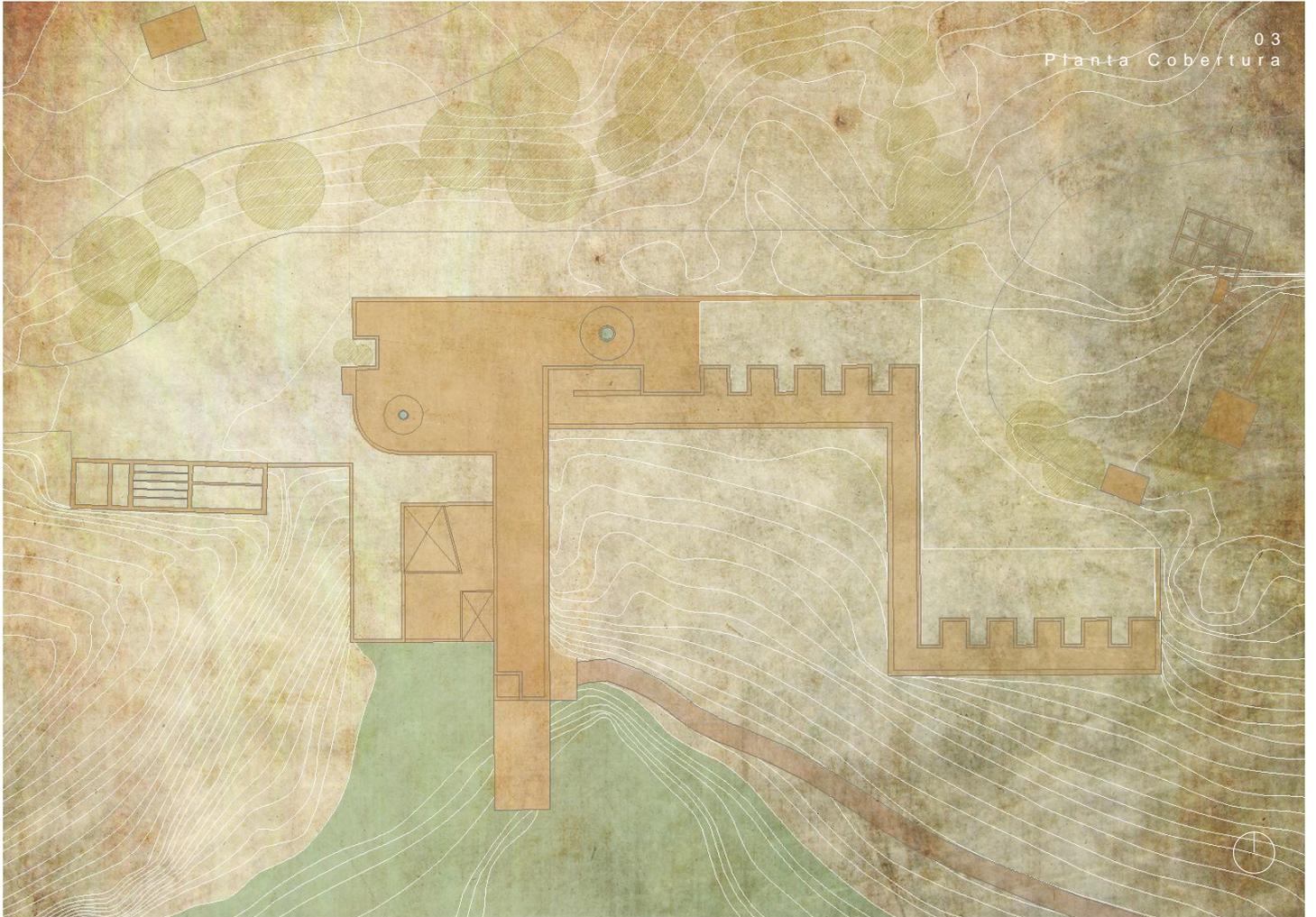


Linha Esboço Pedreira

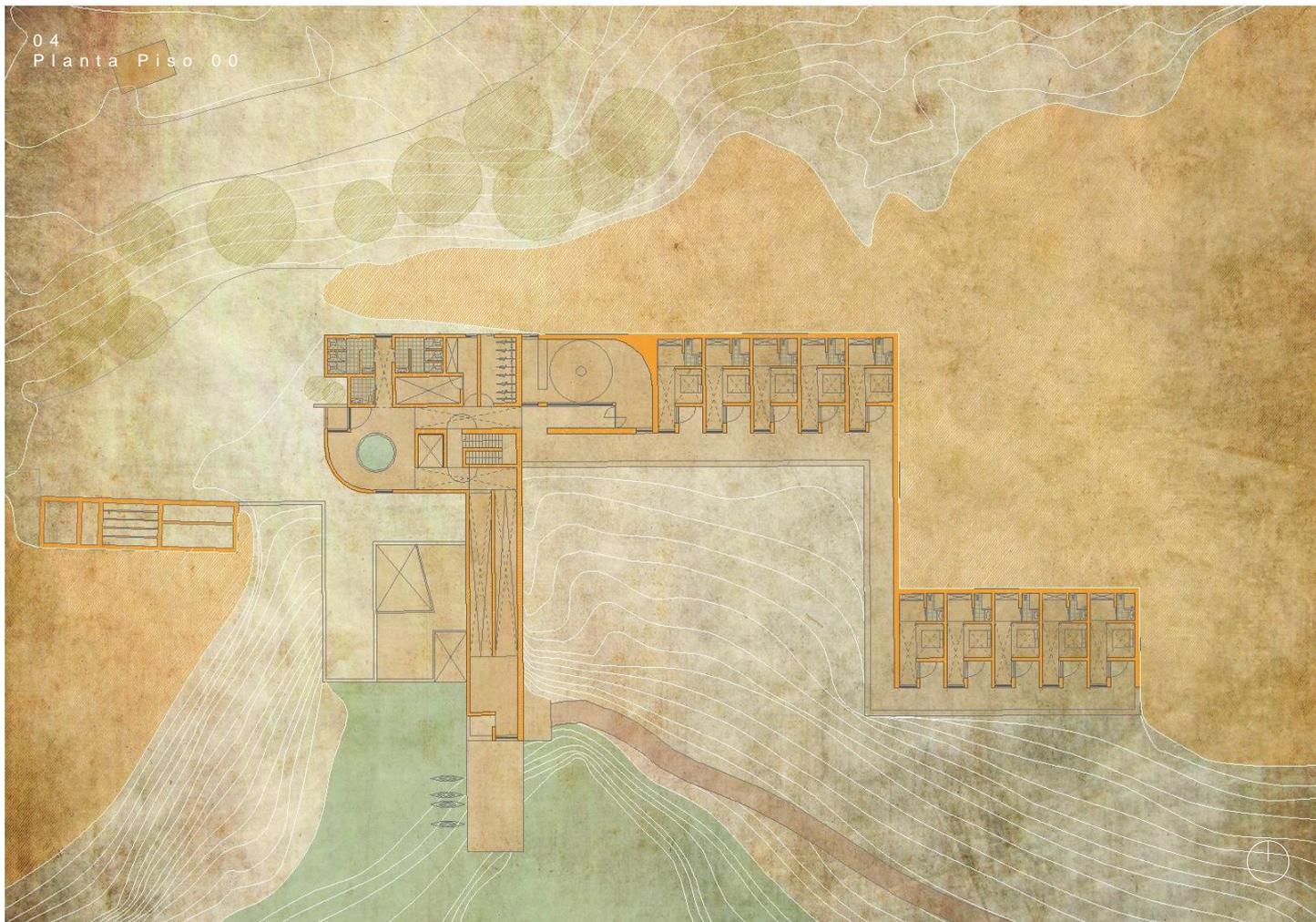
Percursoa Pedonals

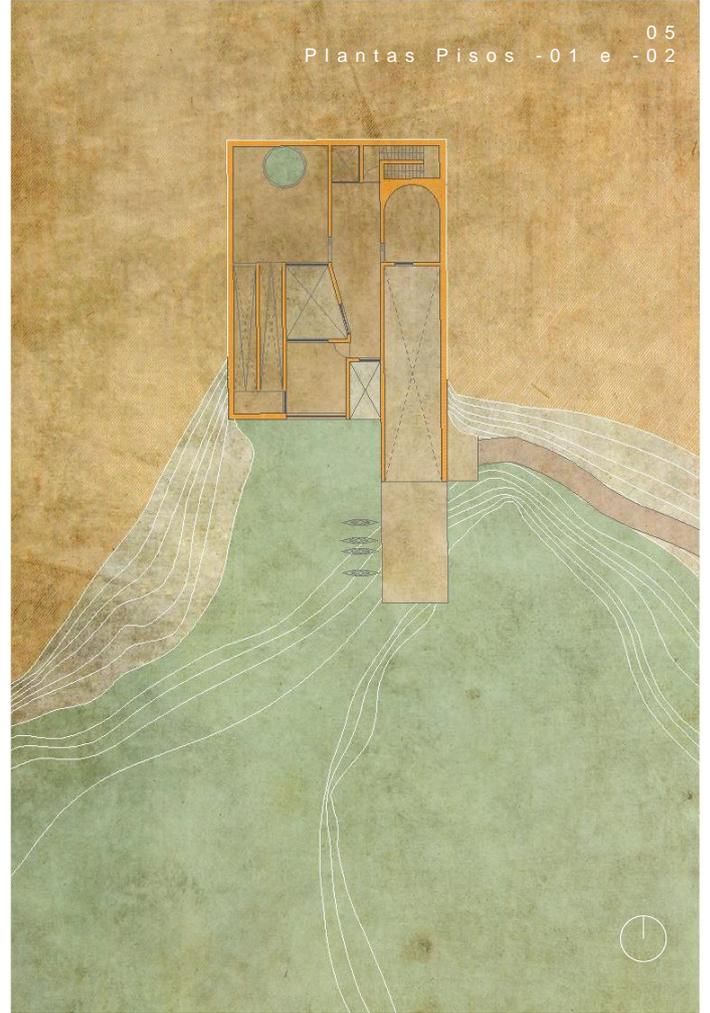
02
Planta Proposta Geral



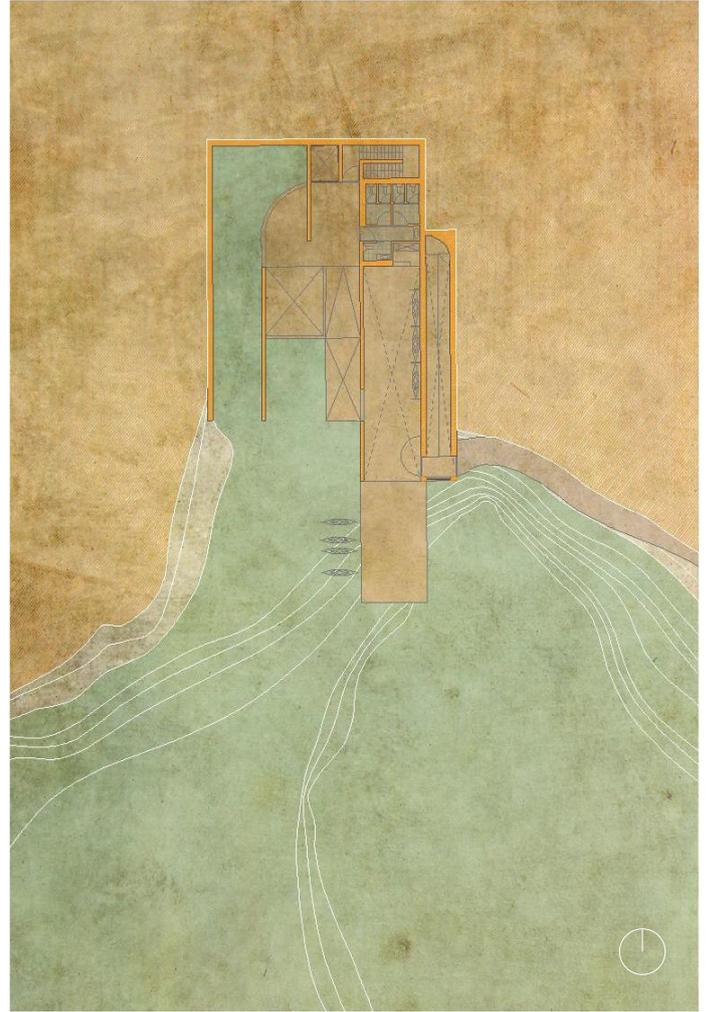
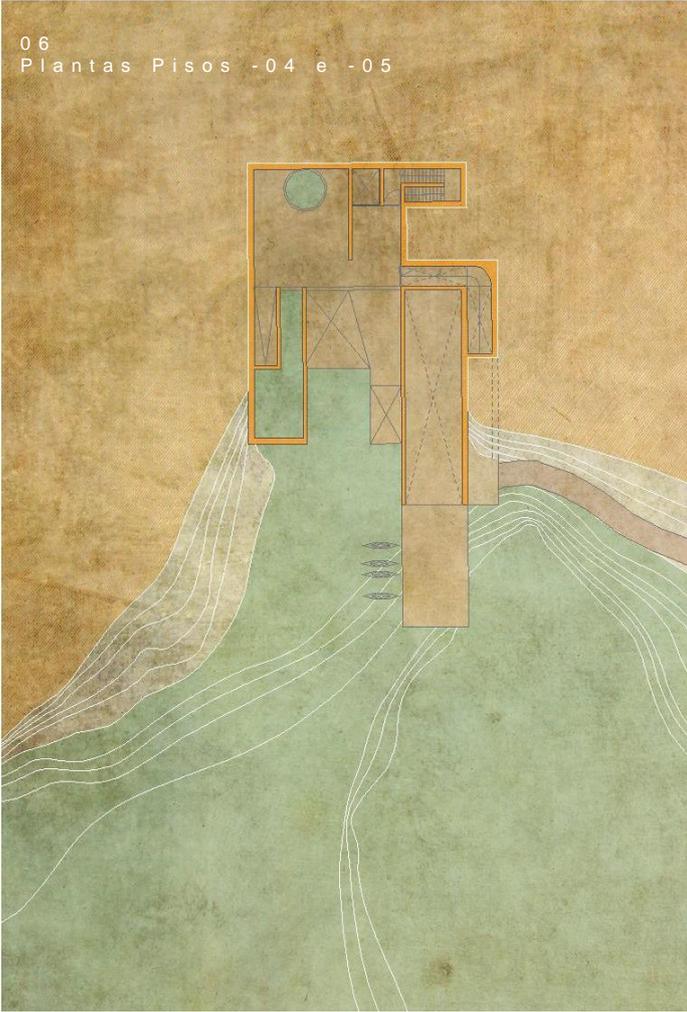


04
Planta Piso 00





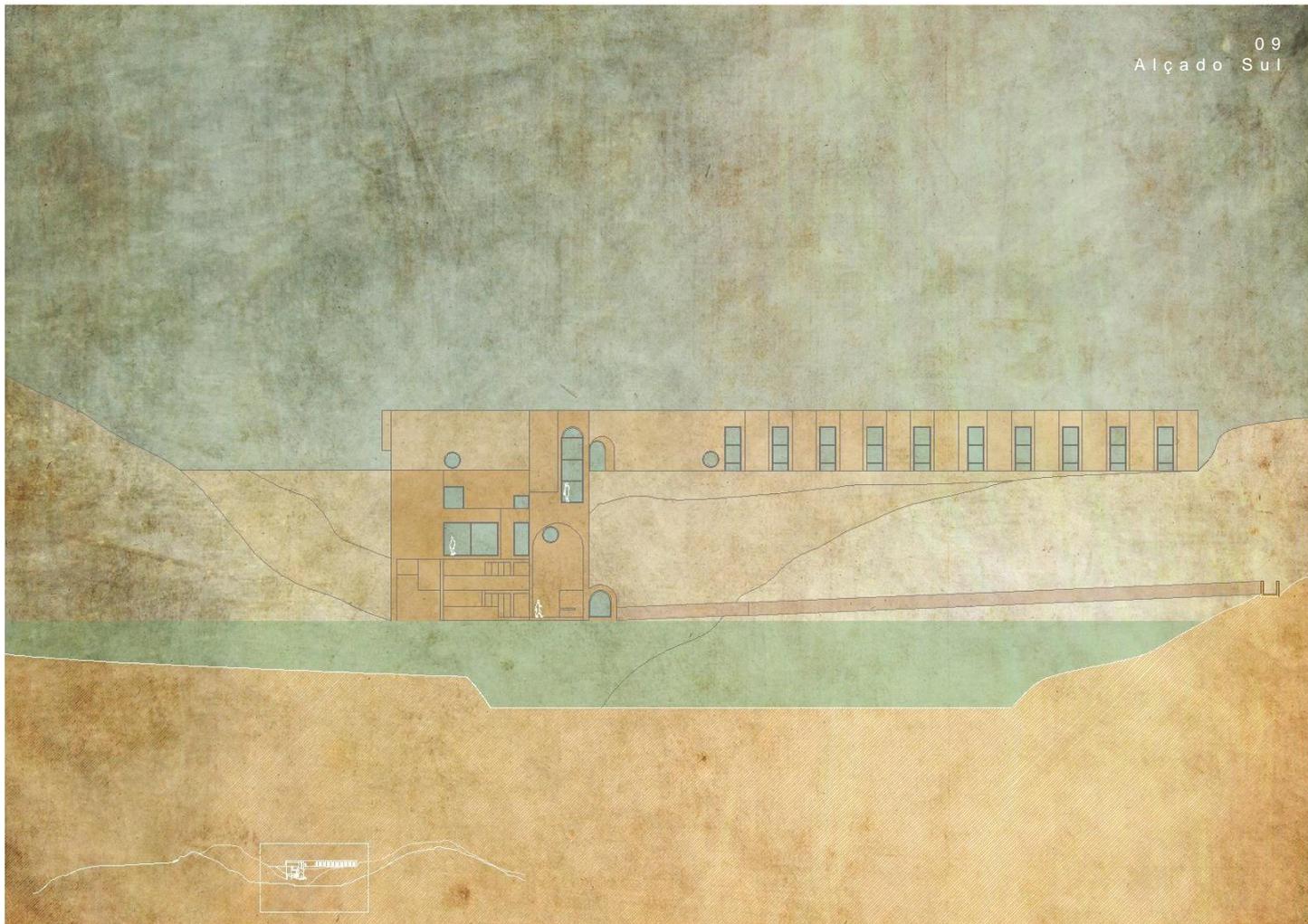
06
Plantas Pisos -04 e -05



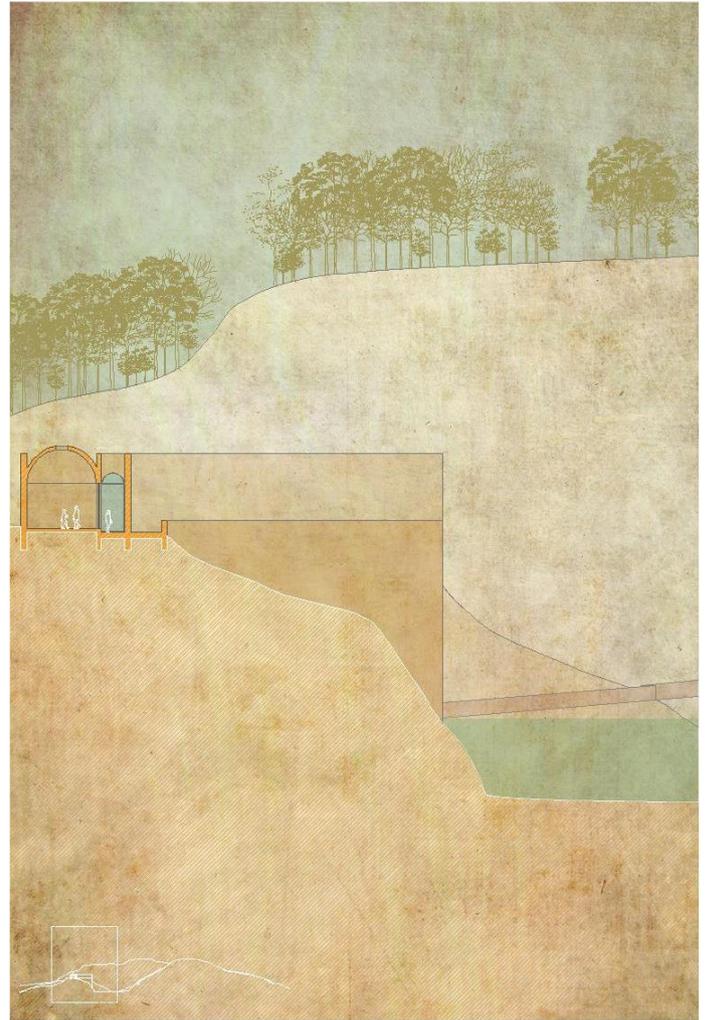
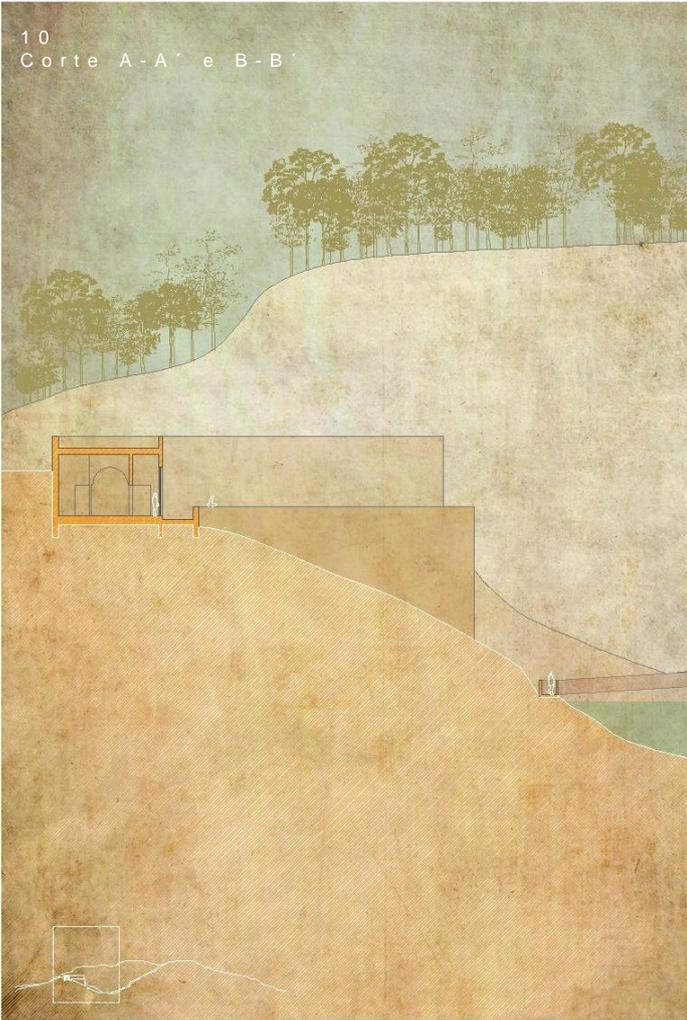


08
Alçado Poente



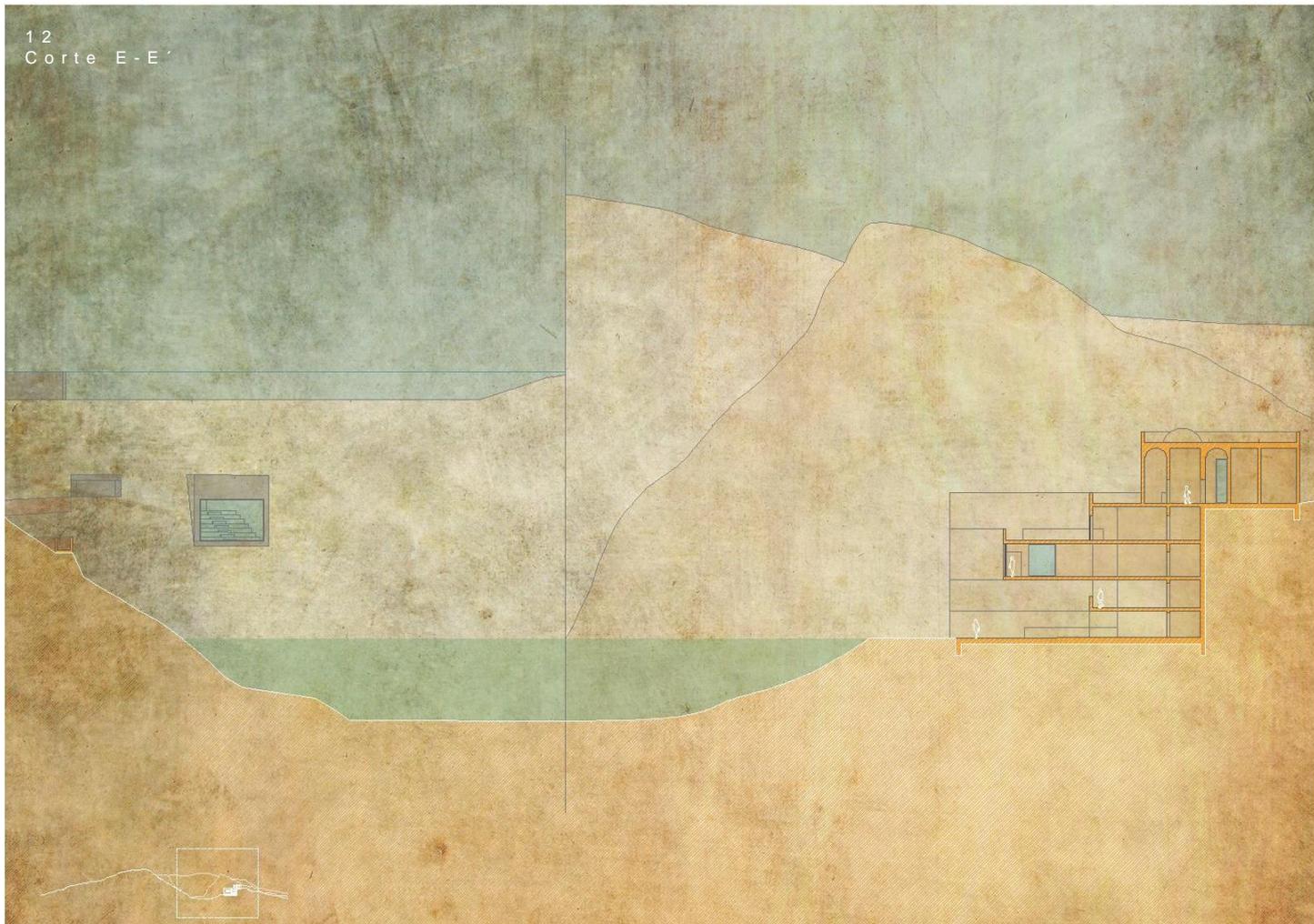


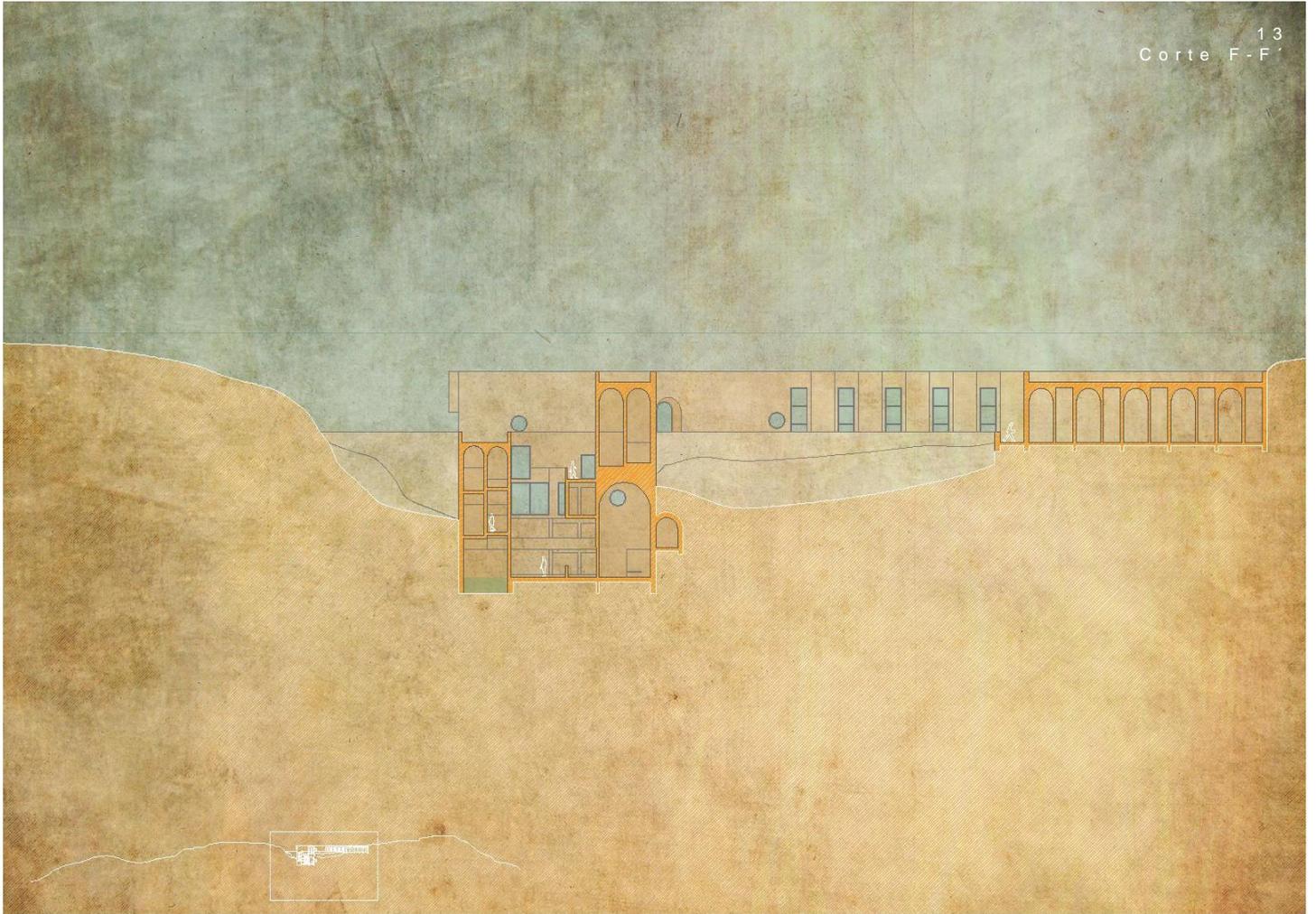
10
Corte A-A' e B-B'

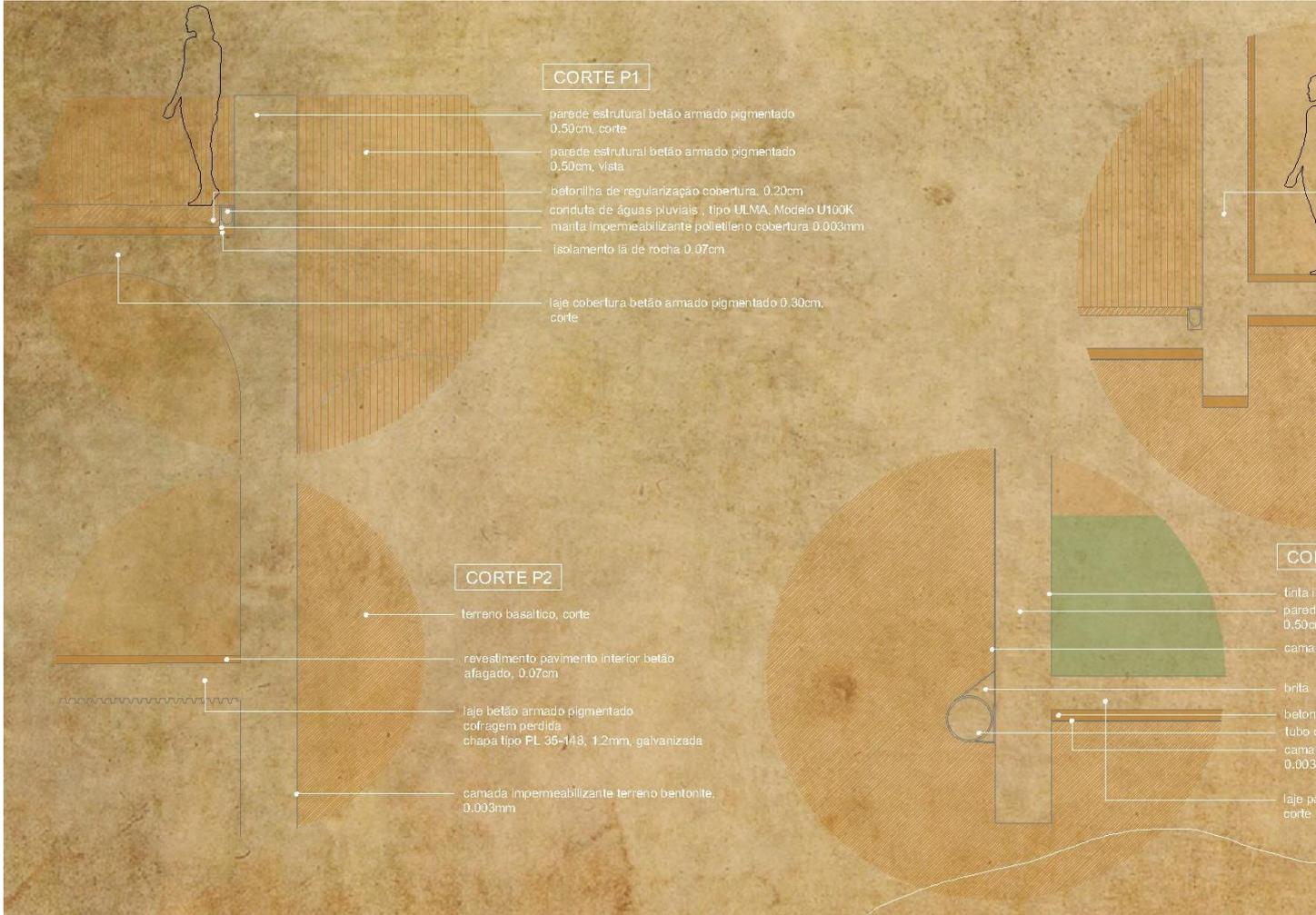




12
Corte E-E'







CORTE P1

- parede estrutural betão armado pigmentado 0.50cm, corte
- parede estrutural betão armado pigmentado 0.50cm, vista
- betonilha de regularização cobertura, 0.20cm
- conduta de águas pluviais, tipo ULMA, Modelo U100K
- manilha impermeabilizante polietileno cobertura 0.003mm
- isolamento lã de rocha 0.07cm

laje cobertura betão armado pigmentado 0.30cm, corte

CORTE P2

- terreno basáltico, corte
- revestimento pavimento interior betão afagado, 0.07cm
- laje betão armado pigmentado cofragem perdida chapa tipo PL 35-148, 1.2mm, galvanizada
- camada impermeabilizante terreno bentonite, 0.003mm

CORTE P3

- tinta impermeabilizante
- parede estrutural betão armado pigmentado 0.50cm, corte
- camada de isolamento
- brita
- betão
- tubo de drenagem
- camada impermeabilizante polietileno 0.003mm
- laje pavimento interior

15
Pormenores Construtivos

CORTE 6

- canhoneira metálica, 5mm
- chapa aço corten, 5mm espessura, corte
- parafuso aço galvanizado, 13mm comp., 6mm diâmetro, vista
- iluminação exterior
- perfil metálico, 5mm espessura
- perfil metálico, 10mm espessura
- terreno basáltico, corte

CORTE 7

- sapata em betão, 20x10
- guia aço corten, 5mm esp.
- brita solta, 10 cm
- manta não tecida, geotextel
- terreno basáltico, corte

C O N C L U S Ã O

Ao analisar o percurso académico é inevitável a compreensão do mesmo de um ponto de vista crítico em que se pode envolver e relacionar temas como a memória ou a referenciação do material académico produzido a obras arquitetónicas já construídas.

Esta conclusão não possui apenas o objetivo de constituir uma abordagem conclusiva ao projeto desenvolvido em PFA, mas sim ajudar a compreender e identificar uma linguagem arquitetónica consolidada por valores assumidos ao mesmo tempo que se afirmava uma identidade.

Nos primeiros anos houve a necessidade de compreender o que se se tratava a arquitetura. Uma compreensão bipartida: de um lado o contacto com novas formas de fazer e perceber arquiteturas e por outro, as constantes imagens referentes à arquitetura tradicional.

Ao longo do percurso académico e quase como um estado absoluto de introspeção, houve a necessidade de

reavivar memórias e imagens através da arquitetura de uma infância que se caracteriza por uma condição constante de interrogação sobre a arquitetura, sobre o seu peso e o seu papel, embora o conhecimento fosse quase nulo.

À parte da memória houve a necessidade também de entender a arquitetura como ruína. Não como objeto destruído e abandonado, mas como possuidor de histórias suficientemente fortes para se afirmar perante o tempo e perante a paisagem. E todo este tempo quanto maior fosse o contacto com novas formas de arquitetura e materialidades maior o reflexo de afirmação de valores da arquitetura que tentava construir como identidade.

A verdade é que o peso da paisagem e a necessidade de reavivar a memória do período de criação infantil, as imagens de arquitetura tradicional eram cada vez mais constantes, e estas reforçavam a ligação com o passado, como permanente no tempo e como condicionante da “minha arquitetura”.

Sempre tentei seguir uma forma sutil e tímida de fazer arquitetura em que por exemplo, nunca houve a intenção de prolongar as materialidades para além dos três materiais, o que na verdade é o que também acontece na arquitectura tradicional, em que o material afirma o seu potencial e a sua função: a terra, o basalto, a madeira e a cerâmica.

“Reduzir” a arquitectura a uma forma básica, simples, limpa, elementar é tentar afirmar aquilo o que realmente é, no seu essencial. Como possuísse o poder de nos levar numa viagem interior, ao nosso essencial e àquilo que realmente somos, desconstruindo as nossas personalidades. Acho que a arquitectura devia possuir este poder, de quase religiosidade.

E é desta forma que vejo tudo o que produzi: um conjunto de espaços onde houve a preocupação de criar formas, de sentir o espaço, o seu interior e a sua materialidade.

Assim, este trabalho final é como se disso tratasse, de uma tentativa de resumir e afirmar, não o conhecimento obtido e

assimilado, mas sim um percurso de autoconhecimento.

R E F E R E N C I A S
B I B L I O -
G R A F I C A S

ALAMBI – Associação para o Estudo e Defesa do Ambiente do Concelho de Alenquer - **Saída de Campo às Surraipas, Serra de Athougua e Cabeço de Meca**, 2016

BASTO, Mário, SILVA, Isabel Azevedo - **Restauração, Reabilitação e Reconversão na Recuperação Paisagística de Minas e Pedreiras**, 2007

BRILHA J. B. R., BRAGA, Sequeira, PROUST, D.A - **Disjunção Colunar na Chaminé Vulcânica de Penedo de Lexim (Complexo Vulcânico de Lisboa) – Morfologia e Génese**, 1998, Comunicação do Instituto Geologia e Minero

Espeleo Clube de Torres Vedras – **Geologia da Serra de Montejunto**. Jornal D’Alenquer, 1 de maio de 2000, p.36

Espeleo Clube de Torres Vedras – **Geologia da Serra de Montejunto**. Jornal D’Alenquer, 1 de junho de 2000, p.40

PEARMAN, Georgina - **101 Things To Do With a Hole in the Ground**, Post-Mining Alliance, 2009

QUEIROZ, Mónica Ribas Marques Ribeiro de - **O Arquitecto Mateus Vicente de Oliveira (1706 - 1785). Uma práxis Original na Arquitectura Portuguesa Setecentista**. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, 2013, Dissertação de Doutoramento

RAMALHO M., PAIS J. ,et al - **Carta Geológica de Portugal, Notícia Explicativa da Folha 34-A, Sintra, Escala 1/50 000**, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa 1993

Vários autores - **Espécies Arbóreas Indígenas em Portugal Continental, Guia de Utilização**, Edição Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, I. P. República Portuguesa, 2016

Vários autores - **Guião de Pedreiras**, Direção Geral de Energia e Geologia, República Portuguesa

Vários autores - **O Complexo Basáltico de Lisboa**, Direção – Geral de Geologia e Minas, comunicação dos Serviços Geológicos de Portugal, Tomo 66, Lisboa, 1980, p.111-134

ZBYSZEWSKI, G., ASSUNÇÃO T. - **Carta Geológica de Portugal, Notícia Explicativa da Folha 30-D, Alenquer, Escala 1/50 000**, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa 1993

FIGUEIREDO, Hermâni de Lemos – **Romaria centenária em honra a Santa**

Quitéria de Meca. Jornal D'Alenquer, 1 de junho de 2000, p.18 e 19

A N E X O 1.0

Visita ao Cabeço de Meca, Freguesia de Meca e Calbritas

27/10/2017

Engenheiro Paulo Marques

Paulo.Marques@cm-alenquer.pt

Sobre o Cabeço:

Chaminés próximas; Cabeço de Santa Quitéria, Cabeços das Coteínas, Cabeço do Socorro, Monte da Cabeça; A partir do Cabeço de Santa Quitéria observamos a Serra de Torres Vedras, Cabeço do Socorro e Moinhos de vento. Há uma torre de vigia contra incêndios no Cabeço.

Engenheiro é a favor de manter o Cabeço aberto com o lago. Sugere como espaço de lazer e de atividades

Outras informações:

Pintar dos Reis; Em Alto de Alenquer, para o lado do Cadaval, Meca, os habitantes pintam nas suas propriedades, gravuras simbólicas para celebrar os Reis.

Casas dos Romeiros; Habitações juntas à Basílica de Santa Quitéria que albergavam os Romeiros. Hoje encontram-se devolutas. Grande parte do área do Concelho de Alenquer são Quintas.

Há um Aqueduto, a nascente de Alvoel? Encontra-se desativado para consumo humano. Fazia ligações entre Nascente de Alenquer e a Ota.

Canhão da Ota em processo de ser considerado Património.

Jardim das águas em Alenquer; nascente e antiga praia.

D. Manuela

Funcionária da CMA

Em conversa

Trabalhei durante vários anos numa pedreira.

O sogro é o antigo proprietário do Cabeço de Meca.

A população residente junto ao Cabeço protestava contra a sua exploração, devido ao barulho e ruído.

Com o crescimento da pedreira, o sogro da D. Manuela, João Matos de Carvalho, empregou os habitantes antigos protestantes.

Por falta de recursos, poucos camiões, pouca maquinaria para extração e falta de testemunho na a família para dar continuidade à exploração, João Matos de Carvalho vende-a.

Engenheira Sofia Franco

Sofia.franco@calbrita.pt

Sobre o Cabeço

O cabeço inicialmente pertencia ao João Matos de Carvalho.

A exploração era pequena, e haviam duas pedreiras paralelas.

Calbritas assinou o contrato de compra do Cabeço de Meca em 1996: 81.200m² em que 5000m² eram de exploração. Unificou as duas pedreiras.

É uma pedreira de Classe 2.

Basalto estava muito fraturado.

Sobre o PARP: fazer aterro e só depois reflorestar. O aterro tem que ser feito com

terras limpas, uma vez que são escassas, este processo poderá demorar vários anos.

A N E X O 1.2

Ineg – Laboratório Nacional de Energia e Geologia

14/11/2017

Geóloga Susana Machado

Susana.machado@ineg.pt

Pedreira: Desde os anos 90, antes de explorar um terreno para exploração, é necessário efetuar um Estudo de Impacto Ambiental. Dentro deste estudo, encontra-se o PARP, que literalmente consiste na definição de medidas para aterro e reflorestação.

Atualmente nas pedreiras, é obrigatório, a par do processo de exploração, a recuperação consoante a exploração, enterrando o que já foi extraído à medida que a exploração avança.

No PARP, as matérias utilizadas para aterro são os considerados “solos limpos” ou excedentes das matérias retiradas das pedreiras. Há pedreiras em Portugal, em que compram excedentes de outras.

Relativamente à contaminação das águas: podem ser por contaminação química ou natural. Na mina de São Domingos, as águas encontram-se contaminadas devido à presença de sulfatos libertados pelas rochas.

As pedreiras possuem valor geológico, científico, didático e paisagístico.

Pedreiras Históricas do Mosteiro da Batalha – + propícias à preservação e porque encontram-se inseridas num parque.

Cabeço de Meca: O Cabeço de Meca, possui basalto em que os seus de minerais não visíveis a olho nú. Nos Açores, como a sua formação é mais recente, é visível alguns minerais a olho nú, como as Olivinas, por exemplo.

Referências recomendadas

Mina de São Domingos – Património Industrial

Mina de Neves Corvo, Baixa Alentejo

Cabeço de Montachique – Prismas basálticos hexagonais típico das Chaminés

Pedreira de Mármore em Estremoz – Pedreira mais funda de Portugal

Rota das Minas

Bibliografia recomendada

<http://www.roteirodeminas.pt/>

Base de dados Lneg – Património Industrial

A N E X O 1.3

Museu Geológico de Lisboa

03/11/2017

Engenheiro Jorge Sequeira

Jorge.sequeira@ineg.pt

Cabeço/Complexo Vulcânico de Lisboa

No Final do Paleozoico havia já formações e água. Final do Cretáceo; surge o a Chaminé que por sua vez, rompe, fura a matéria já existente.

A água pode subir de nível sazonalmente. Calcário avermelhado, quando se encontra junto ao basalto. Há exemplos de pedreiras. Importância do Complexo Vulcânico de Lisboa – É importante, mas complexo, motivo pelo que “ninguém o estuda”.

Referências

Em Inglaterra há pedreiras que são deixadas abertas.

Antiga pedreira na Amadora, onde se encontra o *Dolce Vita Tejo*, foi lixeira.

Pedreiras Históricas: Pedreira do Mosteiro da Batalha

Bibliografia

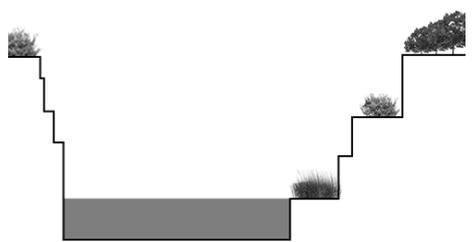
Site do Lneg; Geo Sítios e Geo Naturais

Biblioteca do LNEG; Carta Geológica

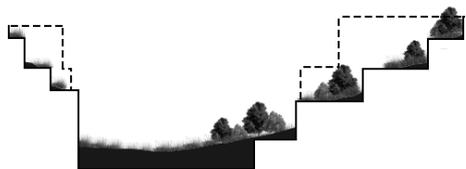
Biblioteca da FACUL; Tese de Doutoramento, Professor Serralheiro, 1988 – “Contribuição para... do Complexo Vulcânico de Lisboa”

Biblioteca da Faculdade de Letras; Mapoteca

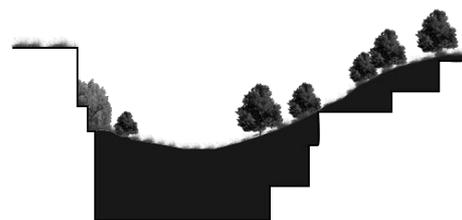
A N E X O 2



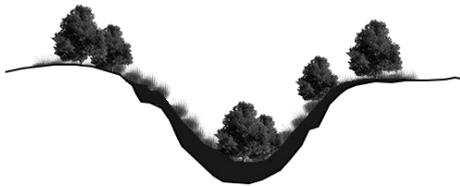
a
Ausência de enchimento



b
Enchimento mínimo



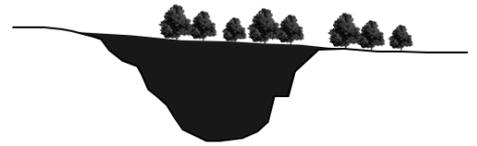
c
Enchimento parcial



d
Enchimento quase reduzido

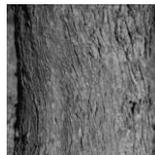
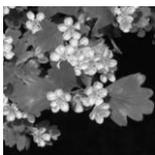


e
Enchimento quase completo



f
Enchimento completo

A N E X O 3



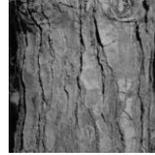
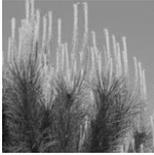
Nome Comum: Pilriteiro
Nome Científico: *Crataegus*
Monogyna
Origem: Europa e Ásia
Tipo: Autóctone
Perenidade: caducifólia
Forma de Vida: Arbusto
Altura Máxima: 10 metros



Nome Comum: sanguinho-das-sebes
Nome Científico: *Rhamus Alaternos*
Origem: Europa, África, Ásia
Mediterrânica
Tipo: Autóctone
Perenidade: Perenifólia
Forma de Vida: Arbusto
Altura Máxima: 5 metros



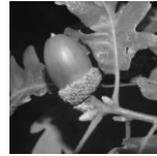
Nome Comum: Pinheiro Bravo
Nome Científico: *Pinus Pinaster*
Origem: Europa e África Mediterrânica
Tipo: Autóctone
Perenidade: perenifólia
Forma de Vida: Árvore
Altura Máxima: 40 metros



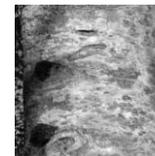
Nome Comum: Pinheiro Manso
Nome Científico: *Pinus Pinea*
Origem: Europa, África e Ásia Mediterrânica
Tipo: Autóctone
Perenidade: perenifólia
Forma de Vida: Árvore
Altura Máxima: 30 metros



Nome Comum: Cerejeira Brava
Nome Científico: *Prunus Avium*
Origem: Europa Mediterrânica, Norte de África, Ásia Ocidental
Tipo: Autóctone
Perenidade: Caducifólia
Forma de Vida: Árvore
Altura Máxima: 30 metros



Nome Comum: Carvalho Negral
Nome Científico: *Quercus Pereneia*
Origem: Península Ibérica, França, Itália
Tipo: Autóctone
Perenidade: Caducifólia
Forma de Vida: Árvore
Altura Máxima: 25 metros



Nome Comum: Tramazeira
Nome Científico: *Sorbus Aucuparia*
Origem: Europa e Ásia
Tipo: Autóctone
Perenidade: caducifólia
Forma de Vida: Árvore
Altura Máxima: 20 metros

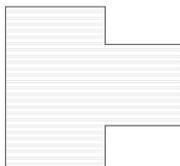
A N E X O 4

cravagem final



planta de cobertura

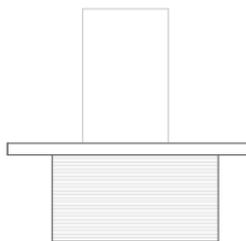
granulação terciária e cravagem secundária



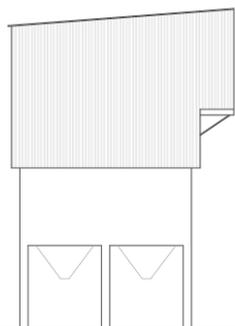
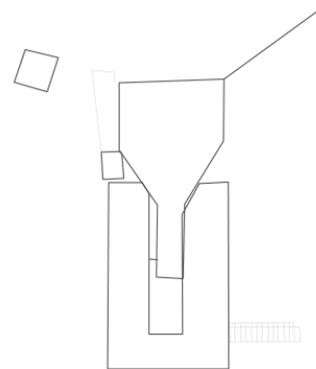
granulação secundária



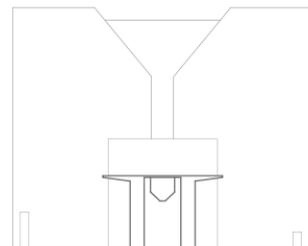
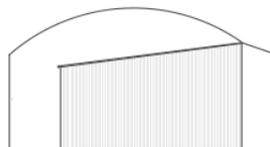
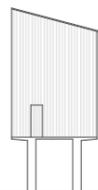
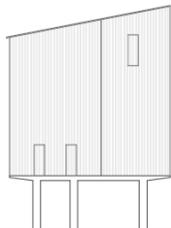
pilha intermédia



britagem primária



alçado nascente





planta de cobertura



planta cota 1.20



alçado poente



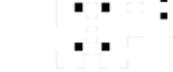
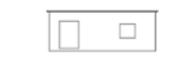
alçado nascente



alçado norte



alçado sul



“Podemos de vez em quando, e com sentimento de culpa, sentir o desejo de criar uma casa para nos vangloriarmos diante dos outros. Mas somente se a parte mais verdadeira de nós mesmos for egomaniaca é que a urgência de construir será dominada pela necessidade de se mostrar. Pelo contrário, na sua forma mais autêntica, o impulso arquitetônico parece associado a um desejo de comunicação e comemoração, uma ânsia de nós declaramos ao mundo por meio de um registo não verbal, por intermédio da linguagem dos objetos, cores, tijolos: uma ambição de deixar que os outros saibam quem somos – e, nesse processo, lembrar de nós mesmos.”

Alain De Botton, *A Arquitetura da Felicidade*